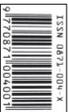


Macau 澳門

15 ANOS DE FÓRUM MACAU

REPENSAR ESTRATÉGIAS

Representantes da China e dos países de língua portuguesa reuniram-se para discutir o mecanismo do Fórum, a sua eficácia, benefícios para os Estados-membros e contribuições para a construção de Macau como plataforma de cooperação com os países de língua portuguesa



JAO TSUNG-I
UM INTELLECTUAL
MULTIFACETADO



ROTEIRO CULTURAL
ESPAÇOS E EVENTOS
DEDICADOS ÀS ARTES



Coleccione Selos
de Macau

收 藏 澳 門 郵 票

Collect
Macao's Stamps



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491 傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau





DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

EDITORA EXECUTIVA

Maria João Oliveira

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

ENDEREÇO

Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804, Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 • Fax: (+853) 2835 5426 • E-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 8294 2274 • Fax: (+853) 8294 2399

EDITOR

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Catarina Lau Pineda [CLL Design]

WEB DESIGN

Rita Ferreira

COLABORADORES

Ana Marques Gonçalves (Portugal), Catarina Domingues,
Cláudia Aranda, Diana do Mar, Fátima Valente, Fernando Sales Lopes,
João Gonçalves, João Paulo Menezes (Portugal), Juvenal Rodrigues
(São Tomé e Príncipe), José Simões Morais, Hélder Beja, Luciana Leitão,
Marco Carvalho, Mónica Menezes (Portugal), Pedro Cativelos (Moçambique),
Raquel Dias, Sandra Lobo Pimentel e Sin lok I

TRADUÇÃO

Sin lok I

FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal),
Ricardo Franco (Moçambique), Tatiana Lages, Tiago Alcântara

*As imagens que estão publicadas nesta edição e não estão creditadas foram
adquiridas em diferentes bancos de imagem, devidamente licenciados.*

ILUSTRAÇÃO

Rodrigo de Matos

FOTOGRAFIA DA CAPA

Gabinete de Comunicação Social do Governo da RAEM

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE

Av. Comercial de Macau, 251A-301, AIA Tower, 20.º andar, Sala 63
Tel: (+853) 8294 2274 • Fax: (+853) 8294 2399
e-mail: contacto@revistamacau.com • www.revistamacau.com

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM

1500 exemplares

ISSN: 0871-004X



www.revistamacau.com

www.facebook.com/RevistaMacau

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:



Uma boa parte desta edição é dedicada à actividade do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau).

Nas vésperas do fecho da edição realizava-se na Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) a 13.ª reunião ordinária do Secretariado Permanente do Fórum, que foi precedida de um seminário a propósito do 15.º aniversário dessa estrutura lançada pelo Governo Popular Central em 2003 e sediada em Macau.

De tudo isso damos conta em trabalhos publicados nas páginas que se seguem, mas merece uma referência especial o facto de terem sido convidados a estarem presentes no seminário comemorativo antigos dirigentes do Secretariado Permanente e diversos representantes dos países de língua portuguesa, imprimindo assim uma amplitude abrangente ao evento.

O futuro da actividade do Fórum Macau foi uma tónica forte dos encontros de finais de Março, incluindo o anúncio de que durante 2018 serão conhecidos os resultados de uma avaliação da actividade do Fórum nos últimos 15 anos, levada a cabo pela prestigiada Academia de Ciências Sociais da China (CASS, na sigla inglesa). Isso incluirá a sugestão de linhas de actuação e de actividades futuras.

Desse mesmo ambiente de renovação na actividade do Fórum damos conta num trabalho jornalístico em torno da nova equipa dirigente do seu Secretariado Permanente, que se foi constituindo após a tomada de posse da secretária-geral Xu Yingzhen em 2016. Além de Xu Yingzhen, o novo corpo dirigente inclui os secretários-gerais adjuntos Ding Tian, indicado pelo Governo Popular Central, Rodrigo Brum, indicado pelos países de língua portuguesa, e Echo Chan, indicada pelo Governo da RAEM.

Esta renovação coincidiu com alguma mudança ao nível dos delegados dos países de língua portuguesa no Fórum Macau e a entrada em funções, pela primeira vez, do delegado de São Tomé e Príncipe.

Esta edição da revista inclui ainda, entre muitos outros temas, um trabalho a propósito dos 35 anos de relações diplomáticas entre a China e Angola, cuja celebração foi assinalada pela visita a Luanda do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Wang Yi.

Luís Ortet





22

6 ACONTECEU
As notícias que marcam a actualidade da RAEM

12 15 ANOS DE FÓRUM MACAU
A contribuição para as relações sino-lusófonas do Fórum que nasceu em Macau em 2003

20 O FUTURO DO FÓRUM MACAU
Responsáveis pelo mecanismo multilateral de cooperação olham para o futuro

28 RELAÇÕES CHINA-ANGOLA
Numa altura em que se assinalam 35 anos de relações diplomáticas, Pequim e Luanda querem muito mais

32 RADAR LUSÓFONO
Os últimos acontecimentos nas relações entre a China e os países de língua portuguesa

22 ZHONGSHAN: VIZINHO ESTRATÉGICO
A terra que viu Sun Yat-sen nascer, Zhongshan, é hoje um parceiro incontornável de Macau

40 ACESSO FACILITADO AO ENSINO SUPERIOR
Protocolos assinados entre instituições de Portugal com a RAEM abrem novas perspectivas para estudantes locais

46 INSTITUTO CONFÚCIO CHEGA À RAEM
A nova representação do Instituto Confúcio na Universidade de Macau tem por propósito contribuir para o reforço da cooperação ao nível da educação e da cultura entre a RAEM e o Interior do País



54

GLP



72

54 COMUNIDADES LUSÓFONAS EM MACAU
Macau é hoje a casa de muitos residentes vindos do mapa da lusofonia. Saiba como as comunidades lusófonas residentes na cidade mantêm vivas as suas tradições

62 ROTEIRO CULTURAL DE A A Z
Entre galerias e espaços multifacetados, uma casa dedicada ao cinema e outra ao design, a RAEM tem hoje lugares de cultura que se estendem da zona norte da cidade à Taipa e a Coloane

72 EFEMÉRIDE: JAO TSUNG-I
“Um dos maiores intelectuais da actualidade da China”, foi também “um homem do mundo”, que aprendeu línguas e se interessou pela cultura do outro para melhor compreender a sua

78 BIENAL DE VENEZA: O TRIO DE MACAU
A carta de jogo figura como o elemento base do projecto que vai representar Macau na Bienal de Arquitectura de Veneza

84 ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS
Novidades e sugestões para os próximos meses

90 MEMÓRIAS: GALERIA DO TAP SEAC
De casa de família abastada à galeria de arte

DIAS DEDICADOS ÀS LETRAS

A sétima edição do Festival Literário de Macau – Rota das Letras, que decorreu entre 10 e 25 de Março, voltou a reunir grandes autores da actualidade, com destaque para o brasileiro Julián Fuks (vencedor da última edição do prémio José Saramago), as portuguesas Ana Margarida de Carvalho, Isabel Lucas, Isolda Brasil e Helena Carvalhão Buescu, a cabo-verdiana Dina Salústio e o moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa. A organização também apostou este ano na presença de escritores de língua inglesa que escrevem sobre a Ásia, tal como Peter Hessler e Leslie T. Chang (Estados Unidos) ou Victor Mallet (Reino Unido). O Festival Literário de Macau – Rota das Letras foi fundado em 2012 pelo jornal local Ponto Final e junta todos os anos dezenas de escritores, editores, tradutores, jornalistas, músicos, cineastas e artistas plásticos de diversas geografias e nacionalidades. Trata-se do “maior encontro de literatos da China e dos países de Língua Portuguesa alguma vez organizado no mundo”, segundo a organização.



CHEFE DO EXECUTIVO PARTICIPA NA ABERTURA DA APN

Chui Sai On assistiu à cerimónia de abertura da primeira sessão da 13.ª Assembleia Popular Nacional em Pequim. Na capital chinesa, visitou vários departamentos do Governo Central, incluindo a Comissão de Desenvolvimento e Reforma, o Ministério do Comércio e a Administração de Alimentos e Medicamentos. Na visita ao Ministério do Comércio e à Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma, o Chefe do Executivo procurou debater o plano de trabalhos da participação e apoio de Macau à iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”. Na delegação oficial da RAEM viajaram o secretário para a Economia e Finanças, Lionel Leong, o director do Gabinete de Comunicação Social, Víctor Chan, a coordenadora do Gabinete de Protocolo, Relações Públicas e Assuntos Exteriores, Lei Iut Mui, entre outros.

RENDIMENTOS DA RESERVA FINANCEIRA ULTRAPASSAM 22 MILHÕES DE PATACAS

Os rendimentos dos investimentos de Macau ascenderam, em 2017, a 22,07 mil milhões de patacas, representando uma rentabilidade anual de cerca de 4,8 por cento. Um comunicado da Autoridade Monetária de Macau (AMCM) revela que até finais de Dezembro do ano passado, os valores dos capitais da Reserva Financeira de Macau totalizavam 490 mil milhões de patacas, em termos de estimativa preliminar, um aumento de 11,7 por cento em comparação com 2016. Daquele montante, a reserva básica representava 127,9 mil milhões de patacas e a reserva extraordinária 362,1 mil milhões de patacas. A reserva financeira de Macau foi criada em Fevereiro de 2012.



Economia cresce 9,1% em 2017

A economia de Macau cresceu 9,1 por cento no ano passado, pondo termo à contracção económica dos últimos três anos. Dados divulgados pela Direcção dos Serviços de Estatística e Censos avançam que no primeiro semestre do ano passado, a economia de Macau subiu 11,2 por cento, e no segundo semestre cresceu 7,2 por cento. A procura interna manteve “um comportamento fraco, com uma contracção anual de 2,7 por cento”, mas a economia recuperou “o crescimento positivo”, com a subida da procura externa. O aumento das entradas e despesas dos visitantes no ano passado levaram a um crescimento das exportações de serviços de 15,4 por cento em relação ao ano anterior. Em 2017, o Produto Interno Bruto atingiu 404,2 mil milhões de patacas e o PIB ‘per capita’ 622.803.



GAES leva alunos à Europa

O Gabinete de Apoio ao Ensino Superior tem um total de 20 vagas para estudantes do ensino universitário viajarem até à União Europeia, à UNESCO e à Universidade de Cambridge no Verão deste ano. As actividades destinam-se a residentes de Macau que frequentam, no ano lectivo de 2017/2018, o 2.º ano ou superior, de um curso de bacharelato ou licenciatura numa das instituições do ensino superior de Macau ou do exterior. Exceptuam-se os finalistas, deste ano lectivo. O programa tem “como objectivo permitir que os estudantes do ensino superior de Macau conheçam melhor o funcionamento das organizações da União Europeia e da UNESCO, e aprofundem os seus conhecimentos sobre as relações entre estas organizações e Macau”, escreveu num comunicado o Gabinete de Apoio ao Ensino Superior.

Benfica soma duas vitórias na Taça da Confederação Asiática

O Benfica de Macau a estrear-se na fase de grupos da Taça AFC em futebol já realizou dois jogos e somou os seis pontos em disputa. No primeiro encontro, no Estádio de Macau, bateu o Hang Yuen FC de Taiwan por 3-2, depois de ter estado a perder ao intervalo por 2-0. A equipa tetracampeã de Macau mudou o resultado no início da segunda parte, com o central Gil Nguema a marcar aos 49 minutos. A figura do jogo acabou por ser Leonel Fernandes, com golos aos 61 e 64 minutos. «Este é um dia histórico para Macau. Não é fácil estar a perder e dar a volta», disse o treinador Bernardo Tavares. Depois do bom resultado em casa, os encarnados viajaram até Pyongyang, na Coreia do Norte, para defrontar uma das duas equipas do país que integram o Grupo I. No jogo com o Hwaepul, que tinha perdido na primeira jornada com o 25 de Abril, o Benfica começou melhor com um golo de Leonel Fernandes, mas a formação da casa empatou de grande penalidade. Ainda antes do intervalo, David Tetteh voltou a colocar a equipa em vantagem, mas no recomeço o Hwaepul voltou a marcar. Coube a Leonel Fernandes decidir o vencedor da partida, com um golo no último quarto de hora que deu mais três pontos à equipa da RAEM, que fica na liderança do grupo a par do 25 de Abril que também ganhou em Taiwan ao Hang Yuen FC, por 5-1. A Taça AFC é organizada pela Confederação Asiática de Futebol e é uma competição anual entre clubes de países-membros.



FDCT prevê acordo de cooperação científica com Portugal

O Fundo para o Desenvolvimento das Ciências e da Tecnologia (FDCT) de Macau anunciou que vai assinar este ano um memorando de cooperação científica com a Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal. O conselho de administração do FDCT explicou que este é um plano de apoio financeiro conjunto ainda por definir, mas que deverá começar “este ano e no máximo por três anos”. O presidente do FDCT, Ma Chi Ngai, referiu que o acordo só avança depois de “definido um orçamento e de escolhidos os temas de estudo, em áreas como ambiente, tecnologias de informação ou medicina”. Se um projecto for aceite, “Macau vai subsidiar com um milhão de patacas e Portugal com 100 mil euros”, explicou Cheang Kun Wai, membro do conselho de administração.

COMPANHIA DE CORRIDAS DE CAVALO VÊ CONCESSÃO RENOVADA ATÉ 2042

O Governo da RAEM prorrogou o contrato de concessão da exploração de corridas de cavalo até ao final de Agosto de 2042. A decisão foi justificada com um “plano de investimento apresentado pela Companhia de Corridas de Cavalos de Macau, que favorece o desenvolvimento de Macau como centro mundial de turismo e lazer”, explicou um comunicado oficial. A Companhia de Corridas de Cavalos de Macau definiu um investimento de 1500 milhões de patacas para melhoria das instalações e o desenvolvimento de mais actividades que não estão relacionadas com o jogo.





Alexis Tam defende em Pequim ensino de patriotismo

Na capital chinesa, onde esteve entre 8 e 9 de Março, o secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Alexis Tam, reuniu-se com o ministro da Educação, Chen Baosheng, e o ministro da Cultura, Luo Shugang, com quem trocou ideias sobre o intercâmbio e a cooperação entre Macau e o Interior da China nos âmbitos da educação, cultura, arte, salvaguarda do património mundial e formação de quadros qualificados. De acordo com um comunicado emitido pelo gabinete do secretário, o Governo da RAEM pretende “reforçar os recursos para construir mais bases para o ensino do patriotismo, história e cultura, de modo a cultivar a qualidade cultural e o sentimento de amor à Pátria dos jovens de Macau”.

RITA SANTOS REELEITA PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL DAS COMUNIDADES NA ÁSIA E OCEÂNIA

A responsável pelo Círculo China, Macau e Hong Kong foi reeleita presidente do Conselho Regional dos Conselheiros das Comunidades Portuguesas da Ásia e Oceânia. A reeleição da também membro da Comissão Permanente do Conselho das Comunidades Portuguesas decorreu em Sidney (Austrália) e foi decidida por unanimidade. Segundo Rita Santos, a presidência abrange a jurisdição sobre a Austrália, Timor-Leste, Tailândia, Coreia do Sul, Singapura, Indonésia, Japão, Índia, China e as regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong. Rita Santos destacou a presença na reunião de José Luís Carneiro, a quem agradeceu o empenho na concretização do alargamento do prazo do Cartão de Cidadão de cinco para 10 anos e a possibilidade de os netos dos portugueses adquirirem a nacionalidade portuguesa.

POPULAÇÃO DIZ SIM AOS CHEQUES PECUNIÁRIOS

De acordo com um estudo do Centro de Pesquisa de Macau, a comparticipação pecuniária merece a aprovação da população local. Entre os 201 entrevistados pelo centro, 52,7 por cento deram nota positiva ao Plano de Comparticipação Pecuniária do Governo da RAEM. De acordo com o plano, são atribuídas 9000 patacas a todos os residentes permanentes de Macau e 5400 patacas aos residentes não permanentes. O objectivo da iniciativa, que celebra este ano uma década, é, de acordo com o governo, “partilhar com a população os frutos do desenvolvimento económico” de Macau.



Duas mil árvores até final do ano nas zonas urbanas

Duas mil árvores vão ser plantadas nos jardins e ruas de Macau até o final deste ano, anunciou o Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM). Estas árvores, de 15 espécies diferentes, vão ser mais robustas e resistentes ao vento, devendo ter a capacidade de aguentar tempestades tropicais. Esta vai ser a primeira fase da replantação de árvores na cidade. “Até final do ano, vamos recuperar 70 a 80 por cento das árvores destruídas em zonas urbanas” de Macau, Taipa e Coloane, frisou o chefe da Divisão de Espaços Verdes Urbanos do IACM de Macau. O orçamento para a fase inicial é de mais de oito milhões de patacas, tendo sido já adquiridas perto de 1500 árvores. Nas zonas florestais, onde mais de 500 hectares foram afectados pela passagem do super-tufão Hato, a recuperação poderá demorar 10 anos.



Definidas quotas de circulação na nova ponte

Macau vai ter direito a 600 quotas para veículos locais circularem entre a cidade e Hong Kong através da nova “ponte em Y”, que liga as duas regiões administrativas e a cidade chinesa de Zhuhai. Das seis dezenas de quotas, 500 têm validade

de um ano e 100 de seis meses, enquanto as 300 quotas a atribuir a veículos de Hong Kong têm validade de três anos. De acordo com a Direcção dos Serviços para os Assuntos do Tráfego de Macau, esta distribuição resulta de um acordo entre

os governos das duas regiões administrativas especiais. Iniciado em Dezembro de 2009, o projeto, com uma extensão total de 55 quilómetros, inclui uma ponte principal de 22,9 quilómetros e um túnel subaquático de 6,7 quilómetros.

IPM lança *app* de português para chineses

O Instituto Politécnico de Macau lançou uma aplicação para telemóveis de aprendizagem da língua portuguesa para estudantes chineses. A aplicação “Diz lá!” tem como objectivo ajudar pessoas de Macau e do Interior do País a aprenderem português ou a apoiar a comunicação dos chineses que viajam até países lusófonos para fins de comércio e de turismo. “É um desafio para as instituições de ensino superior saberem fazer parte do futuro”, disse o responsável pelo Centro Pedagógico e Científico de Língua Portuguesa do IPM, Carlos André, na apresentação da aplicação. Esta *app* possui diálogos em português, mais de mil frases de uso quotidiano, 400 verbos usuais conjugados e 15 mil menos usuais, além da funcionalidade “palavra do dia”.



MACAU VOLTA A SER O DESTINO PREFERIDO DA APAVT PARA 2019

Macau é de novo o destino de eleição da Associação Portuguesa das Agências de Viagens e Turismo (APAVT) para 2019, anunciaram durante a Bolsa de Turismo de Lisboa o presidente da Associação das Agências de Viagens Portuguesas, Pedro Costa Ferreira, e o coordenador do Turismo de Macau em Portugal, Rodolfo Faustino. Macau foi o primeiro “Destino Preferido da APAVT” e também vai ser o primeiro destino internacional a repetir esta designação. “Macau tem tido uma relação connosco absolutamente extraordinária, não apenas do ponto de vista do que o destino nos pode oferecer, mas também, e sobretudo, do ponto de vista humano e do ponto de vista da relação pessoal”, venceu Pedro Costa Ferreira.



Comida macaense em destaque no IFT

A Confraria da Gastronomia Macaense e o Instituto de Formação Turística (IFT) organizaram um *workshop* de culinária macaense com a presença da chef Florita Alves. A especialista apresentou técnicas culinárias e receitas de algumas especialidades macaenses. Depois de Macau ter sido designada Cidade Criativa de Gastronomia, título atribuído pela UNESCO no ano passado, o instituto quer promover a gastronomia macaense e aproximar a população de Macau com esta cozinha de fusão. Florita Alves nasceu em Macau e já trabalhou em vários restaurantes, incluindo no Reino Unido, onde esteve no estabelecimento londrino “A.Wong”, distinguido pelo Guia Michelin.

DELEGAÇÃO DO AMBIENTE EM VISITA A PORTUGAL E ALEMANHA

Uma delegação da região do Pan-Delta do Rio das Pérolas realizou em Março uma visita a Portugal e à Alemanha, com o objectivo de permitir aos governos da região, e também às empresas da área da protecção ambiental, desenvolverem a rede de contactos com os países lusófonos e a Europa, em geral. A deslocação foi organizada pelo Governo de Macau que, num comunicado, explica que a iniciativa oferece uma oportunidade para o “intercâmbio de ideias” e a “cooperação” na área das tecnologias de protecção ambiental. Durante a estadia em Portugal e na Alemanha, ao abrigo da chamada “Visita Verde”, a delegação do Pan-Delta do Rio das Pérolas foi recebida por associações e serviços públicos ligados ao sector do ambiente.



Uniformes da polícia com câmaras de vídeo

Agentes da polícia de Macau passaram a ter uma câmara de vídeo integrada no uniforme. As primeiras 100 câmaras foram distribuídas por agentes dos comissariados policiais e do grupo de patrulha especial. A medida avançou após parecer positivo do Gabinete para a Protecção dos Dados Pessoais, realçou o secretário para a Segurança de Macau Wong Sio Chak. O secretário indicou que as câmaras apenas serão ligadas em caso de necessidade.



ENVELHECIMENTO ACENTUOU-SE EM 2017

O índice de envelhecimento em Macau atingiu 83 por cento no ano passado, mais 4,1 pontos percentuais face a 2016. Segundo dados dos Serviços de Estatística e Censos, a população idosa representa 10,5 por cento do total, enquanto que o número de nascimentos recuou para 6529 bebés, menos 617 do que no ano anterior. A taxa de natalidade foi de 10,1, menos 0,9 pontos de permilagem. Nasceram no ano passado mais meninos do que meninas: 107,5 contra 100.

NÚMEROS

37 MIL

QUARTOS DE HÓSPEDES EM HOTÉIS E PENSÕES EM ACTIVIDADE NO FINAL DE JANEIRO DE 2018 (+2,6%)

963.265

TURISTAS ENTRARAM EM MACAU NO ANO NOVO CHINÊS DE 2018 (+6,5%)

“Micareme” volta a convocar foliões

A próxima edição do tradicional Baile de Mascarados “Micareme” vai realizar-se no dia 14 de Abril. De acordo com a Associação dos Macaenses (ADM), o baile “tem conquistado cada vez mais adesão de foliões” e converteu-se numa “tradição que se cumpre” numa noite em que as pessoas se podem divertir ao som de música. Organizado pela ADM a par da Confraria da Gastronomia Macaense, o evento é também conhecido por permitir provar os “comeres e beberes” tradicionalmente macaenses no Jardim de Infância D. José da Costa Nunes. No ano passado, cerca de 250 pessoas participaram no evento.



PATA otimista com o turismo de Macau

O número de visitantes em Macau deverá atingir 32,9 milhões no cômputo geral de 2018, superando os 32,6 milhões do ano passado, mas o crescimento deverá acelerar até aos 36,3 milhões em 2022, indicam previsões da Associação de Turismo da Ásia-Pacífico (PATA). Os 40 destinos da Ásia-Pacífico incluídos no relatório deverão receber mais de 673 milhões de chegadas de visitantes internacionais em 2018. No geral, a PATA estima que os mercados de origem da Ásia venham a representar 65,5 por cento das chegadas de visitantes internacionais em 2022.

Bibliotecas públicas com afluência de 200 mil visitantes mensais

A adesão dos cidadãos à leitura é “cada vez melhor”, considerou a chefe do Departamento de Gestão de Bibliotecas Públicas do Instituto Cultural (IC). Nos últimos dois anos, as bibliotecas públicas registaram anualmente mais de 2,5 milhões de entradas, a uma média mensal de cerca de 200 mil, segundo a mesma responsável. Tang Mei Lin indicou ainda que mais de 760 mil pessoas pediram emprestados mais de 1,7 milhões de livros entre 2016 e 2017. Além disso, foram emitidos 157 mil cartões de leitor.



653.100

POPULAÇÃO DE MACAU EM FINAIS
DE 2017 (+1,26)

87,13 MIL MILHÕES DE PATACAS

COMÉRCIO EXTERNO DE MACAU
EM 2017 (+7%)

* comparações referentes ao mesmo período dos anos transactos



中國—葡語國家經
成立十五周年暨中

15.º Aniversário do Estabelecimento do Fórum de Macau e

21/0



15 ANOS DE FÓRUM MACAU

Do debate se faz luz

T MARCO CARVALHO F FÓRUM MACAU

Uma maior atenção ao empresariado e à iniciativa privada, bem como uma maior articulação com entidades associadas, como o Fundo de Cooperação e Desenvolvimento China-Países de Língua Portuguesa e o Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau. O Fórum de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau) assinala 15 anos de existência, mas foi do futuro que se falou num seminário em que a acção do organismo esteve sob análise. E o futuro, defende Xu Yingzhen, passa em muito por uma ligação mais vincada ao sector empresarial

經貿合作論壇(澳門) 中葡平台建設座談會

da Plataforma entre a China e os Países de Língua Portuguesa

3/2018



UMA DÉCADA e meia de conquistas e de concretizações, mas também de expectativas frustradas e de um enorme potencial que, em grande medida, está ainda por cumprir. O Fórum de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau) completa 15 anos de existência e a efeméride foi assinalada a 21 de Março com um seminário que juntou na RAEM ex-governantes, antigos secretários-gerais e secretários-adjuntos da organização e representantes das agências de investimento dos países que integram a plataforma que, em 2003, se propôs fazer de Macau terreno fértil para o fomento das relações sino-lusófonas.

Numa extensa jornada, em que se fizeram contas ao passado e em que se perspectivou o futuro, o debate e a troca de ideias ficaram pautados pelo pragmatismo dos intervenientes, mas também pela noção de que o Fórum Macau é já uma realidade com um peso estruturante na forma como o mundo lusófono se relaciona com a República Popular da China.

Num debate franco e sincero, foram feitos reparos, críticas e sugestões ao funcionamento do Fórum Macau. A narrativa que perpassou boa parte das intervenções desagua numa conclusão comum: o organismo possibilitou uma série de conquistas, mas tem também de melhorar alguns procedimentos.

“Aos 15 anos uma pessoa ainda não pode ser considerada adulta. Com um mecanismo como o Fórum algo de semelhante acontece”, defendeu Xu Yingzhen, secretária-geral do Fórum Macau. “É natural que um mecanismo que se encontra em processo de desenvolvimento tenha méritos e defeitos. Temos de pensar, de analisar estas críticas, no sentido de melhor fazer o nosso trabalho”, frisou a responsável à imprensa, depois de lhe ter sido solicitado um primeiro balanço ao “Seminário do 15.º aniversário do Estabelecimento do Fórum Macau e da Plataforma entre a China e os Países de Língua Portuguesa”.

A responsável máxima pela plata-



Jorge Costa Oliveira, antigo secretário de Estado da Internacionalização de Portugal

forma de cooperação económica e comercial entre a China e o mundo lusófono encara, de resto, o pragmatismo das intervenções como um sinal de que os países participantes na dinâmica do Fórum atribuem grande importância aos trabalhos desenvolvidos pelo organismo. “Todas as partes estão interessadas num melhor desenvolvimento do Fórum. Estou muito agradecida por essa atitude tão sincera por parte dos países membros, que se mostram verdadeiramente interessados no desenvolvimento do Fórum. Para mim, é um factor muito positivo. Não importa as críticas. As críticas servem para isso mesmo, para que possamos melhorar o nosso trabalho”, assina Xu Yingzhen.

Conceitos como agilização de procedimentos, articulação interdepartamental e o foco no empresariado foram-se insinuando ao longo do dia no discurso dos intervenientes. À ênfase na cooperação económica e comercial, no reforço da capacidade produtiva dos países membros e na necessária formação de recursos humanos

– objectivos abrangidos pelo Plano de Acção para a Cooperação e Desenvolvimento, delineado na 5.ª Conferência Ministerial do Fórum Macau – os participantes acrescentaram a necessidade de a dinâmica do organismo ir ao encontro da realidade de desenvolvimento dos diferentes países e das expectativas do sector empresarial.

Natureza excepcional

Para Jorge Costa Oliveira, antigo secretário de Estado da Internacionalização do Governo de Portugal, que desempenhava funções profissionais na RAEM quando o organismo foi criado em 2003, o Fórum é, fundamentalmente, uma entidade institucional direccionada para outros organismos institucionais, quando o foco deviam ser entidades privadas e associações empresariais. “Muitas das acções que têm vindo a ser desenvolvidas são feitas no plano institucional, uma vez que os interfaces do Fórum em todos os países de língua portuguesa são entidades e agências públicas”, denota Costa Oliveira. “Aquilo

que vim aqui propor é que, para além disso, o Fórum promova mais iniciativas dirigidas a empresas, em conjunto com associações empresariais, porque aí o enfoque é outro, a perspectiva é outra”, sublinha.

O antigo secretário de Estado da Internacionalização do Executivo português salienta, ainda assim, a natureza excepcional de algumas das iniciativas que o Fórum Macau promoveu ao longo da última década e meia. O organismo que, no entender de Jorge Costa Oliveira, constitui uma “tremenda oportunidade” para os países lusófonos, teve o condão de colocar Portugal, Timor-Leste e os países africanos de expressão portuguesa no radar de Pequim. “Sob o chapéu do Fórum têm vindo a aparecer vários subprodutos, como por exemplo a Exposição de Produtos dos Países de Língua Portuguesa, com a possibilidade de este evento poder depois vir a ser replicado, como já está a ser feito, em várias partes da China”, assinala o antigo director do Gabinete para os Assuntos de Direito Internacional da RAEM.

“No caso concreto de Portugal, o Fórum coloca oportunidades tremendas quanto à possibilidade de se fazer aquilo que eu, enquanto membro do Governo [português], designava de ‘centros de distribuição e logística dos produtos dos países de língua portuguesa’ dentro da China. Se conseguirmos fazer isso, Portugal, enquanto país passa a ser o único estado membro da União Europeia, ao abrigo deste mecanismo, a ter centros de distribuição dos seus produtos no mais apetrechado mercado do mundo.”

Entre a ambição e a modéstia

Se para países como Portugal e o Brasil a tónica da acção do Fórum Macau deve ser colocada no desígnio da atracção de investimento directo ou no fomento ao comércio e às exportações, países há que, como Timor-Leste, encaram o contributo do organismo de uma perspectiva muito mais utilitarista. Díli procura, sobretudo, tirar partido dos mecanismos

já criados pelo Fórum, no sentido da capacitação de recursos humanos e do reforço da capacidade produtiva. “Para ter mais capacidade de conduzir as suas tarefas – tanto no sector privado, como no sector público –, a comunidade empresarial timorense necessita de capacitação. Tanto o sector público como o sector privado são parceiros importantes no processo de desenvolvimento económico e comercial”, defendeu à MACAU o director executivo da TradeInvest Timor-Leste, Arcanjo da Silva. “Nesse sentido, Timor-Leste propõe que o Fórum deve facilitar o processo de desenvolvimento da capacidade dos recursos humanos, tanto no sector privado como no sector público”, complementa o dirigente.

Antigo Ministro do Desenvolvimento do Executivo de Timor-Leste, Arcanjo da Silva encara como importante o contributo que o Fórum Macau pode facultar à mais jovem nação do continente asiático em termos de diversificação económica, sobretudo

no sentido de “atenuar a dependência que o orçamento geral do Estado timorense apresenta em relação ao Fundo Petrolífero”. “A Timor importa atrair investimentos na área da agricultura, das pescas e do turismo. O mais importante é que Timor-Leste possa utilizar este Fórum para promover estes sectores produtivos”, explica Arcanjo da Silva. “Interessa-nos atrair investimentos dos países de língua portuguesa, mas também da República Popular da China.”

Se na perspectiva do entendimento bilateral, as práticas de atracção de financiamento e de investimento directo são relativamente explícitas, no âmbito do Fórum Macau – organismo de natureza multilateral sem capacidade deliberativa no que diz respeito à gestão do dinheiro colocado pela China à disposição dos países lusófonos – o acesso ao financiamento continua a ser visto como um processo exigente por parte de Díli, como referiu Arcanjo da Silva.

Outros países membros do Fórum

BRASIL, O CAMPEÃO DOS FINANCIAMENTOS

O Embaixador do Brasil na República Popular da China, Marcos Caramuru de Paiva, confirmou que o Fundo para a Cooperação e o Desenvolvimento associado ao Fórum Macau aprovou a atribuição de financiamento a um segundo projecto brasileiro submetido à apreciação do organismo. Depois de se ter associado, no início do ano passado, a um projecto de geração de energia solar no Brasil, o Fundo aprovou a atribuição de financiamento a um outro projecto no domínio da produção de energia, ainda que no âmbito do sector hidroeléctrico. “Vejo o mercado do Brasil como um mercado de natural atractividade para os fundos de investimento chineses, públicos ou não. Primeiro, porque nós somos uma economia grande e segundo, porque nós somos uma economia cujas necessidades de investimento, sobretudo nessa área das infra-estruturas, são muito grandes. Vemos com satisfação esses recursos serem canalizados para o Brasil”, admite.

Com capacidade para gerar 200 megawatts de electricidade, o parque de produção de energia solar que o Fundo se comprometeu a financiar implica um investimento total de 200 milhões de dólares norte-americanos, 20 milhões dos quais são emprestados pelas autoridades chinesas através do organismo.

Além dos dois projectos no Brasil, o Fundo atribuiu ainda financiamento a um projecto agrícola em Moçambique e a um outro – de construção de infra-estruturas de distribuição de electricidade – em Angola. De fora do radar do Fundo está o financiamento do projecto de desenvolvimento turístico que a Macau Legend está a desenvolver em Cabo Verde.

Macau sugerem uma flexibilização de avaliação dos projectos por parte da entidade gestora do Fundo de Cooperação, o mecanismo financeiro anunciado em 2010 com o propósito de apoiar – com uma dotação de 1000 milhões de dólares norte-americanos – a criação da plataforma de serviços para a cooperação comercial entre Pequim e a esfera dos países lusófonos.

Agostinho André de Carvalho, director para a Ásia e Oceania do Ministério das Relações Exteriores de Angola, garante que Luanda tem mais-valias a oferecer em domínios como a electrificação das zonas rurais, o sector da saúde, o agrobusiness ou a construção de infra-estruturas. “Para nós, é difícil fazer uma avaliação porque nós não temos conhecimento dos critérios e das exigências. Por isso, é natural que os projectos, quando são apresentados não tenham a qualidade necessária”, aponta o diplomata.

O representante do segundo principal parceiro económico da China na esfera da lusofonia sugere que sejam adoptadas requerimentos de acesso mais flexíveis ou, em alternativa, mecanismos de financiamento diferentes tendo em conta a dimensão das diferentes economias. “A perspectiva de Angola é que o Fórum ajuste os mecanismos susceptíveis de facultar o acesso ao Fundo de Cooperação e a financiamento e, com isso, dar corpo à concretização de diferentes projectos”, sublinha o responsável. “As nossas empresas, as nossas instituições, algumas delas têm um défice grande do ponto de vista da realização de projectos. A minha tônica, nas duas intervenções que fiz neste seminário, é a de que o Fórum Macau pudesse funcionar melhor na área da plataforma de serviços, criando um mecanismo diferente para apoiar os países de língua portuguesa do ponto de vista da capacidade produtiva e acesso ao financiamento”, salienta Agostinho André de Carvalho.

Apoio à medida

A necessidade de fomentar alternativas de financiamento que tenham em conta a real dimensão de uma boa



Agostinho André de Carvalho, representante de Angola no seminário

parte das economias lusófonas foi também defendida pela representante de Cabo Verde no seminário.

Ana Barber, presidente da Cabo Verde TradeInvest – Agência de Promoção de Investimentos e Exportação de Cabo Verde, elencou várias áreas – da agricultura à pesca, da produção de grogue à extracção de sal – em que o estabelecimento de parcerias com empresários estrangeiros – chineses ou outros – seriam bem-vindas. A responsável pelas estratégias de atracção de investimento externo do arquipélago africano, que fez questão de lembrar, numa breve mas apaixonada apresentação, o potencial estratégico em termos de economia marítima e como plataforma para o mercado da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), não dissimula a esperança que o Executivo da Praia deposita no Fórum Macau. Ainda assim, lembra que os membros do organismo “necessitam de perceber bem que papel lhes compete”, no sentido de atrair o desenvolvimento que se almeja. “É isso que nós esperamos e essa expectati-

va é de melhorarmos relativamente à abordagem. A abordagem que é feita ao nosso sector empresarial, ao nosso sector privado. As nossas empresas são micro-empresas ou muitas vezes pequenas e médias empresas”, recorda Ana Barber.

A dimensão do tecido empresarial em pequenas economias como Cabo Verde, São Tomé e Príncipe ou Timor-Leste e a proporcionalidade que lhe seria devida não pode continuar a ser ignorada por quem estabelece a articulação entre o Fórum Macau e o Fundo de Cooperação e Desenvolvimento, alerta a presidente da Cabo Verde TradeInvest. “É preciso começar a olhar para outras formas de financiamento, que tenham em conta a realidade das empresas dos nossos países, com *plafonds* mais baixos, mais direccionados aos nossos mercados”, sublinha Ana Barber.

“É fundamental trabalhar com os nossos empresários em serviços novos, como sejam da estruturação e da bancarização dos projectos. Esta sim é uma questão que nos preocupa, a de podermos ter especialistas nessas

áreas, que também apoiem no sentido dos projectos serem bancáveis, estruturáveis. O Fórum pode perfeitamente trabalhar nessa área”, sugere a presidente da Cabo Verde TradeInvest. “Queremos incrementar, encontrar soluções. Sabemos onde é que estamos e sabemos onde queremos chegar. Neste processo de lá chegar é que temos de ir juntos”, remata a responsável cabo-verdiana.

Henrique Horta dos Santos afina pelo mesmo diapasão. O antigo Ministro da Economia e Finanças da Guiné-Bissau e actual representante do país no Comité de Estabilidade Financeira da União Monetária Oeste Africana deposita grandes expectativas tanto no Fórum Macau como no Fundo de Cooperação e Desenvolvimento, por considerar que a República Popular da China é o parceiro

mais indicado para colocar em andamento projectos que apresenta como desígnios nacionais. “No caso da Guiné-Bissau, saímos daqui com mais esperança e com mais ambição no sentido de ver financiados projectos de grande envergadura, como sejam o da construção da barragem de Saltinho e do porto de águas profundas de Buba. São investimentos que requerem fundos de certa envergadura e aos quais a China, através desta plataforma de Macau, poderia disponibilizar financiamento”, assume Horta dos Santos.

O Executivo de Bissau vê ainda com bons olhos um eventual interesse da China na reabilitação de um dos principais operadores de telecomunicações do país, a Guiné Telecom, ou na recuperação de um dos sectores de produção que mais receitas podem trazer ao pequeno país da costa

ocidental africana, o da indústria da transformação da castanha de caju.

Apesar das perspectivas serem positivas, Henrique Horta dos Santos tem consciência de que o potencial económico dos projectos não basta. “Com este esforço de sensibilização que aqui foi feito, como o aligeiramento dos requisitos e daquilo que se pede aos países para poder captar o investimento, nós poderemos, na verdade sonhar, com um país diferente daquele que temos hoje”, assume o antigo titular da pasta da Economia do Governo de Bissau.

Apesar do acesso a financiamento constituir uma preocupação partilhada por uma boa parte dos países que integram o Fórum Macau, a eventual agilização dos procedimentos de gestão do Fundo de Cooperação e Desenvolvimento China-Países de Lin-





Henrique Horta dos Santos, antigo ministro da Economia e Finanças da Guiné-Bissau



Ana Barber, de Cabo Verde (ao centro), e Marcos Caramuru Paiva, dío Brasil (à direita)

gua Portuguesa não reúne consenso no seio da estrutura.

Rigor e objectividade

O Brasil, principal parceiro económico da República Popular da China entre os países de língua portuguesa, considera que o Fórum Macau tem feito um bom trabalho no âmbito de um necessário esforço de aproximação, não só entre os países membros

do Fórum, mas também entre os empresários chineses e os empresários lusófonos.

Se os resultados tardam a aparecer, defende Marcos Caramuru de Paiva, é porque os responsáveis pela gestão do Fundo de Cooperação e Desenvolvimento raramente são confrontados com projectos bem elaborados, com taxas de retorno estabelecidas. “Não é justo afirmar que as dificulda-

des se prendem com a libertação dos recursos: é uma via de duas mãos. Os recursos têm que existir mas os projectos, obviamente, têm de ter qualidade, até porque não estamos a falar de assistência ao desenvolvimento. Estamos a falar de investimentos e, aí, sim, essa dificuldade existe”, reconhece o Embaixador do Brasil na República Popular da China.

“É preciso saber quando se constrói uma estrada se vai haver trânsito, quem são os usuários da estrada, como é que as fontes de rentabilidade serão definidas. Nenhum projecto de infra-estruturas é um projecto de desenho fácil e eu acho que o mundo hoje carece de um stock de conhecimento sobre os projectos bem-sucedidos. É desta forma que eu vejo a realidade”, complementa o diplomata.

O Brasil, que ao longo dos últimos 15 anos manteve uma posição de uma certa equidistância face à dinâmica do organismo liderado por Xu Yingzhen, promete agora um maior envolvimento nos trabalhos do Fórum de Cooperação Económica e Comercial, por considerar que o organismo tem contribuído tanto para o fomento da língua portuguesa no continente asiático, como para o aumento da representatividade dos países lusófonos em grandes projectos internacionais liderados pela República Popular da China. “Estamos a ampliar um pouco a nossa forma de acompanhar o Fórum, como por exemplo termos aqui um delegado que, se não um delegado presente em Macau, alguém do nosso Consulado em Hong Kong que se vai ocupar de estar mais frequentemente a assistir às reuniões do Fórum”, salienta Marcos Caramuru de Paiva.

Agilizar trabalhos

Desde que foi oficialmente criado, em Junho de 2013, o Fundo de Cooperação e Desenvolvimento China-Países de Língua Portuguesa atribuiu financiamento a quatro projectos no âmbito das actividades do Fórum Macau. Dois (ver caixa) foram apresentados pelo Brasil.

Jorge Costa Oliveira mostra-se con-

victo de que o próprio sucesso da plataforma entre a China e os países de língua portuguesa está em muito dependente do cuidado e da objectividade que as autoridades chinesas colocam nos pressupostos da análise de risco de crédito. “Aquele dinheiro não está ali para ser gasto em coisas que não façam sentido. Também não está ali apenas para que se façam análises do risco de crédito. Já passaram 15 anos. Quinze anos é muito tempo e acho que é altura de se fazer um balanço disso, até para se perceber se, afinal, há ou não há a possibilidade de se utilizar aquele dinheiro para efeitos de financiamento de projectos”, sugere o antigo secretário de Estado da Internacionalização do Governo de Lisboa.

Os responsáveis pelo organismo, assegura Xu Yingzhen, escutaram com atenção os reparos e as sugestões feitas pelos membros e por antigos responsáveis pela própria estrutura do Secretariado Permanente (o caso de Rita Santos, antiga secretária-geral adjunta, que participou na última sessão) e asseguram que as posições expressas serão tidas em conta na exigente tarefa de agilizar e reforçar os trabalhos da plataforma.

Apesar de lembrar que o Fórum Macau “nunca intervém” nos procedimentos de avaliação e de aprovação de projectos, Xu promete um maior enfoque em medidas direccionadas para o empresariado e para o sector privado. “Os participantes no seminário defenderam que o Fórum tem que estar mais ligado ao sector empresarial. Estou totalmente de acordo porque, para promover a cooperação económica e comercial, o mais importante é mobilizar as entidades empresariais. Então, vamos organizar essas actividades de promoção económica com a participação do sector empresarial, mas também vamos fazer chegar o nosso apoio à futura Federação Empresarial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, que ainda não foi criada, mas que dentro em breve deverá ser formalizada”, anuncia a secretária-geral do Fórum Macau.

Criado por iniciativa de Pequim,



Arcanjo da Silva, antigo ministro do Desenvolvimento de Timor-Leste

CABO VERDE QUER TENTAR PEQUIM COM PACOTE DE PRIVATIZAÇÕES

Até 2021, o Governo de Cabo Verde quer privatizar empresas como a transportadora aérea TACV, a operadora de telecomunicações Cabo Verde Telecom, a Bolsa de Valores ou mesmo a ENAPOR, a empresa responsável pela administração das estruturas portuárias do país. A lista de empresas públicas alvo de privatização foi publicada no último Verão e inclui companhias ligadas à construção naval, à pesca, à agricultura, ao sector energético e à aviação. No total, são 23 as empresas estatais que o Executivo da Praia quer alienar. Com o programa de privatizações, de concessões e de parceiras público-privadas lançado em meados de 2017, o Governo cabo-verdiano pretende arrecadar 90 milhões de euros. O capital chinês, reconhece a presidente da Cabo Verde TradeInvest, Ana Barber, seria bem-vindo, como bem-vindos são os parceiros com *know-how*, experiência e capital para investir no arquipélago. “A China é um parceiro muito especial para Cabo Verde, mas este é um plano de privatizações a pensar sobretudo no país, a pensar em Cabo Verde. O que nós queremos aqui é trabalhar no sentido de atrair investimento directo estrangeiro (...) Queremos crescer e vamos crescer. Estamos neste momento a quatro por cento, vamos chegar aos sete, de certeza. Agora é o momento”, considera a responsável.

Pressionado pela dívida pública, pela urgência de fazer crescer a economia e sob recomendação do Fundo Monetário Internacional, o Governo da Praia encara com maior urgência a venda da TACV, que acumula 90 milhões de passivo e representa um encargo mensal para o Estado na ordem de um milhão de euros.

o Fórum reúne-se ao mais alto nível a cada três anos, sendo que a sexta Conferência Ministerial está agendada para o próximo ano. Em 2017, as

trocas comerciais entre a China e os países lusófonos cresceram 29,4 por cento e fixaram-se em 117.588 milhões de dólares norte-americanos. ■

Novas perspectivas para o Fórum Macau

T CATARINA DOMINGUES **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

A realização de uma avaliação externa ao trabalho do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa deverá trazer uma “significativa mudança qualitativa” ao desempenho do organismo. Responsáveis pelo mecanismo multilateral de cooperação olham para o futuro numa entrevista à MACAU





XU YINGZHEN, SECRETÁRIA-GERAL

“CONCENTRAMOS O NOSSO ESFORÇO NAS PROVÍNCIAS QUE TÊM REALMENTE VONTADE DE CONHECER OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA”

Para Xu Yingzhen, a chegada a Macau, em Junho de 2016, trouxe “grandes desafios”. A 5.ª Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau), que acontecia daí a quatro meses, foi um deles. Coube à nova secretária-geral do organismo a organização do evento que juntou em Macau entre 11 e 12 de Outubro desse mesmo ano líderes da China e de sete países de língua portuguesa.

“Depois da conferência ministerial, [estabeleceram-se] muitos trabalhos para efectuar os propósitos fixados pelos ministros”, lembra agora a responsável em entrevista à MACAU, referindo-se ao plano de acção assinado na ocasião.

Um segundo desafio estava associado ao cargo que agora desempenha: a língua portuguesa. “Menos mal que tenho uma base espanhola”, refere. Xu Yingzhen licenciou-se em língua espanhola pela Universidade de Economia e Negócios Internacionais de Pequim e desempenhou funções de conselheira comercial para a América Latina do Ministério do Comércio da China, tendo passado ainda pela Câmara do Comércio da China no Chile.

Mudanças e entrada de São Tomé e Príncipe

O Fórum Macau, criado em Outubro de 2003, tem como missão reforçar o intercâmbio económico e comercial entre a China e os países de língua portuguesa (PLP), utilizando Macau como ponte entre estes dois universos.

A promoção da lusofonia no Interior do País tem sido um dos trabalhos desenvolvidos por Xu Yingzhen, que já visitou várias regiões chinesas desde que assumiu o cargo. Zhejiang, Jiangsu, Hunan, Guangdong e Shandong são algumas das províncias onde levou o Fórum Macau.

“Diria que Jiangsu é quase uma província vanguarda na cooperação com os países de língua portuguesa”, refere a secretária-geral, adiantando que, desde 2011, aquela região no leste do País tem organizado anualmente a ‘Cimeira para o Desenvolvimento Comercial e Industrial da Província de Jiangsu, de Macau e dos Países de Língua Portuguesa’. “Concentramos o nosso esforço naquelas províncias que têm realmente vontade de conhecer os países de língua portuguesa”, nota.

A secretária-geral diz ainda que a intenção de visitar regularmente os países de língua portuguesa marca uma nova filosofia no trabalho do secretariado permanente. “Queremos ter maior contacto com os países, também para que eles nos conheçam bem e para que possamos saber quais são as suas necessidades e os seus interesses.”

Entre as mudanças observadas no Fórum Macau durante a direcção de Xu Yingzhen, conta-se a entrada de São Tomé e Príncipe no organismo em 2017, depois de no ano anterior ter restabelecido as relações diplomáticas com a China. “São Tomé e Príncipe ainda não tem embaixada em Pequim



Xu Yingzhen aponta a falta de conhecimento como o principal obstáculo ao sucesso das relações entre empresários

e este delegado [que representa o país no Fórum Macau] é a primeira pessoa que o país enviou para trabalhar com a nossa parte”, refere.

Mundos distantes

A “falta de informação e de conhecimento” é, segundo a secretária-geral do Fórum Macau, o maior obstáculo ao sucesso das relações entre empresários da China e da esfera dos países que falam português. “E a falta de canais para encontrar sócios e oportunidades, além das políticas e leis que são diferentes”, acrescenta a responsável.

Xu Yingzhen realça que compete ao Fórum contrariar esta tendência: “Organizamos seminários, encontros, precisamente para oferecer uma plataforma para que empresários de ambos os lados possam conhecer-se. No entanto, negócios concretos têm de ser realizados entre os empresários, não pelo Fórum, que só abre esta oportunidade de dialogarem e encontrarem formas de trabalhar juntos”.

Numa viagem a Cabo Verde, recorda Xu Yingzhen, foi convidada uma delegação de empresários da cidade chinesa de Qingdao. “Encontraram-se oportunidades de negócio e a cerveja [daquela cidade] conseguiu exportar para Moçambique. Nós oferecemos a plataforma.”

A responsável admite que neste trabalho de intermediação, o Fórum já “tem conseguido alguns frutos”, embora haja muito trabalho pela frente. “O caminho faz-se caminhando e ainda estamos longe”, concretiza.

DING TIAN, SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO INDICADO PELA CHINA

“O FUTURO DESENVOLVIMENTO DO FÓRUM MACAU
DEVE INTEGRAR ACTIVAMENTE A INICIATIVA
‘UMA FAIXA, UMA ROTA’”

“Trabalhei em três países de língua portuguesa ao longo de mais de oito anos e, durante muito tempo, estive envolvido no apoio aos países africanos”, começa por dizer Ding Tian, secretário-geral adjunto do Fórum Macau. Fluente em português, o responsável passou por Cabo Verde, Brasil e Timor-Leste e esteve ligado ao departamento de Ajuda Externa do Governo Central. Integrou a equipa do Fórum Macau em Janeiro do ano passado, embora tenha estado envolvido na criação deste mecanismo de cooperação, há exactamente 15 anos.

Sobre a natureza do trabalho que agora desempenha, assume que procurar conciliar os interesses de todos os países de língua portuguesa “é muito mais complexo que [trabalhar] nas relações bilaterais”: “As minhas anteriores funções incidiam mais sobre relações económicas e comerciais bilaterais, procurando essencialmente promover acordos bilaterais entre as partes envolvidas. Passando de um quadro bilateral para um quadro multilateral e, comparando esta experiência com as minhas funções actuais, pode dizer-se que a natureza do trabalho é diferente”, refere o responsável.

Timor-Leste e outros casos

Sobre os países de língua portuguesa, o secretário-geral adjunto do Fórum Macau admite um gosto particular em “discutir Timor-Leste”, onde viveu ao longo de cinco anos e trabalhou como conselheiro económico na embaixada chinesa em Díli. Admite que Timor-Leste “tem muito potencial” e que parte do trabalho que desenvolveu naquela delegação diplomática passava por divulgar o ambiente de investimento local aos empresários chineses que visitavam o país.

O Fundo Petrolífero de Timor-Leste, diz Ding Tian, é uma mais-valia: “Praticamente todos os anos tem receitas de mais de 2000 milhões de dólares norte-americanos. Eu deixei Timor-Leste em 2014 e, nessa altura, o fundo estava calculado em cerca de 16 mil milhões de dólares”, relembra o antigo conselheiro, adiantando que o país “tem dinheiro e projectos”.

Questionado sobre as dificuldades do empresário chinês no acesso ao mercado timorense, o secretário-geral adjunto do Fórum chama a atenção para as “fracas infra-estruturas” existentes no país, que acabam por impor custos e riscos mais altos ao negócio. A experiência de Ding Tian no universo lusófono vem revelar também “uma série de embaraços” que dificultam o negócio de empresários chineses nos vários países de língua portuguesa. “Dificuldades em geral, como o visto e políticas sobre taxas ou impostos sobre o trabalho”, diz. Outra dificuldade sublinhada pelo representante é a transferência dos lucros dos empresários chineses de volta ao país de origem.

Uma Faixa, Uma Rota

“O futuro desenvolvimento do Fórum Macau deve integrar activamente a iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’”, defende Ding Tian, referindo-se ao projecto lançado em 2013 pela China, que ambiciona reactivar através da construção de infra-estruturas o corredor comercial que uniu em tempos antigos o Oriente e o Ocidente.

O representante chinês acredita que “de uma perspectiva macro”, o projecto pode ser visto como “um conceito para orientar o trabalho futuro”. É também, realça, um “contributo da China ao mundo”: “Trata-se de uma iniciativa para o renascimento da economia da China, regional, asiática e de todo o mundo”, conclui.



Ding Tian passou por Cabo Verde, Brasil e Timor-Leste antes de aterrar em Macau

**RODRIGO BRUM, SECRETÁRIO-GERAL
ADJUNTO INDICADO PELOS PAÍSES
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**“É NESTE REFORÇO DA ACTUAÇÃO CONJUNTA
QUE OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA PODERÃO
BENEFICIAR MAIS”**

Rodrigo Brum substituiu Vicente Manuel no cargo de secretário-geral adjunto (indicado pelos países de língua portuguesa) em Setembro de 2017. Nascido em Moçambique, Brum já conhecia Macau, onde trabalhou na área da economia nos anos 1990.

“Não é naturalmente um cargo simples”, revela o português à MACAU. “O relacionamento é muito bom ao nível do secretariado permanente, mas estamos enquadrados numa organização que tem um gabinete de apoio distinto do próprio secretariado permanente”, afirma.

Licenciado em Organização e Gestão de Empresas pelo Instituto Superior de Economia da Universidade Técnica de Lisboa, Brum desempenhou cargos de direcção em várias empresas. Sobre o trabalho no Fórum Macau, o economista realça que “não é simples” conciliar as “ambições e dificuldades diferentes” dos países que integram o organismo: “O Fórum visa as relações multilaterais, portanto, é complementar às relações que cada um dos países tem entre si ou com a China e esse é também um desafio muito grande”, continua.

PLP representam “potencial enorme”

Rodrigo Brum nota que o Fórum Macau é a mais importante entidade destinada à cooperação comercial e económica que reúne os países de língua portuguesa. Chama à atenção,

porém, para “a dimensão e os níveis de desenvolvimento diferenciados” dos países representados pelo organismo.

“Os países de língua portuguesa, conjuntamente, representam também um potencial enorme, quer como mercados futuros, com uma população de falantes da quarta língua mundial – falada nos próprios países e também pelas suas respectivas diásporas em países muito relevantes –, quer pela sua importante capacidade produtiva”, diz Brum, que defende que “é neste reforço da actuação conjunta que os países de língua portuguesa poderão beneficiar mais”.

**Avaliação externa de
“importância inquestionável”**

No mês em que Rodrigo Brum assumiu funções no Fórum Macau, foi proposta e aprovada a realização em 2018 de uma avaliação externa ao organismo. Uma iniciativa, assume Brum, que assume uma “importância inquestionável” e que deverá traduzir-se numa “significativa mudança qualitativa” do desempenho do Fórum Macau.

“As avaliações deste tipo têm como objectivo identificar os traços do passado, as falhas eventuais e ajudar a definir a evolução futura. Esperamos que nos aponte pistas importantes, também é verdade, porque estamos todos cientes de que há muito mais caminho a fazer. Eu acho que já se fez muito e que talvez não se tenha sabido divulgar tão bem o que se fez”, considera o português, realçando que a avaliação deverá reflectir-se num reforço dos “laços comerciais e de investimento”.

Na avaliação, todos os países de língua portuguesa serão consultados. “O Secretariado Permanente vai dispor de dois especialistas de cada parte participante do Fórum Macau, numa comissão de 20 especialistas que está a constituir, para acompanhamento dos trabalhos”, acrescenta o economista.



Rodrigo Brum já tinha trabalhado em Macau nos anos de 1990 e aponta que não tem agora “um cargo simples”



Echo Chan acredita que as camadas mais jovens devem ser mais envolvidas para que a plataforma aconteça

**ECHO CHAN, SECRETÁRIA-GERAL
ADJUNTA INDICADA PELA RAEM**
“QUADROS QUALIFICADOS SÃO ELEMENTOS
INDISPENSÁVEIS NA CONSTRUÇÃO DA PLATAFORMA”

Echo Chan foi coordenadora do Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum Macau entre Março e Novembro de 2015. Regressou no início de 2017 como secretária-geral adjunta, nomeada pelo Governo da RAEM. A responsável fala cantonês, mandarim, português e inglês e foi vogal executiva do Conselho de Administração do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) e coordenadora-adjunta do Gabinete Preparatório do Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa.

**Maior envolvimento dos jovens
e quadros qualificados**

Para que Macau se consiga afirmar como “plataforma de cooperação entre a China e os países de língua portuguesa”, Echo Chan acredita que é necessário envolver as camadas mais jovens. “Quadros qualificados são elementos indispensáveis na construção da plataforma”, diz Chan, assumindo à MACAU a importância de formar mais “quadros profissionais bilingues de elevada qualidade”.

O Fórum Macau, continua a secretária-geral adjunta, quer continuar a envolver estudantes de língua portuguesa de Macau e do exterior em actividades ou trabalho voluntário nas actividades do organismo, nomeadamente na Con-

ferência Ministerial, na Semana da Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa ou na Feira Internacional de Macau, onde podem trabalhar como tradutores.

Sector financeiro com características locais

O conceito do desenvolvimento do sector financeiro com características próprias locais apareceu pela primeira vez na apresentação das Linhas de Acção Governativa do Governo da RAEM em 2016.

Echo Chan defende que a promoção deste sector, que está também a cargo do Fórum Macau, deve apoiar a diversificação da economia local e “procurar um caminho de desenvolvimento divergente dos centros financeiros das regiões adjacentes”, referindo-se a Hong Kong e Shenzhen.

A área da locação financeira, da gestão de fortunas e o estabelecido Centro de Liquidação em Renminbi (RMB) para os Países de Língua Portuguesa são neste momento “considerados os principais sectores” a desenvolver, explica Echo Chan.

E de que forma é que o desenvolvimento deste sector em Macau poderá beneficiar o reforço das relações entre a China e os países de língua portuguesa? Echo Chan responde: “Macau, com as suas vantagens relacionadas com o princípio ‘Um país, dois sistemas’, o porto franco e a baixa tributação, poderá fornecer um ambiente de sistema aberto às empresas chinesas na expansão de negócios ao exterior e às empresas dos países de língua portuguesa na atracção de investimentos estrangeiros”. ■

O QUE É O FÓRUM MACAU?

O Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, também conhecido como Fórum Macau, foi criado em Outubro de 2003, por iniciativa do Governo da China e em coordenação com sete

países de língua portuguesa (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste), e com a colaboração do Governo de Macau. Em Março de 2017 acolheu São Tomé e Príncipe, que se tornou o oitavo país do universo

que fala português a entrar para o organismo. O Fórum de Macau é um mecanismo multilateral de cooperação intergovernamental e tem como objectivo reforçar o intercâmbio económico e comercial entre a China e os países de língua portuguesa.

ORGANOGRAMA DO FÓRUM MACAU

Secretária-geral
indicada pela República
Popular da China

XU YINGZHEN



Secretário-geral adjunto
indicado pelos países
de língua portuguesa

RODRIGO BRUM



Secretário-geral adjunto
indicado pela República
Popular da China

DING TIAN



Secretária-geral adjunta
nomeada pelo
Governo da RAEM

ECHO CHAN





MACAU 2017 LIVRO DO ANO

EDIÇÃO ESPECIAL EM CD
+
SELO
“MACAU VOLTA ÀS RAÍZES COMUNS”

Seja bem-vindo à consulta
do **MACAU - LIVRO DO ANO**, dos últimos anos,
através da seguinte página electrónica,
ou descarregando as aplicações:

Página electrónica:
<http://yearbook.gcs.gov.mo>

Aplicações:

iOS



Android



As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **Macau 2017 – Livro do Ano** em versão CD (edição especial) já se encontram à venda. O anuário regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da RAEM, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos aqueles que desejem estudar e compreender melhor Macau. Este ano, o **Livro do Ano** inclui ainda o selo filatélico “Macau: Volta às Raízes Comuns”, como prova do apoio do Gabinete de Comunicação Social às indústrias culturais e criativas de Macau. Diversas fotografias e vídeos podem ser consultados online (arquivo disponível desde o anuário de 2002) ou através de aplicativos para telemóveis e tabletes. O livro é publicado em chinês, português e inglês.



ANGOLA-CHINA: 35 ANOS

Parceiros de peso

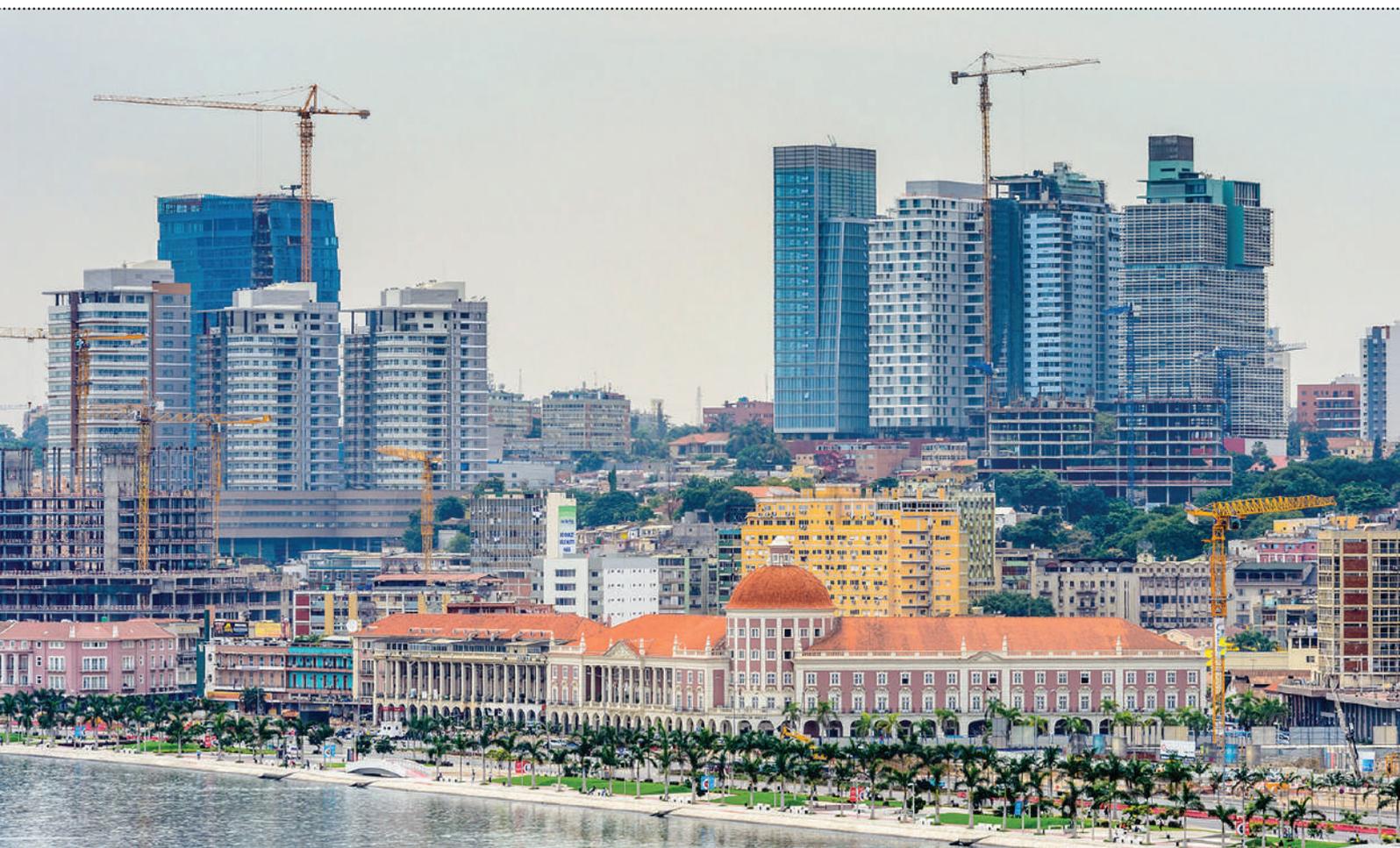
Desde 1983, a China concedeu cerca de 60 mil milhões de dólares norte-americanos para a construção de infra-estruturas básicas em Angola e tornou-se a principal parceira comercial do país angolano. Numa altura em que se assinalam 35 anos de relações diplomáticas, Pequim e Luanda querem muito mais. O primeiro passo foi a assinatura de um acordo para facilitar a entrada de angolanos na China

TANA PEREIRA
Em Luanda

A 12 de Janeiro de 1983, Pequim e Luanda estabeleceram relações diplomáticas. Passados 24 anos, Angola tornou-se o maior parceiro comercial da China no continente africano e, em 2011, Pequim passou a ser o principal destino das exportações de petróleo e minérios angolanas – dados oficiais indicam que o fluxo entre os dois paí-

ses cresceu 43 por cento em 2017, com a balança comercial favorável a Angola em 17,7 mil milhões de dólares. No universo dos países de língua portuguesa, Angola só perde para o Brasil em termos de trocas comerciais com a China.

Num artigo de opinião publicado no *Jornal de Angola*, em Janeiro deste ano, Cui Aimin, embaixador da China em Angola, revelou que ao longo destes 35 anos a China já concedeu cerca de 60 mil milhões de dólares norte-ame-



ricanos ao Governo angolano, dinheiro que serviu sobretudo para a construção de infra-estruturas básicas, desde centrais de energia, estradas, pontes a hospitais e casas, “incentivando o desenvolvimento económico e a melhoria da vida do povo de Angola”.

Cui Aimin referiu ainda que durante o Fórum de Investimento China-Angola, realizado em Luanda em finais de 2016, foram celebrados 48 acordos de intenção de investimento no valor total de 1200 milhões de dólares. “Têm-se aperfeiçoado também os mecanismos de cooperação, inclusive, a Comissão Orientadora da Cooperação Económica e Comercial entre a China e Angola. Com a finalidade de apoiar a capacitação de quadros angolanos, a parte chinesa forneceu a formação a mais de 2500 funcionários angolanos em diversas áreas, assim como 300 bolsas de estudo”, enfatiza o diplomata.

Os mais importantes projectos em infraestruturas no país têm suporte financeiro e técnico da China, sendo de sublinhar a construção do novo Aeroporto Internacional de Luanda, em curso, as novas centralidades ou, entre outros, a reabilitação dos milhares de quilómetros de caminhos-de-ferro no país. Nos últimos meses, o Banco da China abriu uma sucursal em Luanda para facilitar as

trocas comerciais entre os dois países e Luanda e Pequim têm igualmente estabelecido um acordo cambial entre o kwanza e o renmibi.

A China enviou ainda, desde 2009, quatro equipas médicas, compostas por mais de 60 médicos, que fizeram 200 mil consultas grátis para cidadãos angolanos no Hospital Geral de Luanda. Este hospital, acrescentou, foi



O ministro dos Negócios Estrangeiros chinês, Wang Yi, reuniu-se com o presidente angolano, João Lourenço, em Luanda no início deste ano

“doado pelo Governo chinês e ainda é a melhor unidade sanitária integrada em Angola até ao momento”.

Ao fim de 35 anos, Cui Aimin afirma que as relações sino-angolanas estão “no melhor nível na história”, sendo “um exemplo da cooperação de benefícios mútuos e desenvolvimento comum entre a China e os países africanos”. “Os resultados da cooperação pragmática entre a China e Angola são frutíferos. Actualmente, a China é o maior parceiro comercial de Angola, enquanto Angola é o segundo maior parceiro comercial, o maior fornecedor dos petróleos da China em África, um dos maiores mercados ultramarinos de obras empreitadas”, assume o embaixador chinês.

Resultados tangíveis

Numa visita a Luanda em Janeiro, para assinalar o aniversário das relações sino-angolanas, o ministro dos Negócios Estrangeiros chinês, Wang Yi, garantiu que a China vai continuar a apoiar Angola a acelerar a sua estratégia de diversificação da economia e o seu processo de industrialização e modernização em prol da paz e unidade do continente africano. Aliás, o chefe da diplomacia chinesa referiu que a China foi o país que concedeu financiamento a Angola para a sua reconstrução após fim da guerra civil em 2002, tendo já apoiado na recuperação e construção de mais de 20 mil quilómetros de estradas, 2800 quilómetros de ferrovias, além de outras infra-estruturas básicas, nomeadamente escolas, hospitais e habitações sociais. “Tudo isso são os nossos resultados muito tangíveis. Eu disse ao Presidente da República que o investimento chinês em Angola é com resultados reais”, apontou Wang Yi.

Segundo Wang Yi, as relações bilaterais existentes há 35 anos são baseadas na amizade, honestidade, e Angola é um parceiro estratégico da China no continente africano. “Tal como qualquer país em desenvolvimento, numa fase inicial da sua economia, é muito natural que pretenda mais financiamentos. A China também experimentou este processo, esses são problemas temporários.”

O ministro das Relações Exteriores de Angola, Manuel Augusto, considerou histórica e importante a vinda do seu ho-

mólogo ao país, “porquanto as relações bilaterais entre os dois países têm um nível de excelência, que é visível através de projectos que têm impacto na vida diária do povo angolano”. Manuel Augusto disse que relativamente à dívida de Angola para com a China “as duas partes estão satisfeitas com o caminho percorrido até aqui”, tendo decidido “discutir do ponto de vista técnico novas formas, métodos inovadores, que tornam esta dívida sustentável”.

Foram ainda abordadas novas formas para que “os projectos já em curso e aqueles que venham a ser acordados possam ter a necessária almofada financeira”. De acordo com o governante angolano, as equipas técnicas de Angola e da China vão trabalhar no âmbito da preparação da segunda sessão da comissão orientadora de cooperação económica e comercial, que é o mecanismo utilizado entre os dois



países para coordenar e supervisionar a cooperação económica bilateral. No quadro dessas discussões tomar-se-ão decisões relacionadas com a assinatura de instrumentos jurídicos considerados indispensáveis para conformarem ainda mais o apoio institucional à cooperação bilateral entre os dois países.

Vistos facilitados

Com a assinatura de um novo acordo entre Pequim e Luanda, passou a ser possível, desde meados de Fevereiro, agilizar os mecanismos de concessão de vistos a empresários e homens de negócios, académicos e pesquisadores científicos, homens de cultura, desportistas e pessoas com necessidades de tratamento médico. A supressão da necessidade de vistos em passaportes ordiná-

rios tem como grande objectivo ir além do intercâmbio comercial, fomentando as relações empresariais e culturais entre os dois países.

Antes da assinatura de tal acordo, a concessão de um visto para a China era um processo moroso e dispendioso – cerca de 15 dias e 160 dólares norte-americanos. Os empresários angolanos saudaram a mudança, que dizem que irá facilitar as viagens de pequenos e médios empresários ao país asiático. Maria Ribeiro, por exemplo, empresária do ramo imobiliário, costuma fazer de duas a três viagens à China e refere que a isenção de visto de entrada irá fomentar as relações entre os dois países. A empresária Ermelinda da Conceição elogia a iniciativa e pede que o próximo passo seja a expansão dos voos da TAAG para as cidades de Pequim e Xangai. ■





TAP LANÇA EM MAIO VOO DE CARGA PARA HONG KONG

A companhia aérea portuguesa TAP anunciou o lançamento em Maio de uma ligação para carga entre o Brasil e Hong Kong, passando por Portugal. De acordo com o site NewsAvia, este voo vai recorrer a aviões fretados de uma companhia internacional de carga aérea para transportar mercadorias entre Portugal e a Região Administrativa Especial de Hong Kong. O novo voo foi anunciado durante a visita do presidente português Marcelo Rebelo de Sousa à representação da TAP no Salão Internacional do Sector Alimentar e Bebidas, que decorreu em Fevereiro no Parque das Nações, em Lisboa.

CHINESES INVESTIRAM 2060 MILHÕES DE EUROS EM PORTUGAL

O investimento chinês até final de 2017 através dos vistos dourados atingiu 2060 milhões de euros, representando 60 por cento do montante captado desde que o programa está em vigor, segundo dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. O investimento traduziu-se num total de 3588 vistos. Em termos acumulados – desde que os vistos dourados começaram a ser atribuídos, de 8 de Outubro de 2012 até Dezembro último – o investimento total captado com este programa atingiu 3411 milhões de euros, representando o investimento chinês cerca de 60 por cento do total angariado.



PEQUIM DOA A LUANDA EQUIPAMENTO HOSPITALAR

O Governo da China fez no início de Março uma doação de equipamento e material hospitalar a Angola no valor de cerca de 800 mil dólares norte-americanos. A iniciativa tinha como objectivo a melhoria das condições médicas no país. O material doado tem como destino o Hospital Geral de Luanda. O embaixador chinês em Angola, Cui Aimin, esteve presente na cerimónia de entrega, salientando que a cooperação na área da saúde pública é importante no âmbito da cooperação sino-africana. "Desde 2009, a parte chinesa já enviou um total de quatro equipas médicas, com 60 especialistas médicos a trabalhar no Hospital Geral de Luanda e ofereceu consultas médicas gratuitas ao público, que totalizou 200 mil consultas", disse. Domingos Lopes, secretário de Estado para a Cooperação Internacional e Comunidades Angolanas, agradeceu a doação, referindo a importância do equipamento para a melhoria daquela unidade hospitalar. Fazem parte do pacote material como seringas, luvas, batas e instrumentos para operações.

**DAVID CHOW
DISTINGUIDO
EM CABO VERDE**

O Governo de Cabo Verde atribuiu a David Chow, empresário de Macau e promotor do empreendimento Gamboa/ Ilhéu de Santa Maria, a medalha de mérito turístico. A distinção ao empresário, proprietário do grupo Macau Legend, deve-se ao apoio que tem dado ao desenvolvimento económico daquele país. De acordo com um despacho governamental, a distinção pretende homenagear o empresário pelo “relevante serviço prestado no fomento da indústria do turismo”. A Macau Legend está a construir na cidade da Praia um complexo turístico, que inclui hotel, marina, centro de convenções e casino. Trata-se do maior empreendimento turístico previsto para Cabo Verde, num investimento estimado em 250 milhões de dólares.



VOO ENTRE PEQUIM E LISBOA COM OCUPAÇÃO SUPERIOR A 80%

A ligação aérea directa entre a China e Portugal registou uma taxa de ocupação superior a 80 por cento nos primeiros seis meses desde a inauguração, disse à agência Lusa fonte da companhia aérea chinesa Capital Airlines. A primeira ligação directa entre os dois países transportou cerca de 40 mil pessoas. O voo, que se realiza três vezes por semana, entre a cidade de Hangzhou, na costa leste da China, e Lisboa, com paragem em Pequim, começou a 26 de Julho.



**ASSOCIAÇÃO DEFENDE COOPERAÇÃO DIGITAL
COMO MOTOR DE DESENVOLVIMENTO DA CPLP**

O presidente da Associação Internacional das Comunicações de Expressão Portuguesa (AICEP), João Santana, considera a cooperação digital na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) “fundamental” e entende que poderá ser um “motor de desenvolvimento sustentável” da comunidade lusófona. “É fundamental haver cooperação no domínio digital, suportada num modelo de governo e governança muito eficaz, que poderá ser um motor de desenvolvimento sustentável para os diferentes países da CPLP”, disse João Santana. O presidente da AICEP fez a declaração num seminário sobre regulação da Sociedade Digital, realizado na cidade da Praia. “Os países lusófonos não têm todos os mesmos níveis de desenvolvimento tecnológico, mas isso não significa que não façam todos também parte deste novo mundo digital”, notou João Santana à imprensa.

EMPRESA CHINESA ADQUIRE GRUPO QUE GERE TERMINAL DE CONTENTORES NO BRASIL

O China Merchants Ports Holdings concluiu a aquisição de 90 por cento da TCP Participações, grupo brasileiro que administra o terminal de contentores de Paranaguá, no Estado brasileiro do Paraná. O negócio, concluído durante a reunião dos BRICS em Xiamen, na China, em Setembro de 2017, inclui a TCP Log, empresa controlada a 100 por cento pela TCP Participações e que comercializa soluções de logística para os importadores e exportadores brasileiros. Com uma capacidade anual de 1,5 milhão de TEU (unidade equivalente a um contentor de 20 pés), o terminal – o segundo maior do Brasil – vai aumentar a sua capacidade para 2,4 milhões anuais de TEU até 2019.



ANGOLA É O SEGUNDO MAIOR FORNECEDOR DE PETRÓLEO DA CHINA

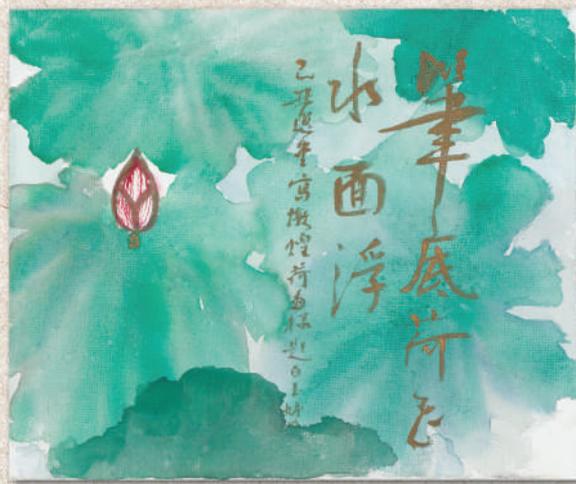
Depois da Rússia, Angola aparece como o maior fornecedor de petróleo à China. Dados da alfândega chinesa citados por vários meios de comunicação notam que Luanda e Moscovo colocaram mais de 10 milhões de toneladas de petróleo na China, de um total importado superior a 40 milhões de toneladas. A Rússia vendeu à China 5,6 milhões de toneladas de petróleo e Angola comercializou 4,6 milhões de toneladas, seguindo-se o Iraque com 4,4 milhões de toneladas.



CÂMARA DE COMÉRCIO CHINESA VISITA PORTUGAL E BRASIL EM JUNHO

A Câmara de Comércio Internacional da China está a organizar uma missão empresarial a Portugal, Brasil e Colômbia com o objectivo de reforçar os laços comerciais entre a China e estes três países. Segundo um comunicado da câmara, a deslocação já tem data marcada e vai decorrer entre 20 e 29 de Junho, prevendo-se uma série de encontros com empresas e associações de empresários de cada um dos países. A delegação vai ainda participar na 13.ª edição do Encontro de Empresários para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, que se realiza em Portugal e reúne empresários para estudar oportunidades de cooperação em diversas áreas, como a agricultura, pescas, finanças, infra-estruturas, serviços e turismo.





Afeição pelo Lótus

Exposição de Pintura e Caligrafia no 100.º

Aniversário de Jao Tsung-I

O professor Jao Tsung-i é um sinólogo mundialmente conhecido com trabalhos notáveis de âmbito académico e artístico, nomeadamente de caligrafia, pintura e literatura. Na passagem do centésimo aniversário do professor Jao, e com o apoio do Museu de Arte de Macau, a Academia Jao Tsung-I apresenta "Afeição pelo Lótus – Exposição de Pintura e Caligrafia no 100.º Aniversário de Jao Tsung-I", uma oportunidade de apreciar quinze trabalhos encantadores de caligrafia e pintura dedicados à temática do lótus, apelidados de "Lótus de Jao".



Academia Jao Tsung-I

Endereço : Avenida do Conselheiro Ferreira de Almeida, No. 95 C-D, Macao

Website : www.ajti.gov.mo

Email : ajti@icm.gov.mo

Telefone : (853) 2852 2523

Fax : (853) 2852 2536

Horário de funcionamento

10:00 – 18:00. Última entrada às 17h30. Encerrado à Segunda-feira. Abre nos feriados.

Entrada livre



澳門特別行政區政府文化局
INSTITUTO CULTURAL do Governo da R.A.E. de Macau



饒宗頤學藝館
ACADEMIA JAO TSUNG-I

GRANDE BAÍA – ZHONGSHAN

Terra de e para empresários

A terra que viu Sun Yat-sen nascer, Zhongshan, é hoje um parceiro incontornável de Macau. Além da curta distância que separa as duas cidades, potencial não falta para fazer a cooperação crescer. Na área das indústrias culturais e criativas, já estão lançadas as cartas na mesa

T KITTY LEE

FOI AQUI, mais precisamente em Cuiheng, que Sun Yat-sen nasceu e viveu até aos 12 anos. A casa que construiu na cidade e um grande museu em sua memória fazem parte da lista das atracções mais importantes da China, com milhares de visitantes domésticos e internacionais a

cada ano. A área era antes chamada de Xiangshan (Montanha Perfumada) e depois da morte de Sun Yat-sen, em 1925, passou a chamar-se Zhongshan (中山) em sua honra, uma vez que também era conhecido como Sun Zhongshan (孫中山).

Localizada a cerca de 30 quilómetros de Macau, Zhongshan é hoje um dos motores da economia chinesa. Aliás, durante grande parte da sua história, a cidade esteve dedicada ao desenvolvimento comercial e tecnológico e esteve na vanguarda dos contactos comerciais entre chineses e ocidentais. Além de uma grande produção de têxteis e vestuário, Zhongshan também tem uma forte indústria de aço, móveis, papel, plásticos e electrodomésticos.

Ao longo das últimas décadas, inspirada pelo espírito de Sun Yat-sen, Zhongshan tem se desenvolvido rapidamente e passou a ser uma das cidades de referência do Delta do Rio das Pérolas e uma peça essencial da Grande Baía



Guangdong-Hong Kong-Macau, projecto-piloto de integração económica do Sul da China, que quer aproveitar o melhor destas regiões e tornar-se numa “zona metropolitana de nível mundial”. A cidade aposta cada vez mais na área do desenvolvimento tecnológico: segundo dados do Comité Municipal do Centro de Administração de Publicidade de Zhongshan, havia, em 2016, 882 empresas de alta tecnologia em Zhongshan, e em 2017 já se registavam quase 1400 empresas.

A cidade tem-se transformado através da cooperação com Macau. O maior projecto de sempre da história de Zhongshan é a Zona Piloto de Cooperação Guangdong-Macau, que está a ser construída dentro da Nova Zona de Cuiheng, a cerca de 30 quilómetros de Macau. Esta ambiciosa zona consta do 13.º Plano Quinquenal do Governo Central (2016-2020). No espaço de 230 quilómetros quadrados, vai nascer um grande parque industrial que albergará as mais variadas áreas, da farmacêutica à maquinaria, passando pela informática e electrónicos, finanças, cultura e turismo. Dentro da Zona Piloto a prioridade são as políticas amigas do ambiente, por isso metade do território será ocupado por vegetação e é obrigatório reciclar o lixo e a água. Outro atractivo da zona é a construção de condomínios residenciais que podem servir de alternativa aos reformados de Macau, levando um deputado da RAEM sugerir até que, no futuro, se avance com a construção de uma pequena Macau dentro da zona piloto, como forma de tornar o local ainda mais atraente para os residentes da RAEM.

O acordo que foi firmado, em 2014, com Macau prevê que numa área de cinco quilómetros quadrados sejam desenvolvidos negócios em parceria entre as duas cidades que inclui, por exemplo, um parque industrial, uma plataforma internacional de serviços comerciais, um parque de educação e formação, uma zona de cooperação turística e de intercâmbio cultural.

Além da proximidade de Macau, outro potencial atractivo de Cuiheng é o preço dos terrenos. “Esta cooperação rompe limitações de um modelo tradicional de cooperação no âmbito de um ‘parque industrial’. O foco aqui é nas pequenas e médias empresas e o grande objectivo é transformar as suas operações e aliviar a demanda por serviços de saúde, entretenimento e habitação em Macau”, aponta um comunicado oficial divulgado na altura em que o acordo com a RAEM foi assinado.

Segundo os planos para a Nova Zona de Cuiheng, até 2020 a população atingirá os 550 mil habitantes, com cerca de 60 por cento da mão-de-obra dedicada ao sector dos serviços. A área dedicada à construção residencial ocupará então cerca de 60 quilómetros quadrados – mais da metade será ocupada por parques e jardins. Em 2030, prevê-se que a população chegue aos 850 mil habitantes, criando uma nova ‘cidade’ dentro de Zhongshan, com tudo planeado ao pormenor. Até ao momento, 30 das maiores empresas do mundo já investiram na nova



zona, entre elas a farmacêutica Novartis' Sandoz e a tecnológica ThyssenKrupp.

Espaço para a criatividade

Nos últimos anos, um dos caminhos para a diversificação económica da RAEM tem sido o das indústrias culturais e criativas. Há cada vez mais espaços e apoios financeiros para os criativos locais, e as oportunidades que começam agora a despontar vão já além das fronteiras de Macau. A 25 minutos da cidade chinesa de Zhuhai, com a qual Macau faz fronteira, nasceu um dos mais dinâmicos parques culturais e criativos do sul do País, o 760 de Zhongshan.

A zona interactiva de Macau no 760 – Parque Criativo de Zhongshan abriu ao público em Maio do ano passado e oferece espaços de trabalho para jovens que queiram expandir ou até iniciar os seus negócios no Interior do País. No parque cultural já estão a funcionar cerca de 200 estúdios e lojas que versam sobre as mais variadas áreas criati-



vas, da caligrafia ao artesanato, da multimédia à fotografia. O grande objectivo é ser uma plataforma para a inovação e o empreendedorismo jovem *one-stop*, com uma série de serviços de apoio disponíveis. Segundo o Instituto de Promoção de Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), “este projecto, além de um novo modelo de parceria entre Macau e Zhongshan em termos de apoio ao desenvolvimento dos jovens dos dois territórios, ao abrigo do enquadramento da cooperação Guangdong-Macau, constitui ainda o primeiro programa inovador dos dois lados no quadro de construção da Zona Piloto de Cooperação Geral Guangdong-Macau”.

O espaço dedicado exclusivamente a jovens de Macau conta com 20 estúdios, duas salas de reunião, uma sala de eventos, zona de exibição para produtos, cozinha e casas de banho. Pequenas e médias empresas registadas na RAEM e detidas por residentes com menos de 44 anos podem associar-se ao 760, bastando apenas comunicar a sua intenção à administração. Além de poderem ter um espaço físico, os criativos de Macau são convidados a participar em eventos promocionais regulares, tal como feiras e mercados com obras dos artistas abrangidos pelo espaço. As participações de artistas de Macau têm sido bastante “frutíferas”, como

assinala Teresa Ng, membro da administração do 760. “Temos visto que o simples facto de ajudar artistas de Macau e do Interior do País a comunicar, trocar ideias e estabelecer parcerias tem ajudado imenso os jovens de Macau. Um dos aspectos mais importantes é conhecer aquilo que o público chinês quer para que os nossos criativos possam ajustar-se às demandas do outro lado da fronteira”, aponta Teresa Ng, que em Macau também gere o CCentre, um espaço de estúdios e apoio logístico a empresas das indústrias culturais e criativas com a mesma alma do 760.

Um dos pontos que este Parque Criativo está a tentar dinamizar é a relação com os países de língua portuguesa. Segundo Teresa Ng, o 760 está aberto a promover intercâmbio entre jovens de Zhongshan, Macau e dos países do universo lusófono. “Nós sabemos que, infelizmente, não são todos os criativos que conseguem viver dos frutos que colhem nesta área. Muitos dos jovens têm um outro emprego a tempo inteiro e tentam pôr o seu talento artístico em prática como um *hobby*. Mas com esta nova montra para a China, muita coisa na vida deles pode mudar”, enfatiza a responsável, acrescentando que com a concretização do projecto da Grande Baía potencial não falta para os criativos de Macau brilharem no Interior do País. ■



GONCALO LOBO PINHEIRO

Teresa Ng, membro da administração 760 – Parque Criativo de Zhongshan, diz que os jovens de Macau têm muitas vantagens a aproveitar



Portugal no coração

T MARCO CARVALHO

O número de estudantes de Macau inscritos em instituições de ensino superior portuguesas deverá aumentar já a partir do próximo ano lectivo. Esta é, pelo menos, a expectativa dos responsáveis pelas universidades e pelos institutos politécnicos de Portugal, para quem os protocolos assinados com a RAEM deverão facilitar não só o acesso de estudantes a algumas das mais conceituadas instituições terciárias da Europa, como também contribuir para a consolidação de um novo paradigma em termos de mobilidade estudantil

SÃO EMPENHADOS, diligentes, naturalmente curiosos e poderão começar a chegar em maior número às universidades portuguesas já a partir de Setembro próximo. O contingente de estudantes de Macau que frequenta as instituições de ensino superior de Portugal queda-se actualmente um pouco aquém das três centenas de alunos, mas a fasquia deverá engrossar a breve e médio prazo, graças ao promissor protocolo firmado, no início do corrente ano lectivo, entre o Governo da Região Administrativa Especial de Macau e o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP).

O acordo, assinado no Porto a 22 de Setembro de 2017, prima pela ousadia e pela inovação. Ao abrigo do memorando, as 15 instituições de ensino superior membros do CRUP comprometem-se a aceitar os resultados do Exame Unificado de Acesso às Instituições de Ensino Superior de Macau como ferramenta de selecção e avaliação dos estudantes locais que ambicionam ingressar nas universidades portuguesas.

Um dia antes, nas instalações do Instituto Politécnico de Leiria, um outro protocolo de semelhante teor tinha já sido assinado entre o Gabinete de Apoio ao Ensino Superior (GAES) e pela direcção do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos (CCISP).

Os dois acordos, quando considerados na sua globalidade, abrem as portas de virtualmente todas as universidades e estabelecimentos públicos do ensino superior politécnico aos alunos do território que queiram dar seguimento aos estudos em Portugal. “Estes protocolos oferecem maiores fa-

cilidades aos estudantes de Macau que queiram frequentar o ensino superior em Portugal e permitem que mais estudantes locais possam ingressar em universidades e institutos politécnicos portugueses”, considera Chang Kun Hong.

Em entrevista à MACAU, o coordenador-adjunto do GAES sustenta que a iniciativa deve contribuir de forma decisiva para suavizar um dos mais relevantes desafios com que Macau se depara: a escassez de quadros bilingues qualificados. “A medida vai permitir a formação de mais quadros bilingues em diversas áreas. Estes profissionais deverão depois contribuir para o desenvolvimento sócio-económico de Macau”, antecipa Chang. “Esta política vai ao encontro das medidas definidas pelo Governo para tornar Macau num centro de formação de quadros bilingues. Por outro lado, permite que as instituições se articulem com os padrões internacionais”, complementa.

Procedimentos

As novas regras de admissão de estudantes de Macau ao ensino superior público de Portugal devem surtir efeito já a partir do próximo ano lectivo, ainda que os preceitos e os métodos de avaliação dos candidatos a um lugar nas universidades e nos institutos politécnicos lusos ainda estejam a ser definidos. No final de Janeiro, revelou Chang Kun Hong, representantes do GAES e do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos estiveram reunidos para discutir e decidir a forma como os alunos serão avaliados, bem como estipular as condições de admissão estabe-



INSTITUTO POLITÉCNICO DE MACAU

lecidas pelos estabelecimentos de ensino superior politécnico de Portugal. “O GAES vai elaborar uma directiva sobre os procedimentos de candidatura aos Institutos Politécnicos portugueses. Se um aluno local quiser frequentar um curso superior numa universidade ou num estabelecimento de ensino politécnico de Portugal, deve manifestar o seu interesse junto dessa instituição. Se a instituição de ensino superior em questão tiver dúvidas sobre as notas e o aproveitamento dos alunos, pode requerer ao GAES que confirme e certifique a nota”, explica o coordenador-adjunto. “Os alunos podem-nos solicitar também, por mote próprio, uma declaração que confirme estes dados.”

Os protocolos firmados em 2017 definem que cabe ao Governo de Macau disponibilizar os resultados do Exame Unificado de Acesso ao Ensino Superior e comprovar que os alunos que se candidatam à frequência do ensino superior em Portugal se submeteram mesmo a exame. Ao CRUP ou, em alternativa, ao CCISP compete divulgar os resultados dos exames às entidades suas afiliadas, seleccionar os candidatos, bem como notificá-los sobre os resultados das respectivas candidaturas.

Para António Fontainhas Fernandes, presidente do CRUP, o acordo deverá ter o condão de agilizar um processo que exigia um esforço extraordinário aos alunos de Macau interessados em estudar nas universidades públicas portuguesas. O reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, que assumiu a presidência do CRUP no início de Outubro, já depois do memorando com Macau ter sido assinado, defende que o protocolo vai ao encontro dos interesses das instituições de ensino superior portuguesas em domínios como a mobilidade e a internacionalização. “O protocolo abre novas perspectivas de cooperação entre Portugal e Macau, em particular em termos de mobilidade de estudantes, uma vez que facilita o acesso de alunos de Macau que desejam continuar os seus estudos em universidades portuguesas. Os procedimentos nele previstos para o reconhecimento e aceitação dos resultados do Exame Unificado de Acesso, que foram acordados com o GAES, devem permitir um processamento mais rápido e expedito das candidaturas de estudantes chineses às universidades afiliadas ao CRUP”, explica o responsável.

O presidente do CRUP enfatiza também o carácter inovador de um memorando de entendimento que antecipa e potencia tendências que poderão vir a moldar e definir o próprio futuro do ensino superior. “O futuro passa, indubitavelmente, por dinâmicas de internacionalização em tudo o que a universidade faça. Na presente era da globalização, as universidades devem afirmar-se nas questões do ensino, da investigação e da valorização do conhecimento, adoptando metodologias sistémicas e transdisciplinares, uma estratégia que pode ser potenciada por este protocolo”, sustenta António Fontainhas Fernandes.

Para Nuno Mangas, presidente do CCISP, função que acumula em simultâneo com a presidência do Instituto Politécnico de Leiria, o compromisso assinado com as autoridades

GOÑCALO MANUEL MARTINS



de Macau traz vantagens incontornáveis não só às instituições de ensino superior portuguesas, como também aos jovens de Macau que queiram dar seguimento aos seus estudos em Portugal e que até agora tinham de se submeter a um longo e penoso processo para que as suas competências académicas fossem reconhecidas. “Ao reconhecer os resultados do Exame Unificado de Acesso às Instituições de Ensino Superior de Macau, este protocolo vai permitir aos jovens da RAEM o acesso ao ensino superior português, representando para aqueles estudantes um alargamento das suas opções de escolha em termos de formação superior e para as instituições de ensino superior portuguesas novas oportunidades de captação de estudantes”, sublinha o dirigente.

Uma penosa epopeia

Para Dinis João Carvalho Chan, os protocolos firmados entre o GAES e os organismos que tutelam as instituições de ensino terciário portuguesas chegaram com dois anos de atraso. Em 2015, então com 20 anos – e já depois de ter frequentado uma licenciatura em Jornalismo – o jovem rumou a Lisboa com o propósito de estudar Direito.

Sem nenhuma bolsa, Chan submeteu-se por mote próprio a uma verdadeira odisséia. “Fiz os exames nacionais do 12.º ano sem nunca ter estado formalmente inscrito no ensino secundário português. Tive de aprender português, história de Portugal e filosofia para me poder candidatar à universidade e durante um ano dediquei-me por inteiro a aprender aquilo que os alunos do ensino secundário de Portugal aprendem ao longo de seis”, resume.

O esforço só ao fim de dois anos acabou por dar os frutos almejados. Depois de uma primeira tentativa fracassada, Dinis Carvalho Chan voltou a repetir, no Verão passado, os exames de acesso ao ensino superior e é hoje o único aluno de Macau inscrito no primeiro ano da licenciatura em Direi-

to ministrada pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. “Não é fácil. Ainda continuo a batalhar para ultrapassar alguns obstáculos”, afiança o jovem, que quando se fixou em Lisboa quase não falava português.

A língua, esclarece Chan, mantém-se como a principal dificuldade com que se deparam os alunos da RAEM que rumam a Portugal, mas não é, de todo, o único problema. “Para muitos dos estudantes de Macau que estudam nas universidades portuguesas a língua continua a ser uma barreira. É algo que influencia de sobremaneira a nossa vida social e académica, mas é uma dificuldade que temos necessariamente de ultrapassar. No que diz respeito aos desígnios da internacionalização, instituições como a Nova e o ISCTE, que estão orientadas para o universo dos negócios, oferecem aulas em inglês, o que facilita a integração dos alunos. No meu caso, e dadas as características do meu curso, a maior parte das cadeiras são leccionadas em português”, explica.

Ainda que o caso de Dinis Carvalho Chan se configure como extremo em mais do que um aspecto, muitos dos quase 300 alunos da RAEM actualmente inscritos nas universidades e nos politécnicos portugueses tiveram de se submeter a um moroso processo de certificação de qualificações e não foram poucos os que tiveram também de se submeter a exames em Portugal. Para um número significativo, não restou outra hipótese que não o ingresso na Universidade Católica, instituição com a qual o Governo local tem protocolos assinados desde o final da década de 1980.

Simplificação

O cenário deverá mudar já no Verão deste ano, com os estudantes de Macau a poderem candidatar-se ao ingresso em virtualmente todos os cursos de licenciatura ministrados pelas instituições públicas de ensino superior de Portugal, salvaguarda feita a uma excepção de vulto. “Todas as áreas científicas podem ser alvo deste protocolo, tirando um ou outro sector que são alvo de algumas restrições em Portugal. Segundo o conhecimento que temos, as Faculdades de Medicina portuguesas continuam a não aceitar alunos provenientes de fora do país”, atesta Chang Kun Hong.

Para Nuno Mangas, a exclusividade de que goza a área da medicina não comprometerá o sucesso do acordo. O presidente do CCISP lembra que há vários outros cursos ligados à área da saúde que os estudantes de Macau poderão frequentar. Um dos objectivos das instituições de ensino superior portuguesas passa, de resto, por atrair alunos a outros domínios que não o Direito ou o estudo da língua portuguesa. “O acesso à Medicina encontra-se vedado pelo despacho regulador das vagas para estudantes internacionais. Naturalmente que a Língua e a Tradução são áreas fundamentais, mas são áreas em que já existe alguma tradição na mobilidade de estudantes”, recorda o dirigente. “Uma das coisas que o protocolo vem permitir é exactamente o alargamento a todas as demais áreas de formação, que abrangem a engenharia e as tecnologias, o desporto, as áreas da biologia e das biotecnologias, a ges-



António Fontainhas Fernandes, presidente do CRUP



Nuno Mangas, presidente do CCISP

tão e o marketing, entre outras”, enuncia o também presidente do Instituto Politécnico de Leiria.

O objectivo de atrair os estudantes a outros domínios do saber é partilhado pelo CRUP. Atento à realidade da RAEM,

GAES QUER “EXAME UNIFICADO” RECONHECIDO POR PEQUIM

Depois de Portugal, a República Popular da China. O Gabinete de Apoio ao Ensino Superior está a discutir com o Ministério da Educação o eventual reconhecimento do “Exame Unificado de Acesso das Quatro Instituições do Ensino Superior de Macau” como método de certificação das qualificações dos alunos da região que queiram dar seguimento aos estudos em universidades chinesas, revelou Chang Kun Hong, em declarações à MACAU. Coube ao coordenador-adjunto do GAES a responsabilidade de liderar, no final de Janeiro, uma delegação que se deslocou a Pequim com o propósito exclusivo de discutir a possibilidade com representantes do Ministério liderado por Chen Baosheng. A República Popular da China está entre os destinos favoritos dos jovens de Macau interessados em dar continuidade aos estudos fora de portas e até há mesmo um número crescente de alunos que procuram as universidades chinesas para estudar português. “Há muitos jovens locais a estudar no Interior do País. Este ano, por exemplo, cerca de 25 alunos de Macau mostraram interesse em frequentar cursos de português em universidades chinesas. É um dado muito curioso”, ilustra Chang Kun Hong.

O coordenador-adjunto do GAES garante que o Governo está a fazer um esforço acrescido para assegurar a convergência do ensino terciário local com os padrões internacionais em domínios como o acesso e a mobilidade estudantil, mas também o intercâmbio académico e o reconhecimento de graus. “Quanto ao reconhecimento de graus, o Governo da RAEM também tem dado muita atenção às outras regiões, no sentido de alargar este mecanismo. O reconhecimento de habilitações em Portugal já está em discussão, o mesmo sucedendo com o Interior do País”, revela o dirigente.

António Fontainhas Fernandes está convicto que além de estarem capacitadas para formar quadros bilingues em áreas como a Tradução e o Direito, as universidades afiliadas ao organismo que lidera poderão ainda dotar a RAEM de profissionais diligentes em áreas como as indústrias culturais e criativas e a protecção do património. “A língua portuguesa e a formação de tradutores continuarão certamente a atrair estudantes de Macau, mas outras áreas existem que podem igualmente habilitar esses alunos a integrar mais facilmente o mercado global. As competências digitais, as indústrias de conteúdos culturais, a história e a preservação do património, o direito, a economia ou as engenharias, constituem apenas exemplos de capacidade instalada que as universidades afiliadas ao CRUP podem oferecer aos estudantes da RAEM”, considera o reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

A perspectiva de dotar Macau de quadros qualificados bilingues não apenas no âmbito do domínio da língua ou do funcionamento do sistema jurídico, mas também – e sobre-



O GAES acredita que esta iniciativa pode ajudar a suprir a necessidade de formar quadros bilingues

tudo – noutras áreas técnicas é algo que agrada ao GAES. A formação de quadros bilingues qualificados em diversas áreas do saber é, recorda Chang Kun Hong, uma das razões que estiveram subjacentes à assinatura de ambos os acordos. De uma forma abrangente, as universidades e os institutos politécnicos de Portugal deverão ajudar Macau a cumprir o desígnio de diversificar a sua economia, contribuindo indirectamente quer para o desenvolvimento da República Popular da China, quer para a definição do papel da RAEM no âmbito da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”. “A formação de quadros bilingues qualificados é um factor muito importante no âmbito do desenvolvimento social e económico, quer do país, quer da RAEM, e é um factor que contribui também, com grande relevância, para a concretização do desígnio nacional ‘Uma Faixa, uma Rota’”, aponta o coordenador-adjunto do GAES.

O processo de apresentação de candidaturas por parte de estudantes locais às universidades e aos institutos politécnicos de Portugal só deverá arrancar em Junho, depois de conhecidos os resultados do Exame Unificado de Acesso ao Ensino Superior, um instrumento metodológico que congrega quatro das principais instituições de ensino terciário do território (a Universidade de Macau, o Instituto Politécnico de Macau, o Instituto de Formação Turística e a Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau). As provas de aferição decorrem entre 4 e 8 de Abril e avaliam os conhecimentos dos alunos em quatro disciplinas tidas como estruturantes: o português, a língua chinesa, o inglês e a matemática. ■

sān

three

三

一

二

三

shí

ten / sound part

十

一

一

十

bā

eight / sound part

八

一

八

八

liù

six

六

一

一

六

wǔ

five / sound part

五

一

一

五

sì

four

四

一

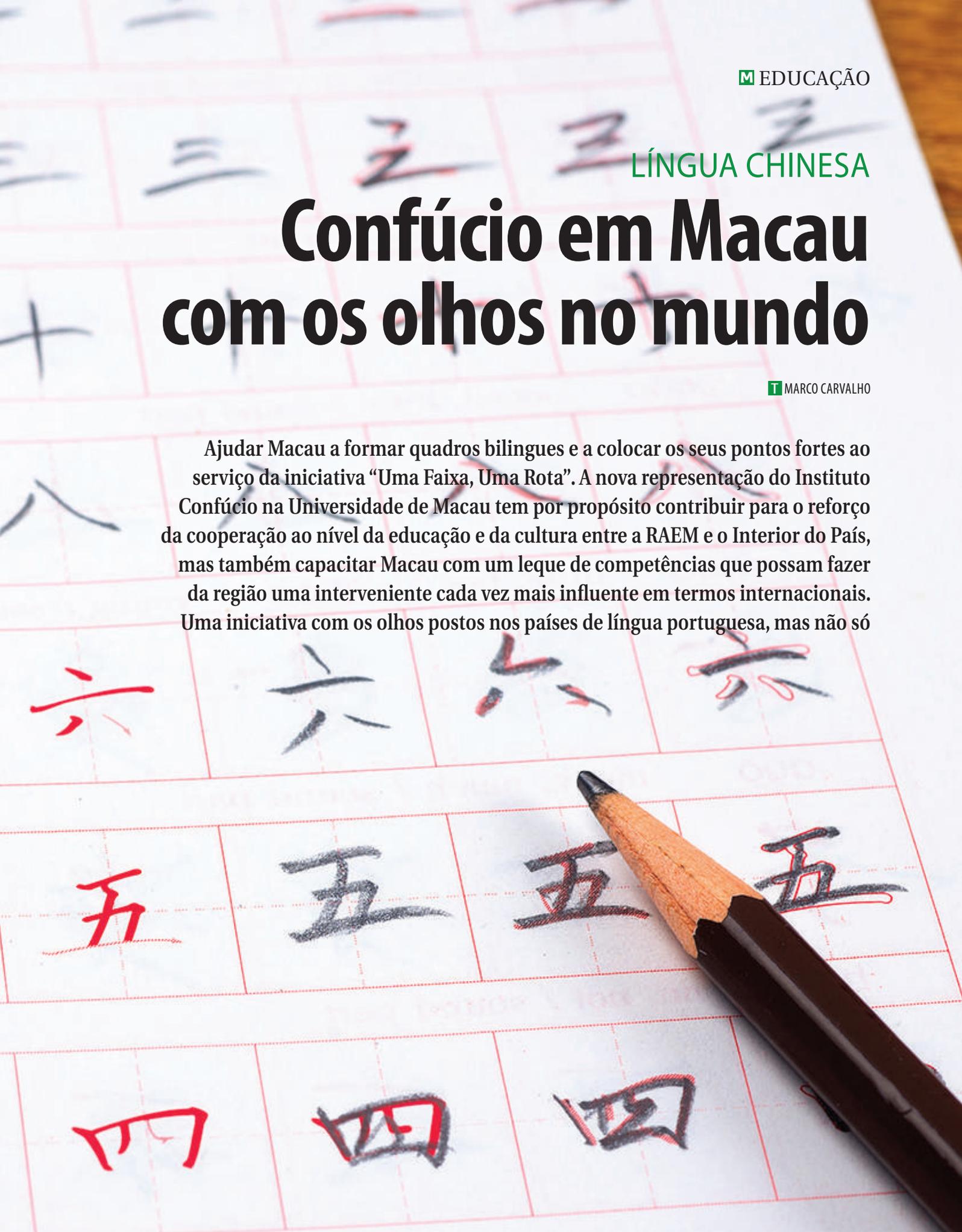
一

四

Confúcio em Macau com os olhos no mundo

T MARCO CARVALHO

Ajudar Macau a formar quadros bilingues e a colocar os seus pontos fortes ao serviço da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”. A nova representação do Instituto Confúcio na Universidade de Macau tem por propósito contribuir para o reforço da cooperação ao nível da educação e da cultura entre a RAEM e o Interior do País, mas também capacitar Macau com um leque de competências que possam fazer da região uma interveniente cada vez mais influente em termos internacionais. Uma iniciativa com os olhos postos nos países de língua portuguesa, mas não só



O QUE têm em comum a Universidade de Macau, a Universidade bósnia de Banja Luka e a Escola de Língua Chinesa de Calcutá, na Índia? As três instituições estão entre as universidades e os estabelecimentos de ensino que mais recentemente se associaram ao universo da organização de promoção linguística que mais visibilidade tem ganho em todo o mundo.

O crescimento excepcional da economia chinesa e o papel cada vez mais influente de Pequim em domínios como o comércio, a construção de infra-estruturas ou o turismo transformaram a língua chinesa num idioma apetecido: milhares de pessoas um pouco por todo o planeta estão presentemente inscritas em cursos de mandarim, num processo que se intensificou a partir de 2004.

Foi no final desse ano, em Novembro, que Seul, capital da Coreia do Sul, acolheu a primeira representação do Instituto Confúcio. Nos últimos 14 anos, o organismo alastrou-se aos quatro cantos do planeta e a presença da organização no seio das mais relevantes academias mundiais tornou-se ubíqua. “O Instituto Confúcio foi fundado em 2004 e desde então foram criados 525 Institutos e 1113 Turmas Confúcio em 146 países e regiões. No caso das Turmas Confúcio são ministradas tanto em escolas primárias como em escolas se-

cundárias”, ilustra o Gabinete do Conselho Internacional da Língua Chinesa em entrevista à MACAU.

Também conhecido por Hanban, é ao Gabinete do Conselho Internacional da Língua Chinesa que estão subordinadas todas as representações do Instituto Confúcio espalhadas pelo mundo. O organismo tem sido o principal responsável pelo exponencial incremento que o estudo do *putonghua* – a variante de mandarim sancionada pelas autoridades chinesas – tem conhecido por todo o globo, num processo em que os números, sustenta o Hanban, falam por si. “Ao longo dos últimos 14 anos, o Confúcio formou cerca de 9,16 milhões de falantes de língua chinesa e mais de 1000 milhões de pessoas participaram nas actividades promovidas pelo Instituto um pouco por todo o mundo.”

Se o âmbito de abrangência do Instituto Confúcio é admirável, o ritmo a que vão surgindo novas representações do organismo é estonteante: num período de pouco mais de três meses, entre o início de Outubro de 2017 e o final de Janeiro deste ano, o Hanban acrescentou nove novas valências e 37 novas turmas Confúcio ao seu portefólio internacional, passando a marcar presença em quatro outros países e territórios.

Na Bósnia-Herzegovina, a segunda representação do Instituto Confúcio a

abrir portas na república jugoslava foi inaugurada a 21 de Janeiro, nas instalações da Universidade de Banja Luka, e em Calcutá, a Escola de Língua Chinesa tornou-se, no final de Novembro, a primeira instituição indiana de ensino não-superior a oferecer aulas de *putonghua* em colaboração com o Instituto Confúcio.

Potencial da plataforma

A RAEM também entra agora nos planos do Hanban, com a Universidade de Macau a receber a primeira valência do Confúcio na região. Em Outubro de 2017, a maior instituição de ensino superior de Macau e o Gabinete do Conselho Internacional da Língua Chinesa assinaram um acordo com o propósito de estabelecer uma representação permanente do Instituto Confúcio no campus da Ilha da Montanha. As novas valências deverão ajudar a reforçar a cooperação ao nível da educação e da cultura entre a RAEM e o País, bem como definir o papel que Macau se propõe desempenhar no âmbito da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”.

O anúncio da criação da primeira representação do Instituto Confúcio na região foi feito pela vice-primeira-ministra chinesa, Liu Yandong. “Em Dezembro de 2017, na abertura da 12.ª edição da Conferência dos Institutos Confúcio, que decorreu em Xi’an, na província de Shaanxi, a vice-primeira-ministra, Liu Yandong, deu a conhecer a criação do novo Instituto nas instalações da Universidade de Macau”, recorda o Hanban, enfatizando o estatuto particular que a nova delegação do Confúcio pode vir a desempenhar no âmbito do esforço global de promoção da língua chinesa impulsionado pelo organismo.

Criada mais de 12 anos depois do organismo se ter fixado na vizinha Hong Kong pela mão da Universidade Politécnica local, a representação do Instituto em Macau é liderada por Hong Gang Jin e por Shi Jianguo, directora e vice-director da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade de Macau, e tem por grande objectivo promover a RAEM como uma plataforma



Falk Hartig fez um estudo para determinar os resultados da diplomacia cultural chinesa

internacional para o ensino da língua chinesa, tendo como ponto de partida a relação privilegiada que o território mantém com os países de língua portuguesa. “Entre os principais propósitos do Instituto Confúcio da Universidade de Macau estão, por um lado, a formação intensiva de professores e de alunos e, por outro, o desenvolvimento de recursos pedagógicos, quer em termos de suportes analógicos, quer em termos de suportes digitais”, esclarece à MACAU o Gabinete do Conselho Internacional de Língua Chinesa. “Numa perspectiva mais específica, o Instituto quer ainda providenciar formação e instrumentos pedagógicos a professores de chinês que leccionem em países de língua portuguesa ou noutros países de substrato cultural similar”, complementa o organismo.



Em comunicado, a Universidade de Macau explica que o Instituto Confúcio vai procurar capitalizar o estatuto único de Macau como Região Administrativa Especial, a sua localização geográfica privilegiada e a sua diversidade linguística e cultural com

o propósito de reforçar o estatuto de Macau como plataforma internacional para o ensino, a formação e o intercâmbio de estudantes. O alvo específico da iniciativa, salientava a maior instituição de ensino superior do território na mesma nota de imprensa, são “os alunos oriundos dos países de língua oficial portuguesa e de outras regiões e territórios com relações privilegiadas com Macau”.

Em termos concretos, explica o Hanban, o novo Instituto Confúcio da Universidade de Macau vai fazer o que fazem as demais representações do organismo em termos de certificação internacional, mas também promover iniciativas que se coadunam com o estatuto único de Macau como plataforma para os países lusófonos. “O Instituto vai procurar dinamizar estudos





de natureza cultural nos países de língua portuguesa, bem como providenciar testes de proficiência a falantes de chinês, sejam eles oriundos de Macau ou provenientes dos países lusófonos”, aponta o organismo. “Por outro lado, o Instituto quer ainda providenciar pequenos cursos de iniciação à língua chinesa que serão leccionados numa segunda língua, seja ela o português, seja ela o inglês”.

O cumprir de uma vocação

A abertura do Instituto Confúcio na Universidade de Macau ganha particular proeminência ao abrigo do plano de desenvolvimento da iniciativa “Uma Faixa, uma Rota”. Proposto pela República Popular da China em 2013, o projecto abrange a “Faixa Económica da Rota da Seda” e ainda a “Rota Ma-

rítima da Seda do Século XXI”, duas medidas que têm por objectivo impulsionar a construção de uma rede de infra-estruturas que se propõe ligar a Ásia à Europa e à África, tendo por base as antigas rotas comerciais que ligavam as três regiões.

“Em Março de 2015, a Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma, o Ministério dos Negócios Estrangeiros e o Ministério do Comércio lançaram em conjunto o Plano de Desenvolvimento e Construção da Faixa Económica da Rota da Seda, bem como a Rota Marítima da Seda para o século XXI e definiu muito claramente qual deve ser o papel de Macau no âmbito da iniciativa ‘Uma Faixa, Uma Rota’, salienta o Hanban. “Macau é um nó importante no que diz respeito à construção e à afirmação da iniciativa”, reitera o organismo.

Entre as mais de meio milhar de representações do Instituto Confúcio criadas um pouco por todo o mundo até ao início de Outubro do ano passado, 135 estão situadas em 51 dos 68 países que integravam originalmente o projecto “Uma Faixa, uma Rota”, de acordo com dados oficiais divulgados pelo jornal *China Daily*.

Para os responsáveis pelo Gabinete do Conselho Internacional da Língua Chinesa, o natural protagonismo que o novo Instituto Confúcio da Universidade de Macau deve assumir é fruto de uma feliz coincidência entre o estatuto de Macau como “importante ponto de encontro entre Oriente e Ocidente” e a própria filosofia que norteia a acção das representações do Hanban espalhadas pelo mundo. Mais do que um eventual sentido de missão, inte-



GONÇALO LOBO PINHEIRO



Terry Flew, académico da Universidade de Tecnologia de Queensland (Austrália)

ressa aos responsáveis pelo Confúcio a vocação da região para aproximar diferentes povos e culturas. “Macau encarna como poucos a abertura e o carácter inclusivo da cultura chinesa. O princípio de harmonização das diferenças – ‘Harmoniosos, mas diferentes. Diferentes e harmoniosos’ – tornou-se uma valiosa característica de Macau. Este traço vai ao encontro da própria filosofia que preside ao Instituto Confúcio”, assegura o Hanban.

Para Terry Flew, académico que ensina Comunicação e Media na Universidade de Tecnologia de Queensland, o Instituto Confúcio ajudou a suprir, em pouco mais de uma década, um dos principais desafios com que Pequim se deparava. Cada vez mais influente em termos económicos, a República Popular da China exibiu, durante um

período considerável de tempo, manifestas dificuldades em garantir uma influência cultural que fosse remotamente comparável ao seu poderio económico. “A China passou por uma transformação notável desde a década de 1980. É agora um dos principais motores económicos do planeta e a influência política que exerce um pouco por todo o mundo está a crescer. Onde a China falhava até recentemente era no capítulo da influência cultural; não dispunha de um *soft power* que pudessem ser remotamente comparável com o crescimento do seu estatuto político económico”, explica o investigador australiano. “O Instituto Confúcio é uma das iniciativas – a par da CCTV, da agência noticiosa Xinhua e do aumento da presença chinesa em co-produções de Hollywood – com que a China procura ir ao encontro dos outros e expandir a sua influência cultural por todo o mundo”, complementa Flew, explicando de que forma o Executivo de Pequim conseguiu dar a volta à situação.

Em 2014, o professor da Universidade de Tecnologia de Queensland assinou com o alemão Falk Hartig um estudo – intitulado “Confucius Institutes and the network communication ap-

proach to public diplomacy” – no qual os autores procuram determinar de que forma e até que ponto a rede de Institutos Confúcio espalhados pelo mundo contribuiu para a afirmação de um novo paradigma no que toca à diplomacia cultural chinesa.

Investigador na Universidade Goethe, de Frankfurt, Falk Hartig sublinha que o papel primário desempenhado pelas representações do organismo espalhadas pelo mundo é um papel eminentemente cultural. “Não é errado argumentar que o Instituto ajuda cada vez mais pessoas por todo o mundo a entrar em contacto com a língua e a cultura chinesa. O Confúcio pode estabelecer um primeiro ponto de contacto para muita gente que, sem esta plataforma, não teria a oportunidade de aprender mais sobre a língua e a cultura chinesa.”

Em Macau, onde o chinês já goza do estatuto de língua oficial e onde uma parte considerável da população já domina o idioma, as premissas genéricas que se aplicam a uma boa parte das outras valências do Instituto acabam por se diluir. Falk Hartig não exclui a possibilidade do novo Confúcio da Universidade de Macau poder vir a ter funções eminentemente diplo-

máticas, tendo em conta não apenas a forte ligação entre a RAEM e o círculo dos países lusófonos, mas também a secular e estreita relação que Macau mantém com a Europa. Mais pragmático, Terry Flew sustenta que o primeiro Instituto Confúcio da RAEM vai dar um forte contributo para a afirmação da cidade como plataforma privilegiada de intermediação entre a República Popular da China e o universo dos países de língua portuguesa. “Macau vai chamar a si um importante papel no âmbito da iniciativa ‘Uma Faixa, uma Rota’, ao servir como um ponto de intermediação entre a China e os países de língua portuguesa, em particular com Portugal e com o Brasil”, defende o académico australiano.

Ao papel de relevo em termos de promoção cultural e económica que o Instituto Confúcio deve vir a desempenhar, Pan Suyan, professora associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Educação de Hong Kong, acrescenta um propósito mais, o de impulsionar uma maior harmonização cultural entre a RAEM e o Interior do País. “As representações do Instituto Confúcio que existem em todo o mundo servem



Pan Suyan, da Universidade de Educação de Hong Kong

propósitos culturais e económicos. No caso de Macau, creio que o Instituto Confúcio poderá ter um maior significado em termos de assimilação cultural. Uma vez que Macau já dispõe de laços muito próximos quer com a cultura, quer com a tradição chinesas, o Instituto Confúcio poderá

servir principalmente para socializar a população da RAEM para com a cultura oficial da República Popular da China, para além de funcionar como centro de ensino de língua chinesa”, defende a investigadora.

Autora, em colaboração com Joe Lo Tin-yau, do artigo científico “Os Institutos Confúcio e o *soft power* da China: práticas e paradoxos”, Pan Suyan considera que o contributo que o organismo pode dar a Macau no âmbito genérico da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” está ainda, e em grande medida, por definir. “A forma como o Instituto poderá vir a ajudar Macau a definir o seu papel nesta iniciativa vai depender, sobretudo, da sua capacidade de servir como pioneiro em termos económicos e de funcionar como entidade facilitadora em termos de diálogo”, adverte a docente da Universidade de Educação de Hong Kong.

Mais do que diálogo, o Gabinete do Conselho Internacional de Língua Chinesa quer que o novo Instituto Confúcio da Universidade de Macau facilite a criação de competências e ajude a projectar mais-valias a uma escala global. “Esperamos que o Instituto Confúcio da Universidade de Macau esteja virado para o mundo”, aclaram os responsáveis pelo Hanban. A formação de professores bilingues, mas também de falantes com capacidade para alavancar a criação de pontes entre a China e o mundo lusófono em vários sectores estão entre as principais missões da nova representação do Confúcio em Macau. “Vamos estar activamente empenhados no ensino da língua chinesa, ajudar a preparar e a formar professores bilingues e promover estudos de natureza intercultural, ao mesmo tempo que queremos ajudar a desenvolver negócios e empresas para as quais o conhecimento das línguas e das culturas da China e dos países lusófonos é essencial”, enuncia o organismo responsável pela tutela da rede mundial de Institutos Confúcio. “Vamos ajudar Macau a formar quadros qualificados para que possa colocar os seus pontos fortes ao serviço da iniciativa ‘Uma Faixa, uma Rota’”. ■

UMA LÍNGUA CADA VEZ MAIS GLOBAL

Desde que o Instituto Confúcio foi criado, há 14 anos, mais de nove milhões de alunos um pouco por todo o mundo estudaram nas representações do organismo. Em Outubro último, e de acordo com dados oficiais avançados pelo jornal *China Daily*, 2,1 milhões de pessoas encontravam-se matriculadas em cursos e em programas académicos ministrados ou tutelados pelo Instituto Confúcio. Baptizado com o nome de uma das principais figuras do pensamento chinês, o Instituto Confúcio é uma organização pública não lucrativa sob a supervisão directa do Ministério da Educação da China. O organismo assume como principal missão a promoção da língua e da cultura chinesa no estrangeiro, a exemplo do que fazem organizações como o British Council ou a Alliance Française. Com o desenvolvimento da economia chinesa e as mudanças no cenário internacional que lhe estão inerentes, a demanda pelo idioma chinês a nível mundial tem vindo a aumentar de forma exponencial, sustenta o Hanban. Até ao início de Outubro, e em simultâneo com a acção desenvolvida pelo Instituto Confúcio, 67 países e regiões tinham promovido leis e regulamentos que visavam fazer da língua chinesa uma disciplina de estudo obrigatório ou facultativo. Programas académicos de licenciatura e mestrado são ainda oferecidos em universidades e instituições de ensino superior de mais de 170 países, de acordo com informações oficiais.

ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

A PARTIR DE AGORA A REVISTA MACAU PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

Disponível na Apple Store e no Google Play, a nova aplicação da **MACAU** em língua portuguesa para telefones inteligentes e tablets disponibiliza, em formato PDF, todas as revistas da série IV. Pode mesmo descarregar a edição pretendida e lê-la, mais tarde, em modo offline.



CULTURA **M**

COMUNIDADES LUSÓFONAS

Macau, terra de todas as cores e sotaques

T LUCAS CALIXTO

A saudade faz-se de memórias e de sabores. Macau é hoje a casa de muitos residentes vindos do mapa da lusofonia que aqui encontraram uma nova casa. Um viver por cá sem esquecer as origens e buscando fazer do longe um pouco mais perto. A MACAU foi conhecer como é que as comunidades lusófonas residentes na cidade mantêm vivas as suas tradições







Cabo Verde



Guiné-Bissau

ANO APÓS ano, Macau vem sendo o destino de muitos estrangeiros e, em boa parte, pessoas do universo dos países de língua portuguesa – sobretudo de Portugal, mas nenhum país de expressão portuguesa fica de fora. Apesar de fazerem de tudo para manter as suas tradições vivas, muitos vão-se adaptando à cultura própria de Macau. Ainda assim, saudades de casa, dos amigos e da família, ou até mesmo dos sabores, do clima e do modo de vida são difíceis de esquecer, mas vão sendo apaziguadas graças a uma comunidade lusófona cada vez melhor estabelecida em Macau.

Ricardo Brito é cabo-verdiano, tem 25 anos e foi agraciado com uma bolsa de estudos para uma pós-graduação em ciências da computação na Universidade de Macau. Chegou à cidade em 2011 e relembra que os primeiros tempos não foram fáceis, já que esta foi a sua primeira experiência fora do arquipélago africano. “Quando tive a proposta des-

ta bolsa de estudos, não pensei duas vezes. Queria muito ter contacto com uma cultura distinta, que não fosse nem a portuguesa nem a cabo-verdiana”, conta. “Mas o início da vida em Macau não foi muito fácil.” O pior foi adaptar-se à comida chinesa e deixar de lado os sabores da terra natal. Com o tempo, no entanto, Ricardo foi adquirindo alguns dotes culinários e hoje já sabe preparar a sua própria cachupa, o prato-rei de Cabo Verde. Quando não cozinha em casa, junta-se a amigos cabo-verdianos para convívios onde a comida do seu país têm local de destaque.

Os cheiros e os sabores da Guiné-Bissau também foram o principal obstáculo para a adaptação de Filomena Barros. Quando chegou a Macau, já lá vão 22 anos, não havia tantos restaurantes de comida portuguesa como hoje para ‘disfarçar’ as saudades da sua Guiné. A solução foi, com o passar dos anos, deixar-se seduzir pela gastronomia chinesa, da qual hoje não



Ricardo Brito



Filomena Barros



Goa, Damão e Diu



Moçambique

consegue passar sem. Mas quando as saudades do seu país apertam, Filomena lança mãos à cozinha. “Faço um prato da Guiné, a pensar na Guiné, e assim a saudade diminui.”

Carlos Figueiredo não consegue passar sem os sabores da sua Angola, por isso encarregou a sua empregada doméstica de aprender pratos típicos e prepará-los com frequência. “Sabe bem sentir os sabores do meu país todos os dias.” Já para Elias Colaço, natural de Damão, na Índia, a adaptação aos sabores de Macau foi “muito fácil”. “O mais complicado mesmo foi comunicar com as pessoas sem dominar a língua chinesa.” Com o passar dos anos, foi aprendendo cantonês e hoje já consegue comunicar com o ‘outro lado’, nem que tenha de recorrer à ajuda de novas tecnologias, como tradutores no telemóvel.

José Lima, de 57 anos, dos quais 29 passados em Macau, deixou Moçambique para trabalhar como engenheiro em

Macau. Quando chegou, encontrou uma grande comunidade portuguesa, o que lhe fez sentir mais perto de casa. “Passados todos estes anos, sinto-me um pouco macaense, mas não me esqueço das minhas origens. A minha terra é mesmo Moçambique.”

A portuguesa Diana Soeiro cresceu em Macau e vive entre os mundos chinês e português. Do fogão da casa da coordenadora da Casa de Portugal em Macau só saem pratos portugueses, mas a família toda adora experimentar restaurantes chineses. “Comemos muito *yum cha*. Costumamos frequentar restaurantes chineses e temos o hábito de ir à Rua da Felicidade degustar as sobremesas chinesas.”

Já o delegado de Timor-Leste do Fórum Macau, Danilo Lemos Henriques, reconhece que o processo de adaptação foi lento, porém estável, e contou com a ajuda de uma colega de trabalho. “Tive a sorte de ter uma colega de trabalho que



Elias Colaço



José Lima



Angola

me ajudou imensamente a me orientar e conhecer a cidade”. Ainda assim, sublinha a dificuldade em adaptar-se a uma cidade pequena, já que chegou à RAEM depois de uma temporada em Pequim. “Talvez a maior adaptação foi a mudança de estar numa grande cidade, já que vivia em Pequim, de modo que o movimento de um contexto amplo para uma cidade menor e mais compacta levou a algum ajuste”.

Semelhanças ajudam

Ao tentar reviver um pouco a cultura dos seus países de origem, os residentes lusófonos de Macau acabam por sempre encontrar parecenças que lhes ajudam a ultrapassar, em certa medida, a distância física da sua terra natal. Para o timorense Danilo, há semelhanças entre Macau e Timor-Leste nos aspectos climáticos, bem como na gastronomia, já que a comida tradicional de Timor-Leste também teve muitas influências da gastronomia chinesa, indiana e portuguesa. A religião é outro ponto em comum. “A procissão de 13 de Maio dedicada a Nossa Senhora de Fátima é um exemplo muito concreto disso. Temos a mesma celebração.”

Ricardo Brito confessa sentir muita falta do clima, das praias e do mar do seu Cabo Verde. O mesmo diz Siegy Nascimento, brasileira de 47 anos que vive na região há mais de 25 anos. “Sinto falta de tudo. Do povo, da comida, da brincadeira, do samba, das praias. Enfim, de tudo.” Mas quando tem mesmo muitas saudades de ver o mar, corre para a praia de Hac-Sá.

Mas há espaços na memória difíceis de substituir, como a casa do avô de Elias Colaço em Damão. “Gosto muito de ir à casa do meu avô, sentar-me no balcão e sentir a brisa fresca. Foi esse o local onde dei os meus primeiros toques no piano. Essa é uma memória que está presa àquele sítio específico.”

Carlos Figueiredo sente falta de “um ambiente mais comunicativo, onde as pessoas interagem umas com as outras”. O professor angolano compara as culturas africana e asiática, e diz que tem “um imaginário todo africano”, sublinhando a falta que sente “das tradições, da cultura e da alimentação”.



Carlos Figueiredo

LUCAS CALIXTO

A falta do convívio regular entre pessoas de um mesmo país é algo que ainda causa estranheza à guineense Filomena Barros, que veio para Macau acompanhar o marido que ia trabalhar para o aeroporto, na altura ainda a ser construído. “Sinto falta das pessoas, do país em si, do ambiente, e da família que deixei lá. Acaba por ser mais essa parte do calor humano, porque em Macau acabamos por não ter um convívio frequente com as pessoas do nosso país.”

Ainda assim, e passadas mais de duas décadas em Macau, Filomena sorri sempre ao falar da cidade que a tem acolhido durante todo este tempo. “Macau é, sem dúvida, a minha casa. Sinto primeiro Macau, apesar da Guiné ser a minha terra. Sinto-me mais à-vontade aqui.” Filomena recebe, num futuro próximo, sentir as mesmas saudades de Macau, já que com o marido prestes a reformar-se, a ideia é regressar à Guiné-Bissau. “Acho que vai ser uma readaptação muito difícil depois de ter estado tanto tempo fora. No dia em que sair mesmo de Macau, vou passar a sentir as mesmas saudades que tinha de quando cheguei da Guiné.”

Quando bate a saudade...

Para matar a saudade, há várias formas de, aqui tão longe, poder sentir o país de origem mais perto. Ricardo gosta de se reunir com conterrâneos para um encontro musical. Cada um leva o seu instrumento e a vontade de relembrar músicas de Cabo Verde que fizeram sucesso no país ou marcaram a infância dos cabo-verdianos. “Costumo encontrar-me com dois ou três amigos e passar algumas horas a cantar músicas de Cabo Verde e, assim, matar um pouco a saudade do meu país.”

Já a brasileira Siegy Nascimento diz que quando sente falta do seu país tropical também se reúne com os amigos para ouvir uma boa música, lembrando o passado de quando era moradora de um bairro humilde, no Rio de Janeiro. “Procu-ro estar com os amigos mais chegados, comer boa comida, beber uma boa cerveja, ouvindo sempre boa música.”

Ao lembrar o seu país, o moçambicano José Lima não he-

sita em mencionar a natureza, sendo esse o motivo primordial de saudade. “Sinto falta da natureza de Moçambique, da natureza de África. A natureza onde nasci e cresci.”

Já Danilo costuma reunir-se com a comunidade timorense em Macau para reviver um pouco a cultura. “Na maioria das vezes cozinhamos e comemos juntos, às vezes o alimento da nossa terra natal, o *batat daan* – um feijão tradicional e um grão de milho –, e falamos sobre a situação política, e ainda ouvimos e cantamos música de Timor-Leste.”

O angolano Carlos Figueiredo, em Macau há mais de 15 anos, conta que o trabalho o ajuda quando sente falta do seu país. “Tenho as minhas pesquisas centradas numa área específica de Angola, o município do Libolo, portanto, envolvo-me muito nessa pesquisa, pois é um jeito de matar as saudades de África.” Libolo é um município no qual o professor nasceu e viveu até se mudar para Portugal, com 18 anos.

Essa falta do país de origem não é partilhada pela portuguesa Diana Soeiro, que chegou a Macau em 1987. Trinta anos volvidos em Macau, nunca sentiu que Macau não fosse a sua casa. O facto de conviver diariamente com portuguesas e estar envolvida directamente em assuntos culturais da sua comunidade ajudam-na a definir a sua identidade. “Sou de Macau, mas sou uma portuguesa de Macau. Este detalhe faz toda a diferença.” orgulho não lhe falta quando fala de toda a herança e presença portuguesa que vai encontrando pela cidade ou mesmo pela Ásia.

À procura de sabores

Sendo a culinária um dos aspectos culturais importantes, a dificuldade para encontrar os ingredientes necessários para preparar as receitas originais dos países lusófonos é bastante apontada. Para fazer os pratos típicos brasileiros, Siegy tem de andar de mercado em mercado à procura dos produtos que possam ser utilizados. “Cozinho muito feijão, jiló, chuchu, quiabo, frango com arroz, batata e carne. Então, vou num mercado que vende o feijão, vou noutra que vende o jiló, o chuchu, o quiabo, outra que vende a farinha, enfim. Temos que procurar em todos os lados.”

Filomena Barros diz que para cozinhar pratos típicos costuma trazer da Guiné-Bissau um carregamento dos princi-

pais ingredientes quando lá vai de férias. No entanto, alguns pratos do seu país, como por exemplo, o caldo de mancarra (à base de frango e manteiga de amendoim), também pode ser feito com ingredientes encontrados localmente.

Quem também costuma trazer a mala cheia quando regressa a Macau é a professora santomense Inocência Mata. Ao tentar cozinhar comidas típicas do seu país, a professora faz a combinação de ingredientes locais com aqueles que traz directamente de São Tomé e Príncipe ou de Portugal. “Faço calulu e feijão de óleo de palma, sempre a combinar os ingredientes que trago na mala com produtos que encontro em Macau.”

Já Diana Soeiro conta que ao longo dos anos Macau teve uma mudança significativa quando se trata de serviços portugueses, no caso, restaurantes, lojas, ingredientes culinários e produtos em geral. Antigamente os portugueses costumavam trazer muitas coisas de Portugal, algo que já não é necessário. “Hoje já não vale a pena trazer coisas de Portugal, o mundo está cada vez está mais global, estamos mais próximos, e não existe essa necessidade de trazer coisas de lá. O que é bom de Portugal não se pode trazer, que é a família, a praia, o céu azul. É isso que as pessoas aqui sentem falta, não da comida.”

Também para Elias Colaço os ingredientes presentes na comida de Damão não são tão difíceis de encontrar. “Nas lojas indianas encontra-se bastante coisa.” Além disso, existem lojas que vendem ingredientes vietnamitas, onde também se encontram especiarias, como açafraão e gengibre. Ainda assim, traz sempre das viagens a casa as especiarias de Goa, que “nunca faltam em casa”.

Tradições e festividades

As festividades e datas comemorativas também são culturalmente importantes, pois fazem parte da história de cada país. Como por exemplo, o Natal, o dia da independência, a passagem de ano ou celebrações religiosas.

As datas, ainda assim, são assinaladas em Macau na maioria das vezes pelas associações de cada país, e acabam por juntar representantes de todas as comunidades lusófonas de Macau. Siegy sente especialmente falta do Carnaval



Diana Soeiro



Portugal

do Rio de Janeiro, um evento que é lembrado e organizado anualmente pela Casa do Brasil.

O Dia da Independência de Cabo Verde também é assinalado em Macau. A reunião costuma acontecer à mesa, para um jantar, e “é sempre uma grande festa”, revela Ricardo Brito. Também, o Dia da Independência da Guiné-Bissau é celebrado com um jantar, oferecido pela associação local. Além disso, a colectividade costuma fazer piqueniques para a comemoração de outras actividades.

O Natal, por exemplo, é transversal, uma tradição celebrada por todos. Muitas vezes, pessoas de diferentes países juntam-se no dia 25 de Dezembro. Siegy, por exemplo, costuma cozinhar e convidar os amigos para ir a sua casa, sejam brasileiros, portugueses ou da África lusófona, para assim celebrarem juntos a data, como em família.

Já a portuguesa Diana Soeiro, mãe de três crianças, diz que apesar de viver em Macau há muito tempo não esconde a vontade de que os filhos tenham contacto com a cultura portuguesa. Por isso, costuma celebrar todas as datas especiais para que eles possam aprender a cultura. “Por exemplo, celebramos o Santo António, a Páscoa e o Natal em casa. Decoramos a casa, envolvemos as crianças na organização dessas festas e preparamos as comidas típicas de cada festividade”, conta.

Festival da Lusofonia: momento alto do ano

O Festival da Lusofonia, que em 2017 completou 20 anos de existência, e é geralmente organizado em Outubro, é já há muito a principal celebração para todas as comunidades lusófonas de Macau, porque além de incentivar o convívio entre todos aqueles que falam português, também é uma verdadeira mostra da cultura de cada um dos países e regiões.

O Festival é tão acarinhado que há até quem defenda a sua realização mais vezes ao longo do ano. “Na altura em que fui presidente da associação, propus que tivéssemos duas ou três vezes o festival durante o ano, pois é um evento aceite por todos, promovendo positivamente a convivência

muito saudável tanto para os turistas como para as pessoas que aqui estão”, diz a guineense Filomena Barros.

O estudante cabo-verdiano Ricardo Brito tem a mesma opinião e aponta o Festival da Lusofonia como o principal evento em Macau, tendo ainda em mente lembranças da sua primeira participação na festa. “Em 2011 trouxeram um grupo brasileiro que tocou todas aquelas músicas que passei a minha vida inteira a ouvir e isso foi muito marcante para mim.”

Na opinião de Danilo Lemos Henriques, “o Festival da Lusofonia oferece uma oportunidade maravilhosa para o público ser capaz de apreciar e aprender mais sobre as culturas dos países do mundo lusófono, que talvez não conheçam. Penso que a variedade de formatos de experiência da cultura é louvável e única”.

No caso da comunidade de Goa, Damão e Diu, Elias Colação aponta que o evento anual se tornou um projecto essencial para a exibição da cultura própria destas regiões indianas. “A Lusofonia é uma forma de mantermos o espírito e mostrar uma cultura diferente. Uma comunidade que tem uma raiz indiana, mas que tem uma cultura própria a nível de gastronomia, música e costumes.”

Inocência Mata alinha neste pensamento: “É o único momento do ano em que existe um diálogo intercultural”. A professora do Departamento de Português da Universidade de Macau aprecia a festa e o convívio. “Gosto de encontrar as pessoas, passar de barraca em barraca, recordar produtos”, aponta, desejando que pudesse acontecer, pelo menos, duas vezes por ano.

Vida associativa

O associativismo possui um papel muito importante para as comunidades lusófonas residentes em Macau, já que as associações se focam sobretudo na promoção cultural e no apoio aos recém-chegados. Foram essas as razões, por exemplo, que levaram Filomena Barros a criar uma associação ligada à Guiné-Bissau. Além da promoção cultural, Filomena também queria prestar apoio a estudantes guineenses que chegavam com bolsas de estudo a Macau mas que não tinham assistência médica. Actualmente, a guineense



Danilo Lemos Henriques



Timor-Leste



LUCAS GALIXTO

Siegy Nascimento



LUCAS GALIXTO

Inocência Mata



Brasil



São Tomé e Príncipe

não possui um cargo na associação, mas continua envolvida, estando sempre presente em todos os eventos e reuniões, e acredita que, hoje, a associação tem como objectivo afirmar-se mais como comunidade na região.

A associação de São Tomé e Príncipe também é de grande importância para os estudantes e para a promoção de encontros da comunidade, na opinião de Inocência Mata. Mas a professora lamenta que os encontros muitas vezes não tenham uma participação massiva. “Os membros da associação vão, mas os familiares não aparecem. Não aparece a comunidade inteira.” Contudo, adora a convivência com os conterrâneos e gosta de ter esses momentos onde se pode falar crioulo.

A vida associativa também tem assumido outros papéis mais recentemente. Exemplo disso é a Câmara do Comércio de Angola em Macau, que foi criada por um grupo de angolanos residentes na região – Carlos Figueiredo, ao lado do advogado Carlos Lobo, do professor Pedro Paulo e do funcionário público Rui Brás. A associação, sem fins lucrativos, pretende expandir as relações comerciais entre os países e desenvolver actividades vocacionadas para a promoção e divulgação de quaisquer vertentes relacionadas com a identidade cultural de Angola.

O professor acredita ser um projecto de grande impacto,

pois a economia e a cultura caminham de mãos dadas. “Os governos têm bastante interesse no reforço dos laços económicos, e a cultura vai sempre de braços dados com a economia. O governo de Angola tem todo interesse em divulgar também a cultura angolana aqui em Macau.”

Além de ser a principal promotora da cultura portuguesa na RAEM, a Casa de Portugal em Macau também faz trabalhos voltados para a comunidade em geral, como cursos nas mais variadas áreas, desde o desporto, à arte, saúde, bem-estar e educação. A associação tem ainda criado iniciativas para as crianças de origem portuguesa que nasceram em Macau de forma a criarem uma ligação mais forte com o país da família. Para incentivar o interesse pela língua portuguesa, por exemplo, a Casa de Portugal oferece discos de poemas infantis de autores portugueses musicados pela banda da Casa de Portugal, poemas traduzidos para chinês, jogos tradicionais, espectáculos de marionetas portuguesas, além de visitas regulares às escolas locais para transmitir músicas portuguesas.

Elias Colaço, secretário da mesa da assembleia geral da Associação de Goa, Damão e Diu, expõe que a principal dificuldade da colectividade é não ter uma sede própria, o que facilitaria o desenvolvimento de projectos, promoção de eventos e a adesão de patrocinadores. ■

de Turismo de Negócios de Macau 澳門商務旅遊中心 Macau Business

ROTEIRO CULTURAL

Há mais vida na cidade

T HÉLDER BEJA

Longe vão os dias em que o Centro Cultural e o Museu de Arte dominavam por completo a paisagem cultural de Macau. Entre galerias e espaços multifacetados, uma casa dedicada ao cinema e outra ao design, a RAEM tem hoje lugares de cultura que se estendem da zona norte da cidade à Taipa e a Coloane. O mapa cultural e criativo da cidade promete continuar a crescer



CARLOS GONCALVES

Mass Tourism Centre

ISA

莎莎

SWAROVSKI



1

CENTRO CULTURAL DE MACAU E MUSEU DE ARTE DE MACAU
AVENIDA DE XIAN XING HAI, MACAU

Convivendo lado a lado, o Centro Cultural de Macau e o Museu de Arte de Macau compõem o maior e mais bem equipado pólo cultural da cidade. No primeiro, é possível assistir com regularidade aos espectáculos mais relevantes que passam pela região, das formações clássicas do Festival Internacional de Música aos espectáculos multidisciplinares do Festival de Artes de Macau e às sessões do Festival Internacional de Cinema e Cerimónia de Entrega de Prémios. Já no Museu de Arte, os visitantes podem apreciar uma colecção permanente composta por trabalhos de artistas locais e do Sul da China, bem como mostras temporárias de nomes relevantes da arte chinesa actual, como Xu Bing. Pintura chinesa, caligrafia e cerâmica, por um lado, e arte contemporânea, por outro, fazem deste museu um repositório da cultura e da memória colectiva da região.



4

CENTRO DE DESIGN DE MACAU
TRAVESSA DA FÁBRICA, 5, MACAU

Espaço arrojado e descentralizado, o Centro de Design de Macau quer ser um espaço de apresentação de novos projectos e também uma incubadora para as indústrias criativas. Com a assinatura de James Chu, durante muitos anos responsável pela Art For All, o centro acolhe criativos das mais diversas áreas através do aluguer de espaços, além de ter uma galeria, uma cafetaria e uma loja de produtos criativos locais. O terraço, repleto de plantas e com vista sobre os telhados da zona norte, é um dos segredos bem guardados do Centro de Design de Macau.



2

CINEMATECA PAIXÃO
TRAVESSA DA PAIXÃO,
11-13, MACAU

Na Travessa da Paixão, bem perto das Ruínas de São Paulo, tem morada a nova casa cinéfila de Macau. A Cinemateca Paixão é um edifício de três andares com uma pequena mas bem equipada sala de cinema, um biblioteca especializada e mais uns quantos espaços para os apreciadores da sétima arte. A programação e gestão do espaço está a cargo da CUT Ltd., empresa de Albert Chu e Rita Wong, nomes bem conhecidos no que toca à divulgação do cinema na cidade. Os filmes exibidos são acima de tudo os muitos que não chegam aos circuitos comerciais de Macau e Hong Kong, havendo ciclos temáticos a cada mês. Os dinamizadores da Cinemateca Paixão têm também reservado espaço para as produções locais e para a organização de *workshops*.



3

ART FOR ALL
AVENIDA DR. RODRIGO RODRIGUES,
265 – 4.º ANDAR, MACAU

A Art For All (AFA) é uma das mais duradouras e relevantes agremiações culturais de Macau, reunindo um número considerável de artistas locais ou radicados na cidade, e apresentando com regularidade as suas criações, em exposições individuais e colectivas. Além de promover dentro de portas o trabalho artístico feito em Macau, a AFA tenta também levar a outros países e regiões o que de melhor se produz na RAEM, participando em algumas feiras de arte. Todos os anos, o Salão de Outono, organizado em parceria com a Fundação Oriente, é um momento importante para dar a conhecer as novas caras das artes plásticas de Macau.



5

TAIPA VILLAGE ARTS SPACE
RUA DOS CLÉRIGOS, 10, TAIPA

É uma das mais recentes iniciativas culturais, liderada por João Ó, também ele artista plástico. Bem no coração da Velha Taipa, zona mais conhecida pelos muitos restaurantes e lojas de lembranças, o pequeno Taipa Village Arts Space tem-se dedicado a revelar novos artistas e a apresentar propostas menos conhecidas de autores já estabelecidos na cena artística local. Fotografia, pintura, ilustração e instalação – estas e outras formas de expressão encontram na nova galeria da Taipa um lugar para chegarem ao grande público, ou não fosse a Velha Taipa um dos locais mais procurados pelos turistas que visitam Macau.

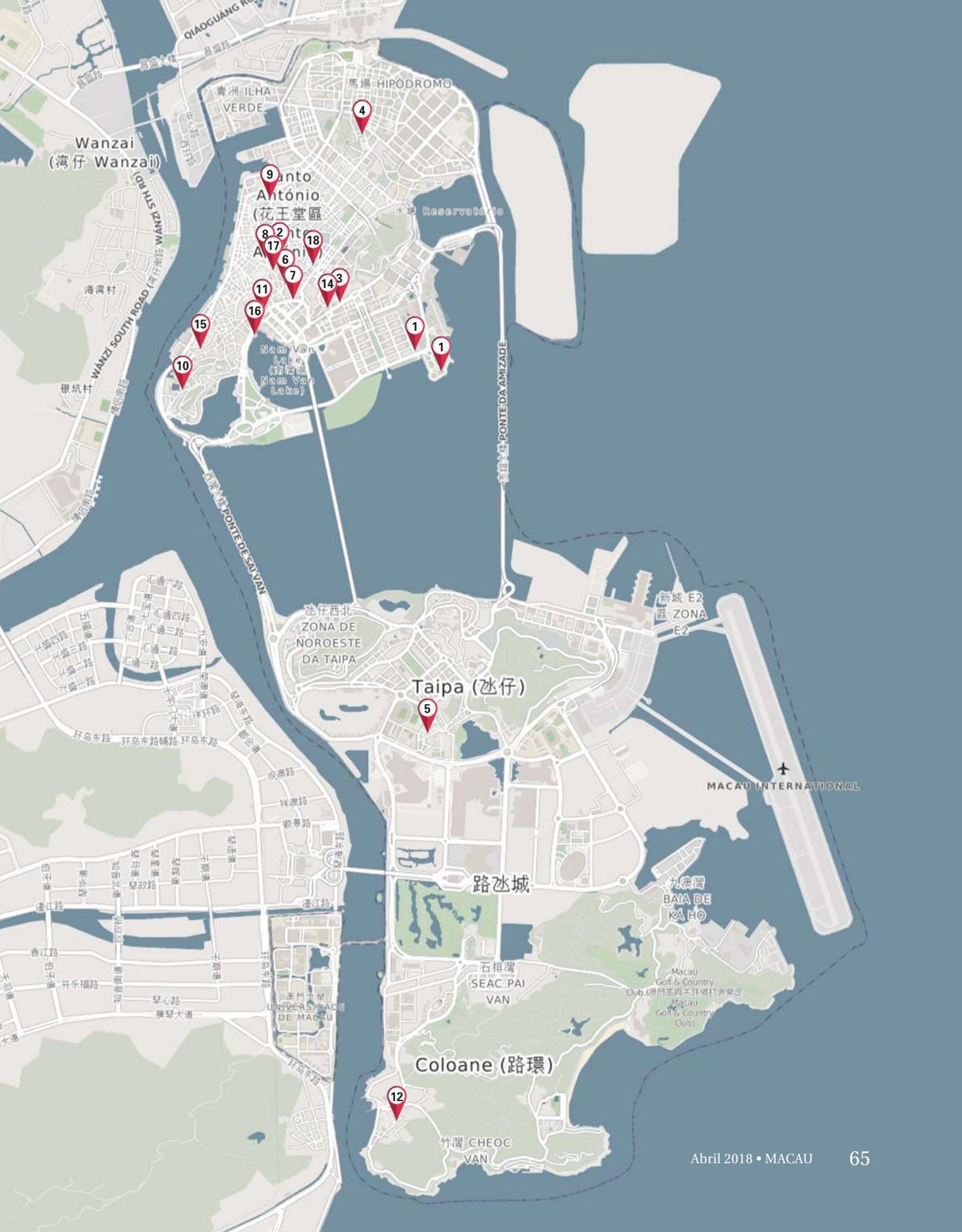


6

LIVRARIA PORTUGUESA
RUA DE SÃO DOMINGOS, 16-18, MACAU

A galeria da Livraria Portuguesa tem sido, ao longo dos anos, um lugar de encontro para literatos, artistas plásticos e outros criativos locais. Situada na cave desta casa de livros – porventura o espaço que mais diversidade de oferta tem no que toca à compra de publicações em Macau – a galeria acolhe lançamentos, debates e também exposições de artes plásticas de artistas locais ou ligados a Macau. A sua localização, em pleno centro histórico, faz com que seja um lugar de passagem para muitos residentes e turistas, acima de tudo para falantes ou estudantes da língua e cultura portuguesa.





Wanzai (灣仔 Wanzai)

Santo António (花王堂區)

Taipa (氹仔)

Coloane (路環)

九澳灣 BAIA DE KÁ HÒ

MACAU INTERNATIONAL

4

9

8

2

17

6

11

16

10

15

7

14

3

5

12

18

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1

1



7

FUNDAÇÃO RUI CUNHA

AVENIDA DA PRAIA GRANDE, 49, MACAU

É com quase toda a certeza o espaço cultural mais dinâmico e diversificado do momento em Macau. Não passa uma semana sem que a galeria da Fundação Rui Cunha receba uma palestra, uma inauguração de exposição, um concerto para piano, uma projecção de filme ou tudo isto em dias consecutivos.

Projecto gizado pelo advogado Rui Cunha, que dá nome à instituição, tem feito um trabalho consistente e intenso de divulgação cultural e fidelização de públicos, mais uma vez com forte incidência nos falantes de língua portuguesa, mas não só.



8

GALERIA IAOHIN

RUA DA TERCENA, 39, MACAU

As galerias comerciais em Macau são praticamente inexistentes e, só por isso, a Galeria Iaohin já tem o mérito de conseguir manter-se activa e relevante ao longo dos anos. Situada no Bazar chinês, uma das zonas da cidade que ainda conserva o charme da velha Macau, a Iaohin tem apostado em trazer à RAEM trabalhos de artistas das mais diversas geografias. A arte local também merece atenção, mas sempre tentando não repetir os nomes habituais em exposições patentes noutros espaços da cidade. Florence Lam é a mulher por trás de um projecto que tem crescido, como provam as recentes parcerias com iniciativas de grande escala, como o Le French May, evento que celebra a arte e cultura francesa em Hong Kong e Macau.



9

CASA GARDEN

LARGO DE CAMÕES, MACAU

Se o espaço importa, é preciso dizer que a Casa Garden é provavelmente o mais belo espaço para acolher obras de arte em Macau. As suas duas galerias – mas acima de tudo a do piso superior – são do melhor que a cidade tem para oferecer quando se trata de albergar exposições coletivas ou individuais. Há anos sob a direcção de Ana Paula Cleto, delegada da Fundação Oriente em Macau, o espaço tem apresentado algumas das melhores mostras artísticas de que há registo.

Acontecimentos anuais como o Salão de

Outono, a exposição do

World Press Photo e o

festival Vídeo Art For All (VAFA) colocaram definitivamente este

edifício histórico,

vizinho do Jardim

Luis de Camões, no

roteiro cultural da cidade.



13

CREATIVE MACAU

AVENIDA DE XIAN XING HAI, MACAU

Criado em 2003, o Creative Macau define-se como um centro para as indústrias criativas da região. A sua galeria, situada no piso térreo do Centro Cultural de Macau, recebe em permanência exposições de artistas locais e criadores europeus, ou não fosse este um projecto desenvolvido pelo

Instituto de Estudos Europeus de Macau. O Creative tem vindo a trabalhar em 12 áreas que considera fundamentais para o desenvolvimento das indústrias criativas locais.

Destas, o cinema, com a organização do Festival Internacional Macau Sound&Image Challenge, tem sido uma das que maior atenção vem recebendo.



14

MACAU ART GARDEN

AVENIDA DR. RODRIGO RODRIGUES, 265, MACAU

Trata-se de todo um edifício dedicado às artes. Este projecto, criado por uma série de instituições artísticas da RAEM, entre elas a Art For All, nasceu com o apoio da Secretaria para os Assuntos Sociais e Cultura. O edifício de cinco andares na Avenida Rodrigo Rodrigues, bem no centro da cidade, oferece actualmente espaços para exposições, uma loja de produtos culturais e criativos que serve de plataforma para a venda de obras arte e produtos criativos locais, uma área para crianças, outra dedicada a jovens artistas, e zonas para oficinas de arte abertas ao público. Além disso, há ainda 36 estúdios que, de acordo com o Macau Art Garden, acolhem presentemente cerca de 50 artistas.



15

MMM WORKSHOP E JUJU STUDIO

RUA DA BARRA, 45, MACAU

O artista local José Lázaro das Dores decidiu abrir as portas deste espaço de workshops junto ao Largo do Lilau, corria então o ano de 2014. Situado num bairro tradicional e com uma audiência maioritariamente local, o MMM Workshop e JUJU Studio tem atraído gente de todas as idades, interessada em dar os primeiros passos em diferentes técnicas artísticas ou em aperfeiçoar os seus dotes. Pintura, desenho, gravura e outros meios de expressão vão sendo praticados nesta oficina que estimula a aprendizagem através da observação, e que também expõe o trabalho dos seus pupilos.





10

OFICINAS NAVAIS N.º 1 – CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEA
RUA DE S. TIAGO DA BARRA, MACAU

Mais um espaço ainda a cheirar a tinta fresca e destinado a levar a arte e a cultura a uma zona onde escasseiam as infraestruturas culturais. Situada na Barra, bem perto do Templo de A-Ma,

esta foi em tempos uma zona de máquinas do estaleiro do Governo, onde se produziam e se fazia a manutenção de embarcações. Carregado desse legado histórico, o novo centro de artes está

no entanto voltado para o futuro: pretende mostrar artistas plásticos locais e internacionais, bem como servir de palco a projectos de teatro experimental.



11

EDIFÍCIO DO ANTIGO TRIBUNAL
AVENIDA DA PRAIA GRANDE, MACAU

Aquela que será a nova morada da Biblioteca Central de Macau é, por agora, um dos lugares mais apetecíveis para as diferentes associações e instituições que pretendem organizar actividades culturais. O Teatro Caixa-Preta do piso superior tem servido de palco aos mais diversos espectáculos de colectivos teatrais locais como a Comuna de Pedra. As salas do piso térreo são há anos a casa do Festival Literário de Macau – Rota das Letras e de outras iniciativas. Foi ali, por exemplo, que se celebraram recentemente os 150 anos do nascimento do poeta Camilo Pessanha. Não será fácil encontrar outro espaço tão central, emblemático e multifuncional quando as salas do antigo tribunal derem finalmente lugar às estantes e aos livros da biblioteca que ali nascerá.



12

CASA DO POVO
TRAVESSA DA PIPA, 4, COLOANE

Este projecto tem, desde logo, o mérito de querer levar à ilha de Coloane qualquer coisa que raramente lá chega: as artes e a cultura da RAEM que, sendo pequeno, é ainda centralizado. Mica Costa-Grande, Sofia Salgado e Eloi Scarva já fizeram a sua declaração de intenções: transformar Coloane numa aldeia artística. Não será certamente uma empresa fácil, mas os primeiros passos estão dados, com exposições, lançamentos de livros e ideias que passam pela abertura de ateliers e parcerias com diferentes instituições locais. Literatura, fotografia e escultura são os três campos em que a Casa do Povo quer deixar a sua marca.



16

ANIM'ARTE
LARGO NAM VAN, MACAU

É um dos mais recentes projectos promovidos pelo Governo de Macau, parte da revitalização da zona adjacente ao Lago Nam Van. Ao café gerido pelo Instituto de Formação Turística, aos barcos-gaivota que é possível alugar passear no lago e às feiras de artesanato que acontecem aos fins-de-semana, junta-se uma loja temática “Mapa Cultural e Criativo de Macau” e a designada “Galeria Junto ao Lago”. O espaço dá especial atenção às obras de jovens artistas, tendo no ano passado apresentado trabalhos de pintura e caligrafia de 25 jovens autores, numa iniciativa em que o Instituto Cultural trabalhou em parceria com o a Associação dos Artistas de Belas-Artes de Macau.



17

“WHAT'S UP POP UP”
CALÇADA DO AMPARO, MACAU

Esta iniciativa privada veio dar nova vida à zona do “Bazar chinês”, bem nas imediações de algumas das maiores atracções turísticas de Macau. Com um café, lojas criativas, exposições e bancas pop-up, projecções vídeo e concertos, o What's Up POP UP tem conseguido assumir-se como uma verdadeira ‘rua artística’, um novo ponto de encontro das mentes criativas de Macau. A mais recente edição do festival This Is My City levou alguns dos seus eventos para este espaço, dando-lhe ainda maior reconhecimento e visibilidade.



18

ALBERGUE SCM
RUA DE EDUARDO MARQUES, 1, MACAU

O Albergue é há vários anos um dos espaços culturais por excelência. Situado no Bairro de São Lázaro e dirigido pelo artista e arquitecto Carlos Marreiros, acolhe com regularidade exposições e oficinas que podem ir das mais arrojadas e inovadoras expressões artísticas, às mais tradicionais técnicas, como é o caso das esculturas de papel, tradicionais da cultura chinesa. Com um espaço de exposições e uma área para palestras e projecções, o Albergue recebe também feiras de artesanato e, por vezes, concertos que ocupam o famoso pátio rodeado de edifícios de traça ocidental e cor amarela, embelezado pelas árvores centenárias que ali descansam.



Eventos para todos os gostos

O calendário cultural de Macau nunca foi tão preenchido como por estes dias. Do cinema à literatura, das artes plásticas às artes de palco, da música às performances de rua, são apresentadas mês após mês um número considerável de propostas culturais a residentes e turistas.

Eis os principais destaques da agenda anual, iniciativas públicas e privadas a não perder

FESTIVAL FRINGE **JANEIRO**

É por excelência o festival de rua de Macau. Durante o Fringe, tanto as agitadas artérias de Macau como sítios do património classificado pela UNESCO recebem as mais diversas propostas artísticas de grupos e criadores individuais locais e de outras partes do globo. Música, dança, teatro, performance, artes circenses e muito mais cabem na programação deste evento que se propagou por inúmeras cidades do globo e que já vem acontecendo em Macau há 17 anos. O espírito de festa e o colorido que empresta à cidade fazem do Fringe um momento único no calendário cultural da RAEM.



BIENAL DE DESIGN DE MACAU **JANEIRO/MARÇO**

Já vai na 11.ª edição e ao longo dos anos tem-se assumido como um momento importante para que os criadores locais possam mostrar os seus trabalhos, ao mesmo tempo que convivem com obras vindas de várias partes do mundo. A mais recente mostra teve lugar em Dezembro passado, na Galeria de Exposições Especiais do Museu das Ofertas sobre a Transferência de Soberania de Macau. Os trabalhos mostrados são sempre alvo de uma rigorosa selecção e revelam o que de melhor se faz na Ásia mas também no Ocidente em termos de design. A actual exposição conta com mais de 200 obras e está patente até ao final de Março deste ano.

PHOTO MACAU **MARÇO**

É mais um evento cultural prestes a nascer em Macau, quando a cidade acalenta assumir-se como um verdadeiro pólo artístico. A Photo Macau dedicará, como o nome indica, especial atenção à fotografia. A primeira edição está agendada para o período entre 25 e 28 de Março deste ano, e decorrerá no centro de exposições do Venetian Macau. O director do Centro de Fotografia de Genebra, Joerg Bader, e a principal curadora do Museu de Arte Contemporânea de Seul, Nathalie Boseul Shin, estão entre os nomes mais relevantes do conselho consultivo e de curadores do certame. Istambul é a cidade em destaque para a primeira edição, numa iniciativa com curadoria da colecionadora e especialista na cena artística turca, Nina Öger.



FESTIVAL LITERÁRIO DE MACAU - ROTA DAS LETRAS MARÇO

É o único evento literário de grande escala organizado em Macau, trazendo à cidade autores da Grande China, dos Países de Língua Portuguesa e de muitas outras geografias. Começou em 2012 e vai já para a sua sétima edição. O cariz trilingue (chinês, português e inglês) e gratuito de grande parte do programa, bem como a atenção dada à música, às artes plásticas e ao cinema, além da evidente literatura, fizeram da Rota das Letras um festival transversal, que consegue atrair públicos diversos. Yu Hua, Valter Hugo Mãe, Wang Anyi e Dulce Maria Cardoso, Sérgio Godinho e Cat Power, o vencedor do Prémio Pulitzer Adam Johnson e os finalistas do Prémio Booker Madelaine Thien e Graeme Burnet são alguns entre as centenas de convidados que passaram por Macau nos últimos anos.



FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA E VÍDEO ABRIL/MAIO

O programa de apoio ao desenvolvimento de projectos cinematográficos do Centro Cultural de Macau (CCM), denominado Macau – O Poder da Imagem, foi ao longo da última década um importante espaço de liberdade e criatividade para os jovens cineastas locais. As verbas e o apoio dado pelo CCM às produções locais possibilitaram a existência de largas dezenas de filmes, do documentário à ficção, passando pela animação. Foi, por exemplo, ali que Tracy Choi, uma das promissoras realizadoras locais, deu os seus primeiros passos. Além das produções apoiadas e apresentadas no Festival Internacional de Cinema e Vídeo, há espaço nesta mostra cinematográfica para outros filmes de Macau, na secção Macau Indies; bem como para obras internacionais, com alguns dos filmes do Festival Internacional de Cinema de Hong Kong a serem seleccionados para passar em Macau.

FESTIVAL DE ARTES MAIO

É o mais importante acontecimento artístico e cultural de Macau a cada ano, pela sua escala, pela sua história (já vai na 28ª edição) e pela qualidade das propostas que apresenta. Organizado pelo Instituto Cultural, o Festival de Artes de Macau tem anualmente um programa rico e diverso, do teatro à performance, da música à dança. Artistas e grupos da China e de outros países asiáticos coabitam na agenda de espectáculos com criações vindas da Europa, dos Estados Unidos da América e também da América Latina.



EXPOSIÇÃO WORLD PRESS PHOTO SETEMBRO

Todos os anos Macau é a única cidade da China a receber a exposição com as fotografias vencedoras da competição World Press Photo (WPP). A mostra, organizada pela Casa de Portugal em parceria com a Fundação Oriente, acontece regularmente na Casa Garden e apresenta os melhores trabalhos fotográficos publicados na imprensa mundial. Poder aceder ao trabalho de alguns dos melhores repórteres de imagem do mundo – em categorias tão diversas como Assuntos de Actualidade, Ambiente, Natureza, Pessoas ou Desporto – tem sido um privilégio para residentes locais e visitantes. Está já confirmado que a exposição WPP visitará Macau pelo menos até 2020.

**FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA
OUTUBRO**

É provavelmente o festival que mais visitantes de Hong Kong atrai a Macau. Com um programa as mais das vezes invejável, consegue trazer à cidade as melhores orquestras do mundo, os mais finos executantes e as mais irresistíveis sinfonias. Também organizado pelo Instituto Cultural, o Festival Internacional de Música tem vindo ao longo dos anos a educar e a fidelizar um público que hoje esgota praticamente todos os seus espectáculos. Quem pudesse pensar que a música clássica – que compõem não a totalidade do programa mas uma grande parte – teria os dias contados nesta sociedade ultra-modernizada, pode olhar para Macau, para o sucesso deste festival, e perceber que tal está longe de acontecer.



**FESTIVAL DA LUSOFONIA E SEMANA CULTURAL
DA CHINA E DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA
OUTUBRO**

É a festa popular por excelência e celebra a multiculturalidade de uma cidade onde a influência portuguesa e lusófona ainda se faz sentir numa cidade mormente chinesa. Todos os anos, a zona do Carmo, junto às Casas-Museu da Taipa, enche-se de gente que acode às famosas barraquinhas de comidas e bebidas vindas dos quatro cantos do mundo que se entende em língua portuguesa. A juntar ao arraial, a arte e o artesanato tomam o palco, com concertos a acontecerem um pouco por toda a cidade, e mostras de artesanato e exposições a fazerem parte de um programa que destaca as culturas africanas de expressão portuguesa, Timor, Brasil, Goa, Portugal e, claro, que não se esquece de apresentar a cultura chinesa.

**DOCLISBOA (EXTENSÃO DE MACAU)
OUTUBRO/ NOVEMBRO**

O Instituto Português do Oriente (IPOR) decidiu chamar a si a responsabilidade de trazer a Macau o melhor do mais importante festival de cinema documental em Portugal, e um dos mais relevantes da Europa. Os filmes do DocLisboa apresentados no Auditório do Consulado-Geral de Portugal representam o que de mais substancial se produz no que toca ao documentário em Portugal.



**SALÃO DE OUTONO
NOVEMBRO**

Organizado pela Art For All e pela Fundação Oriente, este Salão de Outono, iniciativa de inspiração europeia, tem servido para revelar ou tornar mais conhecidos alguns dos melhores jovens artistas de Macau, como Eric Fok e Lai Sio Kit. As paredes da Casa Garden convidam os artistas a mostrarem os seus trabalhos, independentemente do meio de expressão que utilizam. Depois, selecciona-os, organiza-os, dá-lhes dignidade através de uma exposição bem montada, oferece-lhes a possibilidade de chegarem ao público e de serem adquiridos e, além de tudo isto, premeia ainda o melhor artista de cada ano. O vencedor é contemplado com uma residência em Portugal e a possibilidade de expor na galeria Arte Periférica, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

**THIS IS MY CITY
DEZEMBRO**

O festival This is My City é um dos mais antigos de Macau, projecto que já teve várias vidas mas que nos últimos anos encontrou a criatividade e energia necessárias para crescer. Evento preocupado em pensar a cidade e a região que se insere, o This is My City trabalha sobre o planeamento urbano e a arquitectura, as indústrias culturais e o tecido social da cidade, trazendo a Macau especialistas em cidades e indústrias criativas, dinamizadores culturais e, claro, artistas de renome. Agora, o projecto estende-se pela primeira vez a Shenzhen, com o claro intuito de transformar-se num festival de escala regional e de promover o diálogo entre Macau, a China e Portugal.



**FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA E CERIMÓNIA DE ENTREGA DE PRÉMIOS - MACAU
DEZEMBRO**

Sob a direcção artística de Mike Goodridge e enfoque em novos cineastas, este é um evento de grande escala, com um orçamento capaz de atrair figuras maiores da sétima arte – como o caso do cineasta Laurent Cantet, vencedor da Palma de Ouro em Cannes e presidente do júri da mais recente edição do festival de Macau – esta iniciativa tem tudo para poder entrar no mapa dos festivais de cinema mais relevantes da Ásia. A cada Dezembro, Macau vai atrair estrelas da sétima arte, mas também produtores e investidores que podem ser decisivos para fazer florescer a indústria do cinema, que muitos acreditam ter grande potencial.

**DESFILE INTERNACIONAL DE MACAU
DEZEMBRO**

A anteriormente denominada Desfile por Macau, Cidade Latina continua a ser um dos grandes chamarizes turísticos da recta final de cada ano. Agora com o nome de Desfile Internacional de Macau, trata-se de um cortejo de grandes proporções, que convida para as ruas da cidade artistas de inúmeros países, prontos a apresentar os seus dotes aos milhares de pessoas que acorrem ao chamamento desta parada colorida, frenética e as mais das vezes surpreendente. Não é um desfile de carnaval, mas é sem dúvida o que de mais semelhante a isso Macau tem.



**FESTIVAL DA LUZ
DEZEMBRO**

Dezembro é tempo de Festival de Luz em Macau. As Ruínas de São Paulo e o Lago Nam Van têm sido os locais privilegiados para este evento que atrai milhares de curiosos através de espectáculos de ‘video mapping’ e labirintos de luz. Mas há também exposições em diferentes espaços, como a Casa Garden, e intervenções em diferentes locais públicos, como paragens de autocarro e fachadas de edifícios. O bairro de São Lázaro, o Jardim Luís de Camões e as Casas-Museu da Taipa são apenas alguns dos locais aos que se estendem por norma as muitas luzes desta iniciativa da responsabilidade do Turismo de Macau. Na última edição, o tema do festival foi “Amor Macau”, inspirado nos momentos difíceis que a cidade atravessou depois da passagem do tufão Hato.



T DIANA DO MAR

NASCIDO EM 1917 na província de Guangdong no seio de uma família abastada nunca frequentou a universidade, mas o talento que mostrou ter em tenra idade, aliada à sede de conhecimento, abriu caminho para se tornar num mestre. Figura invulgar, Jao Tsung-I era considerado uma sumidade literária, artística e académica na China e um dos maiores sinólogos dentro e fora de portas.

“Jao Tsung-I era muito especial. Ele era um aprendiz muito activo. Aprendeu muito sozinho e com amigos, incluindo pessoas que conheceu lá fora. Para si eram todos professores ou mestres, porque apesar de lhe dizerem que era um génio, ele era muito humilde”, diz Paul Pang, director do Gabinete de Assuntos dos Estudantes da Universidade de Macau (UM). “Ele começou a estudar história, literatura, sobretudo linguística e ficou famoso desde jovem pelas obras e artigos que publicou. Era interdisciplinar e na comunidade académica chinesa poucos eram aqueles que sabiam tanto como ele”, observa o historiador Wu Zhiliang, para quem Jao Tsung-I “era um dos maiores intelectuais da actualidade da China”.

Jao Tsung-I não se limitou, porém, à China e galgou fronteiras, promovendo o intercâmbio cultural entre o Oriente e o Ocidente. “Ele viajou muito, sobretudo a partir dos anos 1960 e falava inglês, francês e japonês. Ele tinha amigos de todas as partes do mundo: de França, Inglaterra, Japão, Estados Unidos, também da Índia, Austrália, Tailândia, Indonésia ou Coreia do Sul”, sublinha Paul Pang, observando que “é fácil compreender porque Jao Tsung-I era tão bem-sucedido e um literato brilhante”. “A sua grande exposição ao mundo exterior era muito grande e ampla, porque ele sempre quis aprender com os melhores, algo que era muito raro entre os académicos chineses”, complementa. “Ele era um homem do mundo”, realça o também presidente da Associação de Escritores de Macau, citando as palavras de uma das duas filhas de Jao Tsung-I plasmadas em livro.

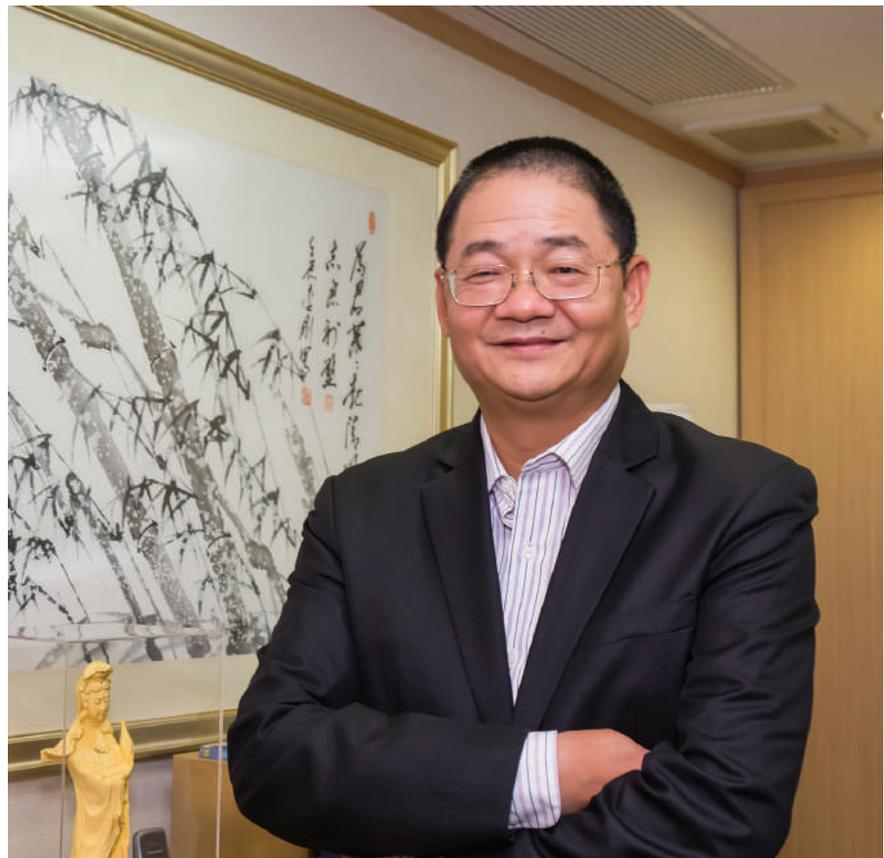
JAO TSUNG-I MORREU EM FEVEREIRO AOS 101 ANOS

O génio nato

Descrito como “um dos maiores intelectuais da actualidade da China”, foi também “um homem do mundo”, que aprendeu línguas e se interessou pela cultura do outro para melhor compreender a sua. Reconhecido internacionalmente como um dos maiores sinólogos, o professor Jao Tsung-I deixa um vasto legado cultural, desde a história à literatura até às artes

Excertos da correspondência trocada entre Jao Tsung-I e Paul Demiéville (1894-1979), um francês de origem suíça considerado um dos maiores sinólogos do Ocidente, de quem ficou amigo após ter começado a participar em conferências internacionais, atestam essa postura. Apesar da dife-

rença de idades que os separava (mais de 20 anos) e se tratarem quase como irmãos, a deferência de uma admiração recíproca estava sempre presente. “Pergunta-me por que razão estou interessado nos seus trabalhos. A resposta é que é um grande sinólogo e eu penso que uma colecção das suas



obras deveria estar em Paris. (...) Todos os seus artigos são originais e um importante contributo para o conhecimento da China antiga e deviam estar disponíveis para todos os sinólogos em todo o mundo”, escreveu Paul Demiéville, nos anos 1960, numa das muitas cartas que trocaram, manuscritas em francês, em inglês e em chinês. Além de Paul Demiéville, Jao Tsung-I também travou amizade com outras distintas figuras da sinologia do século XX como Ji Xianlin (China), Yoshikawa Kojiro (Japão) ou Joseph Needham (Inglaterra), mas apesar do prestígio que foi alcançando no mundo erudito nunca deixou de lado o estudo.

Vida académica e poesia

Jao Tsung-I começou a sua carreira como professor na Universidade do Sul da China, em Guangdong, em 1946, no Departamento de Literatura e História Chinesas, que também dirigiu. Entre 1952 e 1968 leccionou na

“ERA INTERDISCIPLINAR E NA COMUNIDADE ACADÉMICA CHINESA POUCOS ERAM AQUELES QUE SABIAM TANTO COMO ELE”

WU ZHILIANG

Universidade de Hong Kong, partindo depois para Singapura onde esteve cinco anos, como docente e director do Departamento de Estudos Chineses, antes de regressar a Hong Kong, onde viveu grande parte da vida. Por Macau passa nos anos 1980 quando foi para a Universidade da Ásia Oriental (antecessora da UM), primeiro como professor e, mais tarde, como chefe do Departamento de Literatura e História Chinesas. Pelo meio, conduziu trabalhos de investigação e en-

sinou como professor visitante em latitudes tão distintas como França, Japão, Índia ou Estados Unidos.

Com uma prolífica carreira, que incluiu notáveis contributos para a arqueologia, história, literatura ou filologia, é estimado autor de mais de 900 artigos académicos. Segundo um elogio académico de 2004, além dos *Cinco Clássicos*, Jao Tsung-I mergulhou em Zhuang Zi e Lao Zi, “reconstruindo a ‘Bíblia’ chinesa” e deu “contributos consideráveis” no domínio da filosofia. Escreveu também sobre Confucionismo, Budismo e Taoísmo e completou o trabalho *Anotações para Lao Zi*. A sua grande obra, *Árvore de Han Zi*, “surpreendeu os círculos académicos”, ao expor “os factos da disseminação da cultura chinesa corrigindo os pontos de vista errados”, de acordo com o mesmo documento, datado de 2004, da autoria do professor Tang Kwok-kwong, da Universidade de Macau.



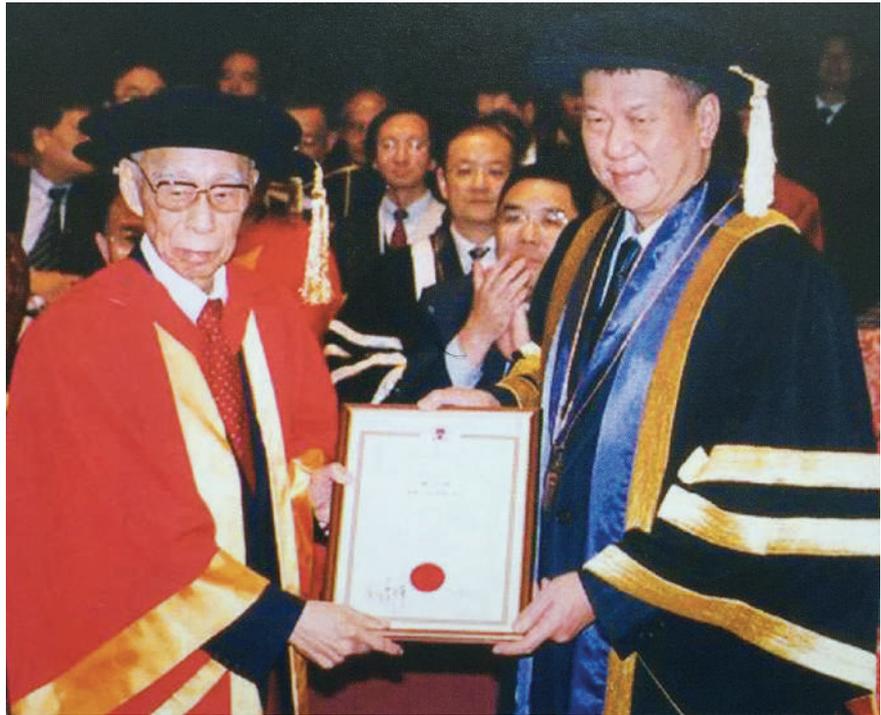
Em paralelo, “é um dos nomes mais conhecidos da literatura chinesa herdeira das grandes tradições, com igual excelência na poesia pré-Tang de quatro e oito versos”. Também “especialista em *ci* (uma forma poética), mestre de todos os géneros de prosa clássica, incluindo *saoti* (versos ao estilo *sao*), *fu* (prosa poética), *pianwen* (prosa paralela) e *sanwen* (prosa livre)”, lê-se numa nota de apresentação da Academia Jao Tsung-I. Em síntese, ocupava “um lugar ímpar no panorama literário chinês”.

“Ele foi pioneiro em muitos domínios”, sublinha Paul Pang, observando que, à parte do inglês, francês ou japonês, o professor (como era chamado) também sabia sânscrito e outras línguas antigas que utilizou como meio de investigação para decifrar inscrições em ossos, bronze ou pedra. “Ele foi o primeiro a realizar estudos comparativos das inscrições de oráculos em ossos”, a mais antiga forma de escrita chinesa, sendo, aliás, autor de uma obra sobre as da Dinastia Yin, publicada em 1959, distinguida com o prémio Stanislas Julien (França) e “também foi o primeiro a traduzir o mito de criação babilónico ‘Enûma Eliš’ para chinês”. Neste âmbito, são também célebres, por exemplo, como sinaliza Wu Zhiliang, os seus estudos sobre as Grutas de Dunhuang, o maior conjunto de arte budista do mundo, classificado como Património Mundial da Humanidade pela UNESCO.

As referências de Jao Tsung-I chegaram da China, naturalmente, mas também de outros pontos, como da Índia. “Ele fala de um indiano que teve muita influência nele. Chamava-se Kant e era advogado de profissão, mas visto como um académico de topo na Índia. Era conhecido como ‘maha maha’ que significa ‘grande mestre’ em hindi, que escreveu dois livros (um de poesia e outro sobre a história dos códigos legais)”, diz Paul Pang, recorrendo a uma obra de Jao Tsung-I, ressaltando não ter a certeza se os dois chegaram a interagir.

Pintura e música

Além das letras, Jao Tsung-I revelou também talentos como artista, cul-



饒宗頤

Jao Tsung-I recebeu de Edmund Ho, antigo Chefe do Executivo da RAEM, o título de Doutor em Humanidades Honoris Causa e de professor honorário

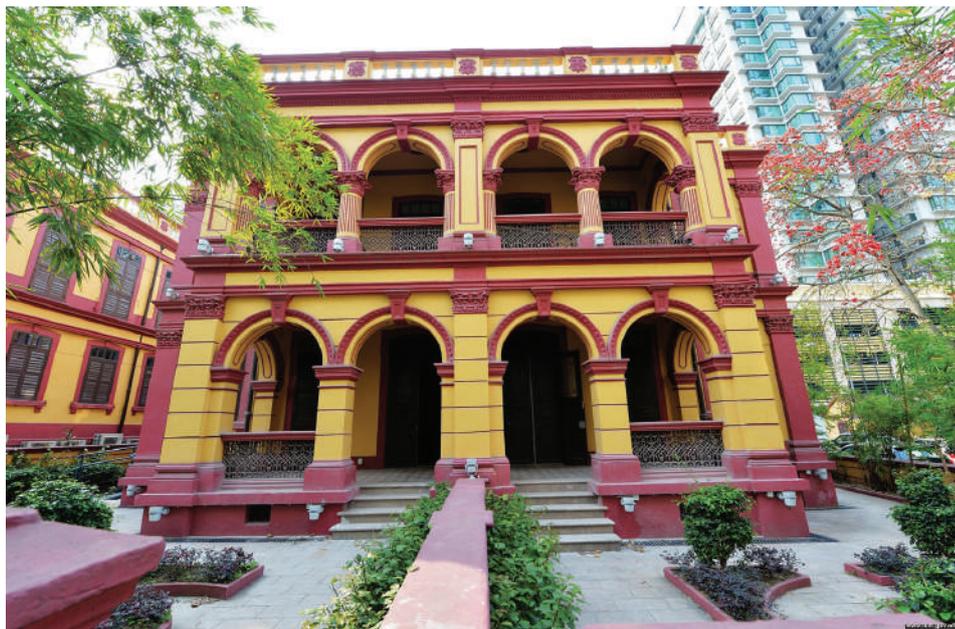
tivando o seu próprio estilo de caligrafia e pintura, apesar de ter ido beber a outros, como um pintor de Nanjing com quem estudou e que considerava um mestre. “Ele estudou diferentes pinturas e feitas em diferentes períodos, digeriu-os e desenvolveu o seu próprio estilo”, sublinha Paul Pang, indicando que Jao Tsung-I também “percebeu a beleza da pintura ocidental” quando esteve em Paris. De olhar a “extraordinária” obra de Pablo Picasso, por exemplo, compreendeu que “a jornada pela pintura não tem fim e que cada um tem de encontrar a sua própria forma de inovar, por ser um mito a ideia de que os mestres produzem sempre peças maravilhosas”. Também era claro para Jao Tsung-I que “ninguém pode produzir do nada”, ou seja, sem se expor: “Esta era abordagem dele, por isso, ele combina e mistura diferentes cores, estilos e padrões, sem

seguir uma escola”. O interesse de Jao Tsung-I estendeu-se ainda à música, em particular à lírica, tendo aprendido a tocar com um músico famoso um instrumento antigo semelhante à cítara chinesa, acrescenta Paul Pang.

“Ele era amador e mestre em tudo”, realça Wu Zhiliang. Os feitos de Jao Tsung-I no domínio académico e cultural valeram-lhe inúmeros prémios e distinções tanto na China como no estrangeiro, nomeadamente em França, Rússia, Austrália ou Japão. Aliás, “em homenagem ao mérito e dedicação à causa da cultura chinesa e dos valores humanistas”, o Observatório Astronómico da Montanha Púrpura, em Nanjing, atribuiu ao planeta secundário 10017, o nome de “Jaotsungi” em 2011.

Relação com Macau

A relação de Jao Tsung-I com Macau dá-se em 1981 quando foi convidado para professor catedrático da Universidade



A Academia Jao Tsung-I, na Avenida do Conselheiro Ferreira de Almeida, foi criada em 2015 pelo Governo da RAEM

da Ásia Oriental, onde, três anos mais tarde, deixa uma marca indelével ao criar o Departamento de História e Literatura Chinesa (nível de mestrado e doutoramento). “Naquela altura, não existia uma instituição para divulgar a cultura chinesa em Macau [então sob administração portuguesa] e ele foi um dos pioneiros. Devemos muito a ele sobretudo pela criação desse Departamento”, sublinha Wu Zhiliang, que conheceu Jao Tsung-I num congresso internacional em Hong Kong. Em 2004, a UM conferiu-lhe o grau de Doutor em Humanidades *Honoris Causa* e o título de professor honorário em reconhecimento pelos seus originais contributos académicos. Entre outros domínios, também se debruçou sobre os estudos arqueológicos, dando conselhos e orientando as escavações do sítio arqueológico da baía de Hac-Sá, Coloane, em 2006.

Em Macau expôs pela primeira vez em Novembro de 1999, a convite da Fundação Macau. “Antes da transferência convidéi-o para fazer uma exposição no então recém-criado Centro UNESCO”, recorda Wu Zhiliang. Essa mostra, de pintura e caligrafia, intitulada “Terra Pura”, antecedeu uma série de outras. Em 2001, o Museu de Arte (MAM) aco-

lheu a “Exposição de Caligrafia e Pintura de Rao Zongyi”, onde, a par de 103 obras de arte de autoria do professor Jao Tsung-I, foram apresentados outros trabalhos de artistas chineses, bem como objectos ornamentais e estudos; e, em 2006, “Lótus Imortal”, por ocasião do seu 90.º aniversário. Já em 2011 teve lugar a mostra “Aspirações Convergentes”, reunindo 30 pinturas e caligrafias doadas ao MAM por Jao Tsung-I que, em 2013, oferece 159 peças de arte e trabalhos académicos a Macau.

“ A SUA GRANDE EXPOSIÇÃO AO MUNDO EXTERIOR ERA MUITO GRANDE E AMPLA, PORQUE ELE SEMPRE QUIS APRENDER COM OS MELHORES, ALGO QUE ERA MUITO RARO ENTRE OS ACADÉMICOS CHINESES ”

PAUL PANG

Dois anos mais tarde, em 2015, por ocasião do 10.º aniversário da inscrição do Centro Histórico de Macau na Lista do Património Mundial, o Governo funda a Academia Jao Tsung-I com o objectivo de dar a conhecer ao público os feitos académicos e artísticos do reputado professor e “promover a cultura e artes tradicionais chinesas”.

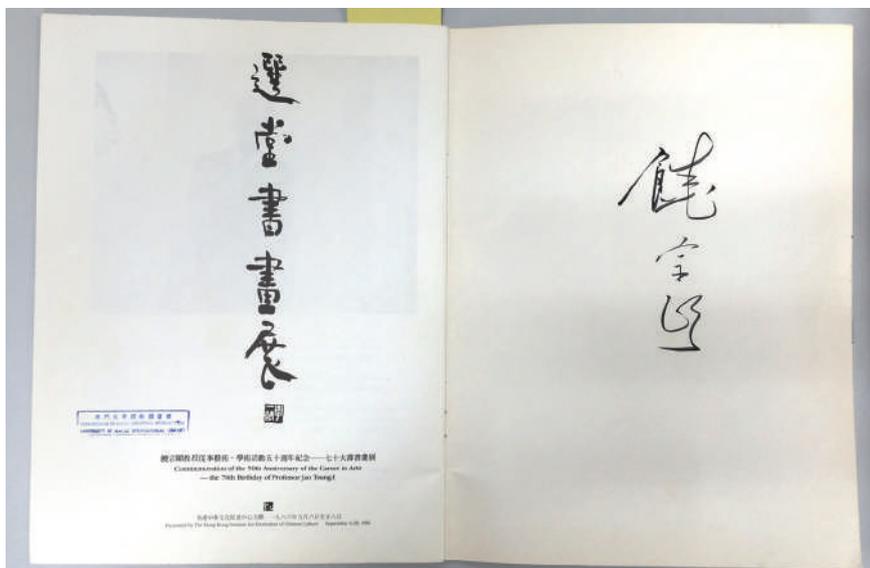
A notícia da morte do “grande mestre”, no passado dia 6 de Fevereiro, foi recebida com “grande consternação e surpresa”, como referiu o Chefe do Executivo, numa mensagem de condolências. “Jao Tsung-I foi um famoso historiador, paleógrafo, literato, calígrafo e educador, cuja fama cruzou mares. Durante toda a sua vida, divulgou a cultura chinesa, contribuindo de forma importante para o ensino superior e a investigação académica em Macau”, escreveu Chui Sai On.

“Ele dedicou toda a vida a promover a sinologia, com conquistas notáveis na arte e na literatura. A determinação do professor Jao na sua busca académica é um excelente exemplo para todos nós”, sublinhou, por seu turno, a Universidade de Macau, destacando ainda o seu “inovador contributo” para a UM no estabelecimento e desenvolvimento da disciplina de Macaulogia.



“Ele amava muito o seu país e tinha uma grande paixão pelos estudos chineses. Ele foi muito activo na aprendizagem e rigoroso na pesquisa, estudou persistentemente ao longo de muitos anos, mantendo um forte espírito de busca pelo conhecimento e visão global”, sublinha Paul Pang, para quem Jao Tsung-I, um homem à frente do seu

tempo, deve ser um modelo para as futuras gerações: “Ele foi um homem do mundo não apenas no âmbito dos estudos académicos. O intercâmbio com outras culturas permite-nos conhecer e compreender o outro, o que também torna o mundo num lugar melhor” e esse é um dos ensinamentos que Jao Tsung-I deixa. ■



Um livro da sua vasta colecção autografado por Jao (abaixo) e um exemplo da sua pintura (à direita)

BIENAL DE ARQUITECTURA DE VENEZA

A cartada de Macau

T DIANA DO MAR **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

A carta de jogo figura como o elemento base do projecto que vai representar Macau na Bienal de Arquitectura de Veneza que inaugura em Maio. Simboliza o rápido crescimento económico, mas vai muito além disso. Manipulada de diferentes formas desvenda espaços públicos com uma singular relação de proximidade e interacção com quem os utiliza



NÃO FOI por sorte ou acaso que a carta de jogo foi escolhida como peça-chave do projecto que vai representar Macau na Bienal de Arquitectura de Veneza. Seleccionada pelo que desde logo simboliza – o rápido crescimento económico –, surge como “nota introdutória” da própria cidade e de cada um dos quatro espaços públicos retratados – curiosamente tantos quantos os naipes de um baralho de cartas convencional –, mas o seu papel é transversal.

“Queremos usar a carta de jogo como elemento em vez dos tradicionais materiais de construção, como telhas ou tijolos, para criar novos espaços através de diferentes configurações”, diz uma breve descrição do projecto da autoria de Manuel Lam, Eddie Leong, Vong Ka Ian e Benny Chu, que busca conferir à carta de jogo um novo símbolo: pessoas. “Os nossos espaços são construídos por cartas, tal como a sociedade é construída por pessoas.”

Este ano, a Bienal de Arquitectura de Veneza encontra-se subordinada ao tema “Espaço Livre”, “englobando a imaginação, períodos e memórias de liberdade, pegando em ligações do passado, presente e futuro para unir o antigo com o moderno, tendo por base aspectos culturais que advêm de tradições continuadas”, segundo o Instituto Cultural (IC). Um conceito que, na perspectiva do júri, o projecto vencedor soube alcançar: “Faz uso de características da cidade e incorpora elementos com valor cultural”, “apresentando o tradicional de uma nova forma”, o que lhe confere “bastante interesse e unicidade”.

Interpretar o conceito de “Espaço Livre” à luz do contexto de Macau para tentar dar à audiência um olhar diferente foi um dos maiores desafios, conta Manuel Lam à MACAU. “O que pode Macau oferecer além dos famosos casinos ou das igrejas, por exemplo? O que faz um espaço de Macau mesmo especial?” A resposta acaba por sair de um exercício de “abstracção”. “Esses ‘espaços livres’ facultam não apenas liberdade em termos físicos, mas também em termos de imaginação” e, neste sentido, “é-lhes imputado um significado mais profundo através do uso – fortuito ou intencional – que os residentes de Macau lhes deram ao longo do tempo”.

Espaços livres

Quatro espaços com essas “características especiais” foram identificados e cada um vai ocupar uma sala no Pavilhão de Macau na Bienal de Arquitectura de Veneza. O mercado foi um deles, porque “o envolvimento das pessoas o torna num lugar peculiar”, explica Manuel Lam. “Sobretudo por causa das elevadas rendas, eles [vendedores] não têm muito espaço para colocar as coisas e penduram-nas no tecto, fazem isso com as roupas, por exemplo. Isso é-lhes permitido, o que acaba por ser interessante e por se tornar numa marca muito característica da rua, criando uma atmosfera diferente”, exemplifica. Para representar essa peculiar realidade, a sala dedicada ao mercado vai ter “um tecto de tecidos”, com camadas de pedaços de pano que filtrando a luz e o som pretendem proporcionar uma



“experiência de calma”, ao gerar um ambiente meditativo dentro de uma Macau contrastadamente agitada que chega por via de imagens projectadas.

Numa outra divisão, o espaço do jardim, em concreto, o Lou Lim leoc, com uma estrutura composta por faixas de cartas de jogo curvadas a remeter para a ponte com nove curvas sobre o lago do mais tipicamente chinês dos jardins de Macau e um dos raros espaços verdes urbanos. “O que o torna especial acaba por ser a sua história, dado que deixou de ser um jardim privado para se tornar num espaço público graças à acção do Governo”, sublinha Manuel Lam.

Segue-se “uma experiência totalmente diferente” proporcionada pelo terceiro espaço: um complexo de habitação pública. “Cada habitante coloca o que quer na fachada do prédio, cada casa tem as suas próprias coisas. Essa miscelânea confere uma certa característica a esse espaço.” Neste caso, explica Manuel Lam, a equipa recorre a um espelho, dado que o reflexo vai gerar uma fachada repetida, criar uma sensação de espaço infinito, mostrando como “um espaço monolítico pode ser muito individualizado”. Já caixas mais salientes do que outras tentam imitar as gaiolas de ferro que caracterizam grande parte dos edifícios residenciais de Macau.

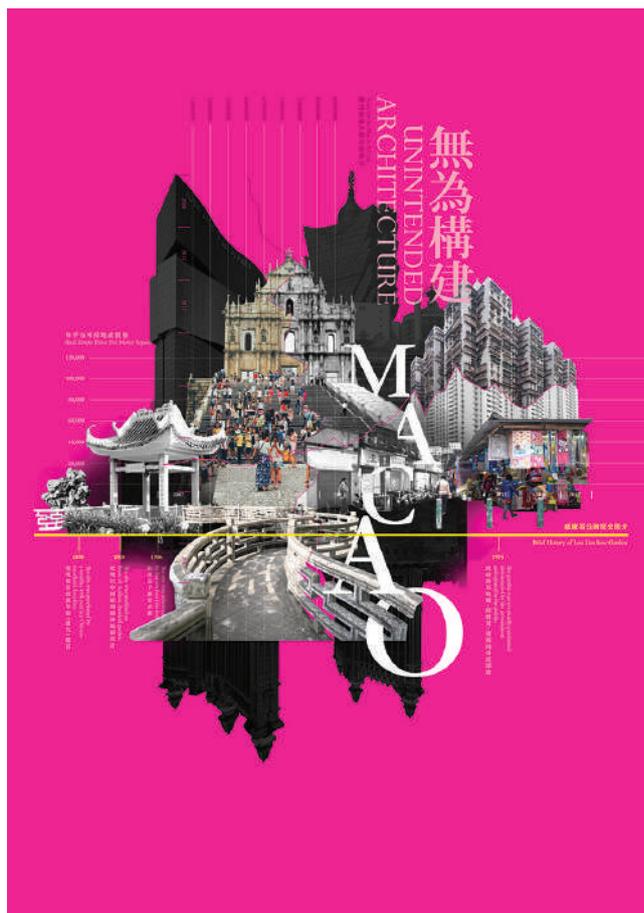
Escadas, em concreto, as das Ruínas de São Paulo, constituem o quarto espaço livre. “Actualmente são muito diferentes do que eram há 10 ou 20 anos. São como um espaço que foi devolvido às pessoas. Hoje em dia, como o turismo cresceu, tornaram-se instalações, espaços e até palco para actuações e eventos”, sustenta Manuel Lam.

A servir de guia do pavilhão de Macau está, claro, uma carta de jogo. Essa carta inicial reúne os quatro espaços, mas sobreposta por outra, de folha de acetato, deixa saliente apenas um deles, introduzindo a sala em causa. “Tentamos tornar a exposição interactiva”, realça Eddie Ieong, para quem “a experiência se torna mais memorável, até porque é algo se pode levar”, como se de um cartão postal se tratasse.

Principais desafios

O trabalho segue intenso, porque até à abertura da Bienal de Arquitectura de Veneza, ainda há muito por fazer. Os desafios, esses, surgiram logo no momento da submissão da candidatura. “O primeiro foi encontrar a mensagem para o nosso projecto. Saber o que significa ‘Espaço Livre’ em Macau, identificar as suas qualidades, chegar a um acordo sobre o tema; depois pensar nos materiais e fazer uma estrutura estável”, diz Vong Ka Ian, a única voz feminina do grupo. Já para Eddie Ieong, a mais difícil é a fase de preparação. “A maioria das coisas tem de estar pronta aqui antes de ser enviada por barco. Temos passado muito tempo a fazer modelo a modelo, a garantir que está tudo de acordo com as regras...”

Não é pois de estranhar um ligeiro nervoso miudinho quando se fala de prazos. Apesar de serem uma “equipa muito trabalhadora” e da dedicação “fora de horas”, como descreve Benny Chu, travavam uma corrida contra o tempo. Afinal, foram escolhidos em finais de Dezembro para repre-



sentar Macau, em meados de Fevereiro celebrou-se o Ano Novo Lunar, altura em que as empresas fecham durante vários dias, e o carregamento com destino a Itália tinha largada prevista para Março. Já a equipa segue para Veneza em Maio, dispondo sensivelmente de uma semana para montar o projecto. “Há modelos enormes que temos de construir, duas mãos não chegam”, explica Vong Ka Ian.

Do projecto fica já uma lição aprendida: “a importância do envolvimento público” no espaço, ora na feita, ora no plano das ideias para que se torne mais útil, por exemplo, e de “o tornar mais orientado para as pessoas”, resume Manuel Lam, para quem representar Macau na Bienal constitui “definitivamente uma pressão”, ainda que, em simultâneo, uma “oportunidade extremamente excitante”.

Eddie Ieong sintetiza o sentimento geral do jovem grupo de arquitectos, com uma idade média de 30 anos, que se junta pela segunda vez em torno de um projecto em comum: “Tentamos o nosso melhor para levar o melhor de Macau a um palco internacional”.

A 16.ª Bienal de Arquitectura de Veneza, um dos mais influentes eventos de arquitectura do mundo, vai decorrer entre 26 de Maio e 25 de Novembro. ■



■ **Manuel Lam** formou-se nos Estados Unidos. Primeiro, tirou a licenciatura em Arquitectura em Berkeley, na Califórnia, depois o mestrado em Harvard. Seguiu-se um estágio na Foster & Partners em Londres, antes de partir para Boston, onde esteve ao serviço da Sasaki Associates. Depois de mais de sete anos de experiência no estrangeiro, regressou a casa e constituiu a Volks Design & Research Consulting, antes de unir forças, já em 2018, com Eddie leong para lançar a EdVolks Architecture Design.



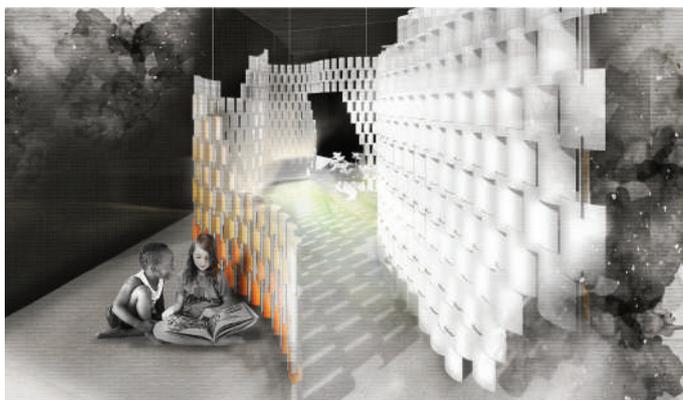
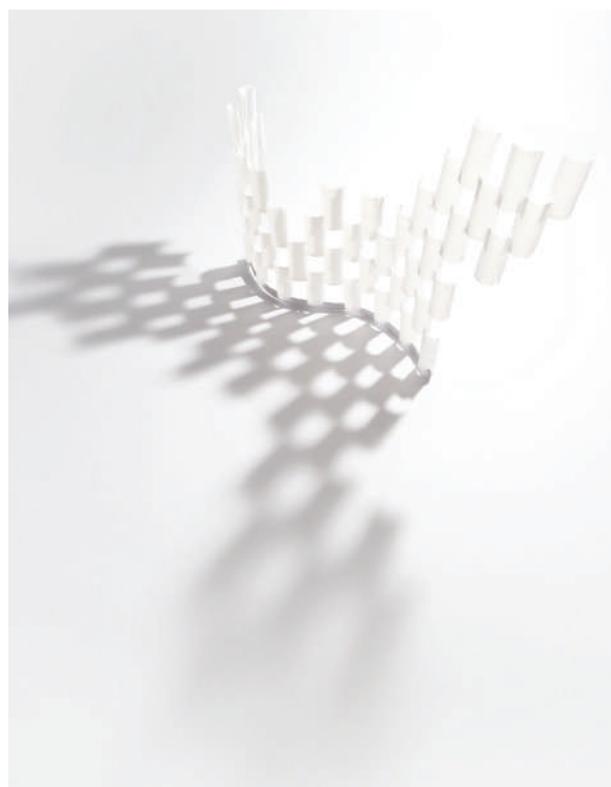
■ **Eddie leong** também foi estudar para fora, concluindo o seu mestrado em Arquitectura na Austrália. Após voltar a Macau, trabalhou na Aedas e na JWCC Architecture para se inteirar sobre o que por cá se fazia. Em 2017, co-fundou a Eddie leong Architects e, este ano, juntou-se então a Manuel Lam na nova EdVolks Architecture Design.



■ **Vong Ka Ian**, a única mulher do grupo e a mais jovem, foi para Taiwan estudar. Terminada a licenciatura, em 2013, voltou a casa, iniciando-se na Omar Yeung Architect, onde esteve desde então até ao ano passado, antes de se mudar para a Eddie leong Architects.



■ **Benny Chu Hou San** foi o único do grupo que tirou a licenciatura em Macau, em concreto, na Universidade de São José. Durante o seu percurso académico foi nomeadamente um dos representantes da USJ na Tokyo Designer Week 2013. Depois de terminar o curso, esteve ligado a projectos de design de interiores e na área da hotelaria. Actualmente, trabalha também na Eddie leong Architects.



收藏

澳門郵票

Colecção Selos de Macau

Collect Macao's Stamps

發行 ISSUE 01/03/2018



澳門2018第35屆亞洲國際集郵展覽
 MACAO 2018 - 35TH ASIAN INTERNATIONAL STAMP EXHIBITION
www.macao2018.org.mo

21 - 24 / 09 / 2018



快分享到朋友圈
 一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU
 電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491 傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603
 電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo 網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
 Correios e Telecomunicações de Macau



FAM EXPLORA “ORIGENS” E PRODUÇÕES REGIONAIS

O Festival de Artes de Macau, que decorre entre 27 de Abril e 31 de Maio, “procura explorar outros espectáculos que não os ocidentais”, revelou a presidente do Instituto Cultural na apresentação do programa. Nesta edição os espectáculos oriundos do continente asiático totalizam 23 por cento da programação total

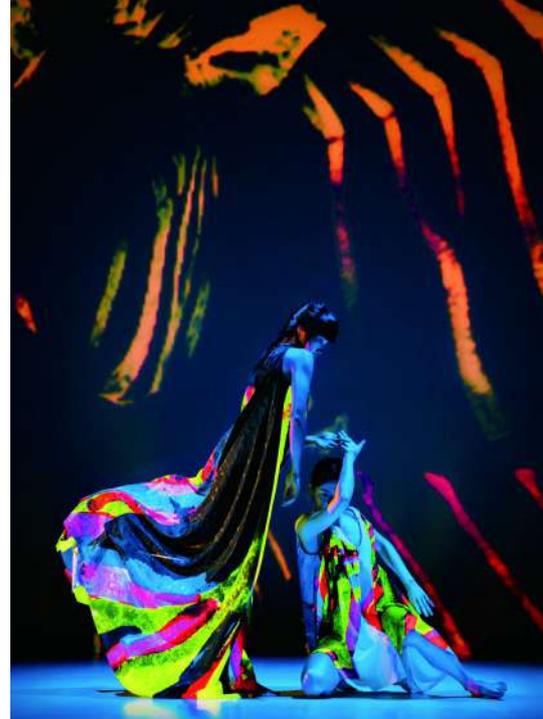
T CATARINA DOMINGUES

A 29.ª edição do Festival de Artes de Macau (FAM) parte este ano numa viagem em busca das “origens” – esse é o tema desta edição – e a proximidade geográfica é um dos pontos de partida. “Esta edição inclui espectáculos provenientes de 11 países e regiões, que revelam não só arte de vanguarda, como procuram explorar outros espectáculos que não os ocidentais”, disse a presidente do Instituto Cultural na apresentação do cartaz do próximo FAM, que decorre entre 27 de Abril e 31 de Maio. Mok Ian Ian referiu que nos anos anteriores

os espectáculos apresentados por artistas e companhias asiáticas totalizavam cerca de 15-16 por cento da programação total, sendo que este ano houve um aumento para 23 por cento. China, Filipinas, Japão e Coreia do Sul são alguns dos países que representam esta região do globo. Cabe a “Das Kapital” a grande abertura. No ano em que se assinala o 200.º aniversário do nascimento de Karl Marx, a peça de teatro apresentada pelo Centro de Artes Dramáticas de Xangai traz uma nova versão do clássico do pensador alemão. “Ao incorporar teorias ocultas com tópicos sociais actualmente em

aceso debate, como a crise financeira e a especulação imobiliária, a peça ilustra as duas faces do capital recorrendo ao humor negro”, pode ler-se no programa distribuído aos jornalistas.

Das Filipinas chega “Acompanhante”, trabalho da coreógrafa e bailarina Eisa Jocson. A artista sobe ao palco do Edifício do Antigo Tribunal nos dias 12 e 13 de Maio. Esta é uma viagem pelos sentidos e pelo Japão, descreve a organização. “Nos clubes de acompanhantes de Tóquio, mulheres e transexuais das Filipinas dedicam-se a prestar um ‘serviço de afectos’, desempenhando um papel



de companhia feminina, destinado sobretudo aos trabalhadores de colarinho branco.”

Ainda de acordo com declarações prestadas pela presidente do Instituto Cultural, a edição deste ano, que traz a Macau 26 espectáculos e mais de 100 eventos, revela também uma maior “interactividade entre artistas locais e estrangeiros”. “Pôr-do-Sol nos Estaleiros”, pela Dream Theatre Association, aborda o percurso da indústria da construção naval em Macau; a peça de teatro “Migrações”, criada pelo Teatro Experimental de Macau, explora o tema actual da imigração e traz ao palco trabalhadores emigrantes.

Na 29.ª edição do festival, a tradição mantém-se e “os clássicos das artes tradicionais refinam-se com o tempo”, nota o Instituto Cultural. Em “O Sonho da Câmara Vermelha” vive-se um amor impossível.

Chu Chan Wa, veterano da ópera cantonense de Macau, colabora aqui com um grupo de artistas locais para dar a conhecer ao público este clássico da literatura chinesa.

29.º FESTIVAL DE ARTES DE MACAU

27 DE ABRIL – 31 DE MAIO DE 2018
PROGRAMA COMPLETO: [HTTP://WWW.ICM.GOV.MO/FAM/29/PT/](http://www.icm.gov.mo/fam/29/pt/)



Parasomnia

Teatro imersivo com recurso a instalações de imagens e sons leva os espectadores a reflectirem sobre os estados de sono e consciência através de artes visuais, poemas e sugestões interactivas. A artista portuguesa Patrícia Portela transforma a Casa do Mandarim em várias divisões, incluindo sala de estar, quarto, casa de banho, sala de leitura e sala-mistério.

2-6 DE MAIO DE 2018

CASA DO MANDARIM

Bilhetes a MOP 150



Qui Di Tacho? (Que é do Tacho?)

O Grupo de Teatro Dóci Papiçam di Macau volta a subir ao palco do Festival de Artes de Macau para apontar os males sociais através do sarcasmo. Gastronomia e outros assuntos actuais são os ingredientes deste trabalho que tem com o objectivo pôr as pessoas a reflectir.

19-20 DE MAIO DE 2018

CENTRO CULTURAL DE MACAU

Bilhetes a partir de MOP 150



Júlia Irritada

A peça relata um conflito de amor e luxúria entre Júlia, filha de um conde, e Jean, o criado do conde. “Como é que nós, que vivemos numa cidade asiática pós-colonial do século XXI, vemos as questões de poder, classe e identidade subjacentes à peça?”, lê-se no programa do Instituto Cultural. Uma equipa de artistas de Macau e de Singapura, liderada por Nelson Chia, director artístico da companhia Nine Years Theatre, apresenta a obra do dramaturgo sueco August Strindberg, Menina Júlia.

11-12 DE MAIO DE 2018

TEATRO DOM PEDRO V

Bilhetes a partir de MOP 180



Rua Vandenbranden, 32

Seis habitantes de uma comunidade que vive numa montanha enfrentam a solidão. O grupo belga de teatro físico Peeping Tom é conhecido por desenvolver trabalhos provocadores e vai apresentar “uma colisão hiper-realista com feitos físicos de nos deixar boquiabertos”, escreve o Instituto Cultural. Com banda sonora de Bellini, Stravinsky e Pink Floyd, a peça foi inspirada no filme “A Balada de Narayama”, de Shohei Imamura, onde uma mulher idosa é levada pelo filho para o topo da montanha para ali morrer.

5 DE MAIO DE 2018

CENTRO CULTURAL DE MACAU

Bilhetes a partir de MOP 120



ARTE NO FEMININO

“Mulheres Artistas – 1.ª Bienal Internacional de Macau” apresenta obras de 132 mulheres artistas de 23 países e regiões. “As mulheres estão a ocupar um espaço que é o seu no mundo da arte e isso não é um fenómeno passageiro”, revelou o curador do evento José I. Duarte

T CATARINA DOMINGUES

Ainda há um ano, o Albergue SCM assinalava o Dia Internacional da Mulher com 28 trabalhos de artistas lusófonas. “Uma tentativa de fazer uma aproximação a



um grande evento com arte de mulheres”, recorda José I. Duarte, co-organizador dessa exposição. Um ano depois nascia então “Mulheres Artistas – 1.ª Bienal Internacional de Macau”: são 142 obras de 132 mulheres artistas provenientes de 23 países e regiões. Do acervo do Museu de Arte de Macau, que organizou a mostra em parceria com o Albergue SCM, foram escolhidos 41 trabalhos, produzidos entre a década de 1970 e os dias de hoje; os restantes 101 são da responsabilidade dos curadores José I. Duarte e Lina Ramadas, que representam a Galeria 57 Macau. A portuguesa Paula Rego trouxe a



Macau “Nossa Senhora das Dores”, parte de uma série de pinturas com base na obra “A Relíquia” de Eça de Queirós, um dos escritores de eleição da artista, que se fez representar na inauguração pela filha Victoria Willing. A mostra reúne, além disso, outros nomes consagrados da pintura portuguesa, como é o caso de Vieira da Silva e Graça Morais. Nela Barbosa, de Cabo Verde, Isabel Teixeira de Sousa, de Angola, e Manuela Jardim, da Guiné-Bissau, são algumas das artistas oriundas dos países de língua portuguesa, embora muitas outras geografias estejam aqui representadas, como é o caso da China, Estados Unidos, Irão, Espanha, entre outras.

“Esta procurou ser uma mostra com mulheres de todo o mundo, mostrando diferentes temáticas, diferentes técnicas, e o objectivo principal foi mostrar que a arte feita por mulheres está viva, criativa e dinâmica, e que as mulheres estão a ocupar o seu espaço por mérito, talento e não por outras razões”, disse à MACAU o curador José I. Duarte. Ao grupo de artistas representadas nesta primeira bienal, juntam-se ainda nomes de Macau, como é o caso de Marta Ferreira, Sofia Bobone e Ana Jacinto Nunes. Aqui houve uma “preocupação diferente”, nota ainda o curador, revelando que na secção local encontram-se “sobretudo artistas mais jovens”.

“Não são ainda artistas consagradas, não têm uma grande obra, mas achámos que era importante dar essa simbologia também à iniciativa. As mulheres estão a ocupar um espaço que é o seu no mundo da arte e isso não é um fenómeno passageiro, é um fenómeno que tem continuidade, porque se nós olharmos – e Macau é um bom exemplo disso - para as gerações mais novas, a presença das mulheres é fortíssima nessas gerações”, concluiu José I. Duarte.

MUSEU DE ARTE DE MACAU

ATÉ 13 DE MAIO DE 2018

Entrada livre



Marc Chagall, Luz e Cor no Sul de França

“Marc Chagall: Luz e Cor no Sul de França” explora a omnipresença da luz e da cor nos seus trabalhos das décadas de 1950 a 1970, inspirados no deslumbrante mar Mediterrâneo e nas paisagens brilhantes da Riviera Francesa”, escreve a organização da primeira exposição em Macau dedicada ao pintor.

ENTRE 1 DE JUNHO E 26 DE AGOSTO DE 2018
MUSEU DE ARTE DE MACAU

Entrada livre

Din Dong x Taipa Village Creative Art Competition

A Associação Cultural da Vila da Taipa apresenta 75 trabalhos de arte criados por estudantes que participaram na competição “Din Dong x Taipa Village Creative Art Competition” de 2017. De acordo com a organização, esta mostra tem como objectivo “reconhecer talentos excepcionais entre os jovens locais e oferecer-lhes uma plataforma onde possam demonstrar a sua criatividade”.

ATÉ 13 DE ABRIL
TAIPA VILLAGE ART SPACE

Entrada livre

Pinacotroca

Os trocadilhos são jogos de palavras que exploram os múltiplos significados dos termos e expressões, ou de palavras que têm sonoridade semelhante, com um efeito humorístico ou retórico propositado. Reconhecendo nesse processo um potencial para criar imagens ambíguas e bizarras, Rodrigo de Matos, cartoonista editorial a residir em Macau, transpõe as barreiras do possível para produzir 30 pinturas e ilustrações do mundo surreal e visualmente absurdo.

ATÉ 21 DE ABRIL DE 2018
CREATIVE MACAU

Entrada livre

Centro Ecuménico Kun Iam

Com a passagem do tufão Hato por Macau, esta galeria dependente do Museu de Macau sofreu danos no interior e exterior. Recentemente reaberto, o público pode visitar a Sala de Contemplação no piso superior, cuja cúpula está repleta de imagens e textos relacionados com o budismo, taoísmo, confucionismo, entre outros. No andar inferior encontra-se a Sala Polivalente e uma pequena biblioteca com mais de 800 livros e material audiovisual sobre filosofia e religião.

ABERTO ENTRE 10H00 E 18H00 (ENCERRA ÀS SEXTAS)

Entrada livre

VERSOS QUE NASCEM ENQUANTO ACONTECEM CIDADES

A obra poética ...o sol, logo em nascendo, vê primeiro encerra a estadia de cinco anos de Carlos André em Macau, onde foi coordenador do Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa do Instituto Politécnico



T CATARINA DOMINGUES

Shiheze. O longe é um abraço a arder de sede / em Shihezi onde a sede era o deserto. Carlos André escreve estas linhas desde a Região Autónoma Uigur de Xinjiang, no Noroeste da China. O deserto é Gobi e este é o lugar “mais estranho” por onde passou ao serviço da língua portuguesa. Antigo director da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Carlos André chegou à RAEM há cerca de cinco anos para assumir o cargo de coordenador do Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa

do Instituto Politécnico de Macau. ...o sol, logo em nascendo, vê primeiro, obra poética que lançou no final de Janeiro, encerra aquela que considera ser uma “das mais enriquecedoras experiências” de vida. Editado pela Livros do Oriente, esta é a terceira obra de poesia do autor, cujo título foi inspirado na oitava estrofe do canto primeiro d’*Os Lusíadas*. Carlos André olha a China, enquanto procura compreendê-la. “É um olhar de poeta ou de alguém que pretendeu ser poeta quando olhou e quando escreveu. Acho que

é um olhar de encanto, de fascínio e também de algum estranhamento, porque a verdade é que a todos os sítios onde eu fui, era um estranho. Também é um olhar de descoberta”, revela o autor à MACAU. Xi’an. *A planície, passo a passo, ali ao lado/ um vigia em sobressalto na muralha, / como a sombra de uma adaga que não falha / e assim fende o futuro e o passado.* O poeta

PARA LER



Seis em ponto **Praia Grande Edições, 2018**

Sexto volume da colecção “Contos e Outros Escritos do Festival Literário de Macau – Rota das Letras”. O volume inclui 34 trabalhos de autores que participaram na edição do ano passado, entre eles Bruno Vieira Amaral, Qin Wenjun e Brian Castro. Este ano, além de prosa, poesia e ensaios, a colecção conta com uma série de novidades, incluindo trabalhos de Banda Desenhada, um exercício de escrita de Jessica Faleiro e a letra de

uma música que Sérgio Godinho escreveu sobre Macau. A edição conta ainda com os textos vencedores da sexta edição do concurso de contos da Rota das Letras nas três categorias – chinês, português e inglês.



Diáspora Macaense: territórios, itinerários e processos de integração (1936-1995)

Alfredo Gomes Dias
Instituto Cultural da RAEM, 2016

A obra de autoria de Alfredo Gomes Dias, estudioso da história portuguesa e mestre em Espaço Lusófono, inclui um capítulo sobre

o “Sistema migratório internacional na segunda metade do século XX” e outros dois que abordam a diáspora macaense, entre os anos 1842-1936 e, numa segunda fase, entre 1936 e 1995.

tinha chegado há cerca de um mês a Macau, quando visitou a antiga capital do império, acompanhado por Lei Heong Iok, presidente do Instituto Politécnico de Macau, e James Li, professor no mesmo estabelecimento de ensino. “Foi o primeiro poema que nasceu deste meu vaguear”, referiu durante o lançamento do livro.

“Devo dizer que o que me surpreendeu foi quando, regressando dos guerreiros de Terracota, e antes de dar um passeio pelo lusco fusco na muralha, o professor James Li me levou a ver as termas da concubina e foi exactamente aquele olhar com que ele me contou e depois o passeio da muralha que me levou à noite a escrever um poema, que deu origem a esta ideia de escrever um livro de poemas sobre a China”, revelou na ocasião.

E foi assim que, à semelhança de outras viagens, “foram nascendo versos à medida que iam acontecendo cidades”, sintetiza Carlos André. Aconteceu ainda Shijiazhuang, cidade sem verdura; Dalian, onde o norte se despenha; o Buda Gigante de Leshan, sentado ante os três rios. E aconteceu também Macau, a origem de sete poemas.

Carlos André não se limitou, porém, à China. A passagem por outras geografias, como o Líbano, Japão,

FUNDAÇÃO RUI CUNHA



Vietname ou Camboja ficou também registada neste volume, que reúne 41 poemas e 51 fotografias do autor. Ainda durante o lançamento em Macau, Vera Borges, professora na Universidade de São José, referiu que este mais recente trabalho poético de Carlos André coloca o leitor “ante alguns dos princípios fundamentais que presidem à poesia maior de todos os tempos”: “É um livro que nos convida a meditar sobre o que há de intemporal na

oficina da poesia. Sobre o valor axial, por um lado, da aventura das descobertas no imaginário de alguma poesia que em português se escreve, por outro, sobre o valor fundador do testemunho poético que de uma peregrinação exemplar nos deixou Camões”.

...O SOL, LOGO EM NASCENDO, VÊ PRIMEIRO
CARLOS ANDRÉ
LIVROS DO ORIENTE, 2018



Paisagem Pitoresca: Fotografias Aéreas de Macau Captadas por Chan Hin lo

Instituto Cultural da RAEM, 2017

Captação de imagens aéreas de vários cenários de Macau, incluindo edifícios, festividades, pontes, projectos de construção, entre outros. Enquanto fotografava, Chan Hin lo gravou também um vídeo,

com o objectivo de “permitir ao público experienciar o processo de fotografia aérea e ter percepção da beleza de uma vista que funde céu e paisagem”, escreveu o Instituto Cultural sobre o trabalho.



Manuel da Silva Mendes: Memória e Pensamento

**António Aresta, Amadeu
Gonçalves e Tiago Quadros**
LIVROS DO ORIENTE, 2017

A obra inclui três ensaios da autoria de António Aresta, Amadeu Gonçalves e Tiago Quadros, os dois primeiros sobre a vida do autor e o segundo sobre a Vila Primavera, morada de Manuel da Silva Mendes em Macau. Com cerca de 600

páginas, o volume reúne ainda todos os textos de Manuel da Silva Mendes sobre Arte, Filosofia e Religião, Cultura e Tradições Chinesas, publicados na imprensa e em formato livro.



GALERIA DO TAP SEAC 1980



F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

LOCALIZADA NO número 95 da Avenida do Conselheiro Ferreira de Almeida, o edifício onde se encontra hoje a Galeria do Tap Seac foi em tempos residência de uma abastada família de Macau. Construído nos anos de 1920, este edifício de dois andares serviu também de casa de serviços da administração e integra actualmente a zona histórica do Tap Seac, sendo considerado património classificado.

O exemplar apresenta paredes exteriores em amarelo-ocre e vermelho-tijolo, que combinam com as persianas de madeira, com o design rendilhado das janelas e os elementos verticais das portas e janelas em arco de estilo mourisco.

De forma a promover o gosto pelas artes e estimular a criatividade local, foi inaugurada a 5 de Dezembro de 2003 a Galeria do Tap Seac, que acolhe actualmente exposições e outros eventos culturais. Com cerca de 400 metros quadrados, o espaço é gerido pelo Instituto Cultural da RAEM.

Esta fotografia cedida pelo Arquivo Histórico – cujo edifício, aliás, se encontra à esquerda da Galeria do Tap Seac – data da década de 1980. Nessa altura, a construção encarava ainda uma das extremidades do Campo de Educação Física da Caixa Escolar (conhecido também como Campo do Tap Seac), que foi substituído, em 2007, pela actual Praça do Tap Seac.



第六屆澳門國際旅遊（產業）博覽會

6.^a Expo Internacional de Turismo (Indústria) de Macau

6th Macao International Travel (Industry) Expo

2018
4.27-29

澳門威尼斯人
金光會展D館
Hall D. Cotai Expo.
The Venetian Macao

主辦單位 Organizador Organizer :



澳門特別行政區政府旅遊局
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE

支持單位 Entidade de Apoio Supporting Entity :



中華人民共和國國家旅遊局
China National Tourism Administration

承辦單位 Coordenador Coordinator :



澳門旅行社協會
Associação das Agências de Viagens de Macau
Macao Travel Agency Association

協辦單位 Co-organizadores Co-organizers :



澳門特別行政區政府
Governo da Região Administrativa Especial de Macau
旅遊發展委員會
Conselho para o Desenvolvimento Turístico



澳門中華總商會
Associação Comercial de Macau
The Macao Chamber of Commerce



澳門工會聯合總會
Federação das Associações dos Operários de Macau
Macao Federation of Trade Unions



澳門街坊會聯合總會
União Geral das Associações dos
Moradores de Macau



澳門婦女聯合總會
Associação Geral das Mulheres de Macau
The Women's General Association of Macau



澳門歸僑總會
Associação Geral dos Chineses Ultramarinos de Macau
Association of Returned Overseas Chinese Macau



澳門旅遊業議會
Associação de Indústria Turística de Macau
Travel Industry Council of Macau



澳門旅遊商會
Associação das Agências de Turismo de Macau
Association of Macao Tourist Agents



(853) 28703707
<http://www.cmitc.com>